

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO JORNALISMO**

Eduardo Gomes Rosa

**AS REPRESENTAÇÕES DE LUIZ HENRIQUE
SANFELICE NO JORNAL ZERO HORA**

**Porto Alegre
2012**

AS REPRESENTAÇÕES DE LUIZ HENRIQUE SANFELICE NO JORNAL ZERO HORA

Eduardo Gomes Rosa

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Ms. Daiane Bertasso Ribeiro

Co-orientadora: Dra. Marcia Benetti Machado

**Porto Alegre
2012**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo**

**A comissão examinadora, abaixo assinada,
aprova o Trabalho de Conclusão de Curso**

**AS REPRESENTAÇÕES DE LUIZ HENRIQUE
SANFELICE NO JORNAL ZERO HORA**

elaborado por
Eduardo Gomes Rosa

como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo

COMISSÃO EXAMINADORA:

Daiane Bertasso Ribeiro, Ms. (UFRGS)
(Presidente/orientadora)

Marcia Benetti Machado, Dra. (UFRGS)
(Co-orientadora)

Aline do Amaral Garcia Strelow, Dra. (UFRGS)

Sean Aquere Hagen, Dr. (UFRGS)

Porto Alegre, 14 de dezembro de 2012.

À minha mãe, que me ensinou a importância do estudo e não pôde estar aqui para assistir a mais uma etapa da minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares de forma geral e ao meu pai em particular, pelo sustento e por acreditar na minha capacidade de trabalho. A Bruno, Carolina, Luísa e Mariana – meus primos e minhas irmãs –, que compartilharam de suas vidas comigo em uma cidade que não é a nossa.

Aos meus colegas de trabalho pelo companheirismo ao longo de mais de três anos dentro da mesma redação. A Diego Araujo, Marcelo Ermel e Rossani Thomas pela confiança e pelas oportunidades.

À minha orientadora, Daiane Bertasso Ribeiro, pela paciência, pela disponibilidade e pelos ensinamentos. À Marcia Benetti Machado, minha professora e co-orientadora, por ter sido exemplo e ter contribuído para a minha formação. Por último, aos professores Aline Strelow e Sean Hagen, pela avaliação deste trabalho.

RESUMO

Propomos, neste trabalho, compreender como o jornal Zero Hora construiu a representação do empresário de Novo Hamburgo Luiz Henrique Sanfelice, condenado pelo assassinato da mulher, desde 2004 até 2012. Para tanto, identificamos quais sentidos os textos apresentavam sobre Sanfelice. A seleção do corpus levou em conta todas as reportagens publicadas sobre o caso, mas foram excluídos os espaços de opinião – tanto de colunistas e articulistas quanto de leitores – e notas. Por meio da análise do discurso, encontramos 281 sequências discursivas (SD's) em 68 textos, que compõem cinco formações discursivas (FDs): “O inocente” (FD 1), com 41,28% das SD's; “O suspeito” (FD 2), com 27,04% das SD's; “O homem frio e calculista” (FD 3), com 12,81% das SD's; “O criminoso especializado” (FD 4), com 16,37% das SD's; e “O arrependido” (FD 5), com 2,49% das SD's. A análise nos permitiu perceber a tentativa do jornal em fazer uma cobertura relativamente equilibrada do caso (56,22% de SD's negativas e 43,77% de SD's positivas) – mesmo após a condenação e a fuga, buscou mostrar o contraponto do empresário e de seus advogados. No entanto, a representação de Sanfelice em Zero Hora foi mais negativa do que positiva.

Palavras-chave: Jornalismo; Zero Hora; Representação; Luiz Henrique Sanfelice; Jornalismo policial.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – ZH, 17/06/2004, p. 42.....	37
Figura 2 – ZH, 20/06/2004, p. 42.....	45
Figura 3 – ZH, 25/06/2004, p. 48.....	49
Figura 4 – ZH, 06/05/2010, p. 58.....	54
Figura 5 – ZH, 17/02/2011, p. 44.....	55

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
1.1. Justificativa.....	09
1.2. Objetivos.....	11
1.3. Metodologia.....	11
1.4. Estrutura do trabalho.....	12
2. NOTÍCIA, REPRESENTAÇÃO E JORNALISMO POLICIAL.....	14
2.1. Critérios de noticiabilidade.....	14
2.2. Representando por meio da linguagem.....	19
2.3. O jornalismo como conhecimento e formador de opinião.....	22
2.4. Jornalismo, violência e editoria de polícia.....	25
3. O CRIME.....	28
3.1 Do corpo encontrado à extradição.....	28
4. ANÁLISE DO DISCURSO COMO PERSPECTIVA TEÓRICO- METODOLÓGICA.....	36
4.1. As cinco diferentes representações de Sanfelice.....	37
4.1.1. O inocente.....	37
4.1.2. O suspeito.....	45
4.1.3. O homem frio e calculista.....	49
4.1.4. O criminoso especializado.....	53
4.1.5. O arrependido.....	58
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	65
APÊNDICES.....	67

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a compreender a representação construída do empresário de Novo Hamburgo Luiz Henrique Sanfelice, condenado pelo assassinato da mulher, nas páginas do jornal Zero Hora, desde 2004 até 2012.

Após a conclusão das investigações, o empresário foi responsabilizado pela morte da jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, com quem era casado, que ocorreu em 2004. Beatriz, na época com 43 anos, desapareceu em 12 de junho de 2004, após sacar R\$ 1 mil da própria conta bancária. No dia seguinte, seu corpo foi encontrado carbonizado dentro do carro do marido, em um matagal em Novo Hamburgo, no Vale do Rio dos Sinos, cidade onde o casal residia. Inicialmente, Sanfelice surgiu nas páginas do jornal mostrando revolta com o crime e empunhando cartazes com pedido de justiça. Dias depois, o empresário despontou como o principal suspeito do assassinato da mulher e, em 19 de junho do mesmo ano, foi preso. Respondeu ao processo na prisão e, em dezembro de 2006, num júri que durou mais de 40 horas, foi condenado a 19 anos e três meses, por assassinato triplamente qualificado. A sentença previa inicialmente regime fechado, com direito a progressão ao regime semiaberto. Após a passagem para o semiaberto, Sanfelice fugiu para a Espanha em 2008. Em maio de 2010, seguindo orientações da Interpol, policiais espanhóis o capturaram em Sevilha. Mais tarde, foi deportado.

Nossa proposta é mapear os diferentes sentidos produzidos pelas reportagens de Zero Hora ao longo de oito anos, período em que o caso foi tratado com destaque pela imprensa gaúcha, justamente quando crimes isolados (que não impactam na vida da sociedade de forma direta) vêm perdendo força dentro das editorias de polícia dos grandes jornais. Pretendemos observar como Sanfelice foi tratado na época em que não era considerado suspeito pela polícia e como isso foi se modificando na medida em que as investigações foram evoluindo.

1.1. Justificativa

Estudar a representação de pessoas durante casos em que há investigações

– na polícia ou na Justiça – é importante, sobretudo, pelos diversos equívocos que a imprensa comete ao, antecipadamente, julgar e condenar ou inocentar suspeitos ou acusados. Coberturas de denúncias contra a Escola Base¹, em São Paulo, e contra ao então deputado federal pelo PMDB do Rio Grande do Sul Ibsen Pinheiro² são exemplos conhecidos no país.

O Caso Beatriz, mais tarde chamado de Caso Sanfelice, trata de um crime em que uma das aparentes vítimas da história, Luiz Henrique Sanfelice, marido da jornalista assassinada Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, acaba condenado por matá-la e queimá-la dentro de um carro. Isso traz à tona preceitos básicos do jornalismo, como distanciamento da história a ser narrada – a necessidade do jornalista de não deixar se envolver emocionalmente, pois, fazendo isso e tomando partido, corre o risco de prejudicar a apuração e a construção da reportagem.

Do ponto de vista dos leitores, acreditamos que esta pesquisa possa ser relevante pelo fato de que nem tudo que, subjetivamente, uma notícia passa significa verdade absoluta. Sanfelice foi considerado suspeito depois de dias em que Zero Hora o tratou como um viúvo arrasado pela brutal morte da mulher.

Outra razão pela qual este trabalho se faz importante é pesquisar um assunto pouco discutido no meio acadêmico. O Caso Sanfelice teve grande repercussão e foi amplamente abordado pela imprensa no Rio Grande do Sul, mas poucos estudos jornalísticos se propuseram a analisá-lo, como fez também a monografia de conclusão de curso de Marcelo Schmitz Collar, “Opinião Pública e a construção do personagem na cobertura do Caso Sanfelice pelo Jornal NH”, defendida em 2011, na Unisinos, e que se diferencia deste trabalho, principalmente, por analisar o Jornal NH (e não o Zero Hora).

Neste caso, Zero Hora tinha diante de si a oportunidade de planejar e executar uma grande cobertura, penetrar em uma região em que não é a líder de audiência. Em Novo Hamburgo, o Grupo Sinos tem mais público, graças ao jornal

¹ Caso em que os proprietários de uma escola de São Paulo, fechada em 1994, foram acusados de pedofilia com alunos de Educação Infantil. Depois de ampla cobertura da mídia, grande parte considerada equivocada ou sensacionalista, os proprietários foram inocentados.

² A reportagem de capa da revista Veja em novembro de 1993 mostrou transações de US\$ 1 milhão nas contas do ex-presidente da Câmara dos Deputados Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), e, conforme o jornalista que conseguiu o “furo”, Luís Costa Pinto, Ibsen estaria envolvido na Máfia do Orçamento. O deputado foi cassado. Onze anos mais tarde, foi inocentado. A movimentação, na verdade, seria de US\$ 1 mil.

NH, do que Zero Hora. Reportagens que, inicialmente, pareciam mostrar a ação de bandidos contra uma mulher inocente se revelou um crime, segundo a Justiça, com motivações passionais e financeiras, no qual uma das vítimas da história – Sanfelice – se revelou o culpado.

1.2. Objetivos

Nosso **objetivo geral** é compreender como o jornal Zero Hora construiu a representação do empresário de Novo Hamburgo Luiz Henrique Sanfelice, condenado pelo assassinato da mulher, de 2004 até 2012.

Para cumprir com a nossa proposta, nossos **objetivos específicos** são os seguintes:

- Identificar nas reportagens do jornal Zero Hora características gerais que ilustrem como o Caso Beatriz se transformou em Caso Sanfelice na medida em que as investigações foram avançando;
- Mapear os sentidos produzidos pelo jornal Zero Hora em relação ao empresário Luiz Henrique Sanfelice, desde 2004 até 2012.

1.3. Metodologia

Com o objetivo de identificar os sentidos presentes em reportagens do jornal Zero Hora sobre o ex-empresário Luiz Henrique Sanfelice, condenado por matar a mulher, a jornalista Beatriz de Oliveira Rodrigues, escolhemos como metodologia a análise de discurso de linha francesa. Isso se deu pelo fato de acreditarmos ser essa a metodologia mais adequada para alcançarmos o que nos propomos a fazer e por considerar que o jornalismo é uma prática discursiva que produz sentido acerca da realidade. Também por concordarmos que a análise do discurso permite que o pesquisador faça um mergulho no funcionamento do texto (STRELOW, 2007).

A análise dos textos foi guiada pela proposta de organização apresentada por Benetti (2007), na qual a pesquisadora propõe o mapeamento dos sentidos para a identificação das formações discursivas (FDs). Estas, por sua vez, são constituídas por sequências discursivas (SDs) que reiteram os sentidos.

Para cumprirmos com a nossa proposta, de compreender a representação de Luiz Henrique Sanfelice no jornal Zero Hora, optamos por analisar desde a primeira reportagem publicada sobre o caso, em 2004, até a última, em 2012, na editoria de polícia e nas páginas quatro e cinco, área considera nobre para matérias em Zero Hora. No corpus, não incluímos espaços de opinião – tanto de colunistas do jornal quanto de articulistas e leitores –, pequenas notas e chamadas de capa ou contracapa. Não foram apenas os textos das reportagens levados em conta: títulos, linhas de apoio e legendas de fotos também foram considerados.

Foram identificadas 281 sequências discursivas (SDs), presentes em 68 textos (Apêndice B), que constituem cinco formações discursivas (FDs) – FD 1 (O inocente), FD 2 (O suspeito), FD 3 (O homem frio e calculista), FD 4 (O criminoso especializado) e FD 5 (O arrependido).

1.4. Estrutura do trabalho

Este trabalho está dividido em cinco capítulos, a começar por esta introdução. No segundo capítulo, nos dedicamos a falar sobre o jornalismo de forma geral, dando ênfase a critérios de noticiabilidade, representação e jornalismo policial, considerando as mudanças que as editorias de polícia vêm sofrendo em relação à forma como trata os acontecimentos.

O terceiro capítulo trata do crime: desde o assassinato em si, passando pelos desdobramentos e pela situação atual. Para isso, foram utilizadas as matérias publicadas pela própria Zero Hora entre 2004 e 2012. A razão de contar a história com base nos textos produzidos pelo jornal se dá ao fato de que a investigação foi feita por diferentes órgãos, envolveu muitos depoimentos e versões contraditórias. Assim, nas reportagens, já existe um esforço de dar linearidade ao caso.

O quarto capítulo é voltado a mostrar a análise do discurso que fizemos, a fim de compreender os sentidos produzidos pelas reportagens de Zero Hora, nosso objeto de estudo.

O quinto e último capítulo é dedicado às considerações finais, na qual podemos observar que as cinco principais formas como Sanfelice foi representado foram recorrentes. Também foi possível perceber que Zero Hora mostra Sanfelice como

inocente, porém, à medida que as investigações foram avançando, ele foi representado de forma dúbia, devido às diferentes fontes consultadas. Por um lado, como um criminoso, graças às informações passadas pela Polícia Civil e pelo Ministério Público; por outro, o próprio Sanfelice e seus advogados contribuíram para que também houvesse sentidos ligados à possível inocência do empresário.

2. NOTÍCIA, REPRESENTAÇÃO E JORNALISMO POLICIAL

Esta etapa do trabalho se propõe a fazer um apanhado de como os acontecimentos são selecionados para virar notícia com base em critérios de noticiabilidade, a forma como o jornalismo constrói seu texto e, por meio da linguagem, representa sujeito e objeto de um fato. O estudo debruça-se, também, na questão de como o jornalismo se configura como uma forma de conhecimento, as características do jornalismo policial e sua evolução na imprensa brasileira.

A reflexão proposta é feita, sobretudo, a partir de obras dos seguintes autores: Nelson Traquina (2002, 2005), Carlos Eduardo Franciscato (2005), Cristha Berger (1998), Patrick Charaudeau (2010), Stuart Hall *et. al.* (1993) e Carlos Etchichury (2009, 2010).

2.1. Critérios de noticiabilidade

A facilidade de comunicação com o advento de novos meios para tal fim, aliada ao maior número de profissionais direcionados à área, proporciona à imprensa um crescente número de pautas que chegam às redações diariamente. E os jornalistas têm o trabalho de examinar esses acontecimentos ou programações que podem se concretizar em fatos e filtrar o que é interessante para se tornar notícia nos meios impressos ou eletrônicos. Conforme Charaudeau (2010, p. 133), a instância midiática preside as escolhas “em função de dados mais ou menos objetivos em relação com o tempo, o espaço e a hierarquia que convertem o acontecimento em notícia”.

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como um conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou um assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor notícia” (TRAQUINA, 2005, p. 63).

A compreensão do que significa notícia, segundo Franciscato (2005), passou a ficar mais clara a partir do momento em que pesquisadores começaram a responder a seguinte pergunta: o que faz um determinado objeto, tema ou questão se tor-

nar notícia? E, também, quando eles – os pesquisadores – começaram a conduzir suas análises observando de que forma os profissionais do jornalismo chegam a certa institucionalização de como reconhecer e selecionar os acontecimentos ou assuntos que serão abordados em matérias jornalísticas. Hall *et. al.* (1993, p. 224) afirma que “as notícias são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas”.

“Critérios de noticiabilidade” foi, então, uma expressão empregada para delimitar um conjunto de referências estáveis na rotina jornalística de trabalho que, analisadas em sua regularidade (“newsworthiness”) significaria, em uma definição inicial de Wolf, um “conjunto dos requisitos que se exigem dos acontecimentos [...] para adquirirem a existência pública como notícia” (1994: 170)³ (FRANCISCATO, 2005, p. 171).

Seguir uma das mais básicas regras da prática jornalística é fundamental ao tratar de um acontecimento: respeitar a opinião, que é livre, mas saber que soberanos mesmo são os fatos (RODRIGUES, 1999). Os acontecimentos selecionados para se tornarem notícia são, normalmente, aqueles que se situam na parte mais imprevisível dentro de uma escala de probabilidades – quanto menos previsível for, maiores são as chances de o fato se tornar notícia. Rodrigues (1999) exemplifica a questão com a história de que, se um cão morde um homem não é um fato jornalístico. Contudo, se um homem morder um cachorro, há um fato com grande possibilidade de se tornar notícia.

O acontecimento jornalístico é, por conseguinte, um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência. (RODRIGUES, 1999, p.27).

De acordo com Charaudeau (2005), os acontecimentos podem ser classificados de três formas diferentes: acidente (surge com caráter inesperado, uma vez que sistemas de expectativa da vida social não poderiam prevê-lo, como catástrofes naturais), programado (aparição de um evento conhecido ou anunciado – campeonatos esportivos, por exemplo) e suscitado (“preparado e provocado por tal ou qual setor

³ WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. 3.ed. Lisboa: Presença, 1994.

institucional”, responsável por pressionar as mídias com o fim estratégico de desviar a opinião pública de determinado fato). E, para transformar esses acontecimentos em notícias, existem diversos critérios, como aponta o mesmo autor.

Uma das formas de selecionar notícias mais adotadas pelos órgãos de imprensa está relacionada à proximidade espacial, uma vez que confere “à notícia um caráter de interesse particular quando o fato ocorreu no mesmo espaço físico que o da própria instância de recepção” (CHARAUDEAU, 2005, p. 135-136). O autor acredita o maior interesse do cidadão nas informações próximas dos mesmos ao fato de que elas estão inseridas em um “espaço próximo, restringindo, por isso mesmo, seu caráter público”, enquanto outros fatos estão em outro espaço, o de “ação distante do sujeito”.

Outro dos critérios de seleção dos acontecimentos – que motiva os jornalistas a trabalharem de forma intensa nas redações – é a proximidade temporal. O imediatismo que existe há anos no rádio e na televisão e, de alguns anos para cá, na internet ressalta a valorização do ocorrido recentemente, assim como reforça que o jornal em papel dura o tempo suficiente até que chegue às casas e às bancas exemplares mais atualizados, normalmente do dia seguinte. Para Charaudeau (2005, p. 134), “o discurso das mídias se fundamenta no presente de atualidade, e é a partir desse ponto de referência absoluto que elas olham timidamente para ontem e para amanhã”. Por isso é que “o discurso de informação midiático tem um caráter fundamentalmente a-histórico” (CHARAUDEAU, 2005, p.134).

Franciscato (2005) diz que o vínculo que o jornalismo tem com o presente e o risco de desatualização a que está permanentemente exposto faz com que os profissionais da área adotem métodos de trabalho com base em técnicas simplificadas no que diz respeito à apuração e à construção dos relatos, se for comparado aos métodos usados com rigor pela ciência que, por sua vez, possui mais tempo para pesquisa.

O texto jornalístico admite a pluralidade de pontos-de-vista e mesmo de informações conflitantes, contanto que adequadamente contextualizados num relato coerente. Seu texto é um recorte, uma “colagem” ou “combinação” de observação, descrição e interpretação tanto do jornalista quanto da equipe de produção e das fontes de informação. (FRANCISCATO, 2005, p. 168).

Traquina (2002) ressalta outros três valores-notícia fundamentais no jornalismo. Um deles é a morte, ao qual o autor atribuiu parte do negativismo que é apresentado todos os dias pelos meios de comunicação. O segundo está baseado no inesperado, aquele acontecimento que surpreende não só a sociedade em geral, mas a comunidade jornalística também, que faz com que os jornalistas o enxerguem como notícia, independentemente de outros valores que o fato possa trazer consigo. E o terceiro é a novidade: “nos trabalhos de jornalismo de investigação, uma das maiores dificuldades do jornalista é a justificação para voltar ao assunto sem novos elementos” (TRAQUINA, 2002, p. 189).

O que confere especial atenção às histórias de crimes é a mesma estrutura de valores-notícia que se aplica a outras áreas noticiosas: um crime mais violento, com maior número de vítimas, equivale a maior noticiabilidade. Qualquer crime pode ficar com mais valor-notícia se a violência lhe estiver associada (TRAQUINA, 2002, p. 193).

Traquina (2005), que defende que o jornalista é um mediador, se apoia nas ideias de Lippmann⁴ para afirmar que os meios de comunicação são responsáveis por ligar as coisas que acontecem no mundo e as imagens que as pessoas têm registradas a respeito desses mesmos acontecimentos. Além da seleção, são as equipes de repórteres, editores e diretores de redação as responsáveis por dar o tom e, de certa forma, a dimensão aos acontecimentos, a maneira como a sociedade verá as notícias, por meio de seus discursos.

Mortos são mortos, mas para que signifique “genocídio”, “purificação étnica”, “solução final”, “vítimas do desleixo”, é preciso que se insiram em discursos de inteligibilidade do mundo que apontam para sistemas de valores que caracterizam os grupos sociais. Ou seja, para que o acontecimento exista é necessário nomeá-lo. O acontecimento significa enquanto acontecimento em um discurso (CHARAUDEAU, 2005, p. 131-132).

E este trabalho dos jornalistas é fundamental, pois a imprensa cumpre um papel social que não é executado por nenhuma outra instituição, o de falar a um público amplo, fazendo “uma reconstituição discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas” (FRANCISCATO, 2005, p. 167). Para tanto, a atividade jornalística opera com determinados prin-

⁴LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. Nova Iorque: Free Press, 1922.

cípios, entre eles: o pressuposto de uma ideia de verdade do real, o compromisso de fidelidade ao real e a produção do conteúdo que propicie à coletividade maneiras de vivenciar situações no presente (FRANCISCATO, 2005).

Considerando as questões que fogem do comum, aquelas mais propensas a figurarem nas páginas dos jornais e revistas, nos telejornais, nos noticiários de rádio ou nos portais de notícias, Rodrigues (1999) elenca diferentes registros de noticiabilidade. O do excesso é um dos mais correntes – trata-se de assuntos que extrapolam o funcionamento normal de uma sociedade ou das instituições que a compõem, por exemplo.

Neste registro estão compreendidas todas as figuras do cúmulo e da *hubrys* grega, da desmedida que tanto pode ser celebrizada com a entrada para o *Guinness Book* como sancionada de maneira extrema pela ultrapassagem do limiar físico da morte ou do limiar moral da condenação. Pode por isso também consistir numa prova de idoneidade ou de valentia, à maneira dos rituais antigos da iniciação, ora afirmando o direito à admissão no círculo reservado dos heróis demiúrgicos, ora fazendo valer o direito à admiração e ao respeito dos outros. (RODRIGUES, 1999, p. 28).

A falha é outro dos registros de noticiabilidade do acontecimento. São notícias para os veículos de comunicação aqueles episódios em que, por um erro humano ou de uma máquina, o funcionamento normal e regular dos corpos é afetado. São exemplos a enfermeira que injeta alimento na veia do paciente em vez de analgésico, o motorista de ônibus que dorme ao volante e sai da pista, o avião em que o trem de pouso para de funcionar próximo à aterrissagem.

Também constitui os registros de noticiabilidade a inversão, segundo Rodrigues (1999). Além do caso – já mencionado anteriormente – do homem que morde o cão, podemos pegar como exemplo de inversão no funcionamento de uma empresa quando o estagiário dá ordens ao diretor, ou em uma corporação quando o soldado dita as coordenadas a um coronel.

A notícia é no mundo moderno o negativo da racionalidade, no sentido fotográfico deste termo. O racional é da ordem do previsível, da sucessão monótona das causas, regida por regularidades e por leis; o acontecimento é imprevisível, irrompe acidentalmente à superfície epidérmica dos corpos como reflexo inesperado, como efeito sem causa, como puro atributo. (RODRIGUES, 1999, p. 29).

Um acontecimento corriqueiro em determinada classe social, por exemplo, acaba não recebendo destaque no noticiário por não ser imprevisível. No entanto, quando o mesmo fato ocorre com personagens muito diferentes – posição social, profissão e imagem notável perante à sociedade –, adquire contornos de acontecimento inesperado e passa a merecer a atenção da imprensa. O Caso Sanfelice exemplifica isso: o assassinato, no Brasil, não pode ser considerado algo raro na periferia das grandes cidades, mesmo quando a vítima e o autor do crime fazem parte da mesma família ou do mesmo ciclo de amizades. Contudo, quando as pessoas envolvidas são de classe média alta, têm curso superior e são vistas como um casal com relação invejável, o acontecimento foge do comum. Ao construir seu texto, o jornalista tem a missão de mostrar ao público o que justifica a cobertura do fato.

2.2. Representando por meio da linguagem

Depois da apuração dos fatos – o que muitas vezes tem de ser feito de forma rápida devido ao valor-notícia que preza pela imediaticidade, seja para colocar as informações no ar o mais rápido possível ou para garantir que elas estejam publicadas no jornal do dia seguinte –, é hora do jornalista “traduzir” ao público o acontecido (ou o que está programado para acontecer). E isso é feito por meio da linguagem, seja ela falada, escrita, imagética. Para Cristha Berger, “o jornalista olha o acontecimento acontecendo por todos os lados [...], trabalha com o aqui e o agora e seu texto reproduz instantaneamente” (1998, p. 18). Então, após fazer a filtragem dos fatos, selecionar um determinado acontecimento para se tornar notícia e apurar os fatos através de seu próprio olhar e das fontes que o abastecem, o jornalista tem em suas mãos a incumbência de representar os atores do processo em sua reportagem.

A noção de sujeito é fundamental para o estudo do jornalismo que na sua constituição prevê a interação entre vários sujeitos. Na produção do texto jornalístico, convivem o enunciador e o emissor, compondo o sujeito da enunciação. A notícia, por outro lado, ao contar uma história, conta a história de alguém, sujeito do enunciado. E, como não há processo de comunicação que não considere o destinatário, este é constituído no plano semântico para assegurar um determinado contrato de leitura. (BERGER, 1998, p. 20).

O poder que o jornalista tem de dar voz a alguém, assim como o poder que ele tem de excluir, qualificar ou desqualificar, legitimar ou não, é um dos fatores que norteiam como será representado determinado sujeito perante o público, àqueles que são os receptores da informação. “Este poder se concentra em quem escolhe a manchete, a foto, a notícia de primeira página, o espaço ocupado, o texto assinado ou não.” (BERGER, 1998, p. 22).

As marcas do discurso jornalístico estão na organização (gramatical, textual, da disposição espacial – títulos, ilustrações) da notícia que remetem a sua propriedade (a notícia em relação à exterioridade, à situação – institucional, social) que, por sua vez, permite transcender para o tipo, que permitirá compor o capital do campo do jornalismo. (BERGER, 1998, p. 24).

Benetti e Hagen (2010) lembram que o discurso se dá de modo intersubjetivo, uma vez que há um enunciador e alguém que fará a interpretação.

O jornalismo é uma prática discursiva articulada por muitos sujeitos: o jornalista, o leitor, a fonte, o veículo, o anunciante. Nessa prática, o jornalismo ocupa um lugar de enunciação a partir do qual está autorizado a “tratar dos fatos do mundo”, e os sentidos que ele deseja construir só têm alguma chance de se concretizarem se o leitor reconhecer a legitimidade e a singularidade daquele lugar de enunciação. (BENETTI; HAGEN, 2010, p. 124).

Segundo Berger e Luckmann (1976, p. 96), “a linguagem objetiva as experiências partilhadas e torna-as acessíveis a todos dentro da comunidade lingüística, passando a ser assim a base e o instrumento do acervo coletivo do conhecimento”. Portanto, a forma com que um sujeito, seja uma pessoa ou uma instituição, é representado através da linguagem marca a imagem. Aquele que uma vez é retratado como pedófilo (neste caso, no Brasil, um dos exemplos mais comentados nas faculdades de Comunicação é o da Escola Base⁵), provavelmente ficará com essa imagem perante a sociedade, mesmo que depois seja provado o contrário. Outro exemplo são reportagens policiais: além da questão da precisão jornalística, é fundamental que a imprensa use de forma correta os termos jurídicos para não condenar um investigado antes da hora nem tornar um suspeito investigado. Para Berger e Luckmann (1976, p. 96), além da linguagem ser responsável por fornecer os meios para objeti-

⁵ Referido na nota de rodapé nº 1 deste trabalho.

vação das experiências novas, “permitindo que sejam incorporadas ao estoque já existente do conhecimento”, ela “é o meio mais importante pelo qual as sedimentações objetivadas são transmitidas na tradição da coletividade em questão”.

Como o jornalismo oscila entre um trabalho não apenas coletivo, mas também marcadamente individual, quase autoral (FRANCISCATO, 2005), a troca de ideias durante a produção, entre profissionais com diferentes valores e experiências se constitui em um momento importante, pois assim podem avaliar melhor e, sobretudo, decidir como o acontecimento será contado, a partir de que perspectiva, com enfoque e sem tirar conclusões precipitadas.

O produto jornalístico é um permanente diálogo entre os diferentes interlocutores envolvidos na sua produção ou na sua recepção, mesmo que ocorram situações de desigualdade na interlocução. Estar em diálogo não significa apenas o momento da fala, mas também da troca de expectativas e intenções entre interlocutores: a atividade jornalística produz expectativas e intenções para um público e, ao mesmo tempo, deixa-se influenciar por ele para se adequar a seus interesses (FRANCISCATO, 2005, p. 168).

Inerente à profissão de jornalista, a relação com as fontes pode influenciar a percepção do profissional quanto ao valor-notícia do acontecimento (TRAQUINA, 2002, p. 202), ou seja, a dimensão que determinado meio de comunicação dá a um fato quando o transforma em notícia e a forma como representa seus atores é influenciada por quem passa a informação, como a polícia, o judiciário, os governantes, entre outros. Os representantes das instituições das quais os jornalistas fazem cobertura são componentes de uma espécie de “lente” pela qual o repórter enxerga e, com base nisso, interpreta um assunto e constrói o texto que servirá de base para que a sociedade se informe.

Para Hall *et. al.* (1993), não basta que as coisas sejam noticiáveis apenas por se enquadrarem em critérios de noticiabilidade, como a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. Ao se tornarem notícias, esses fatos não devem permanecer em um espaço que o autor define como “limbo da desordem”, e sim serem levados aos horizontes do significativo: “este trazer de acontecimentos in-vulgares e inesperados para os 'mapas de significado' que já constituem a base do nosso conhecimento cultural, no qual o mundo social já está 'traçado'” (HALL *et. al.*, 1993, p. 226).

Começamos por notar que as notícias são moldadas, devido à sua relação a uma concepção específica de sociedade como um “consenso”. Perante este pano de fundo, os acontecimentos noticiáveis são aqueles que parecem interromper fronteiras desse consenso. Já sugerimos que o consenso se baseia nos meios de ação legítimos e institucionalizados. O crime envolve o lado negativo desse consenso visto a lei definir aquilo que a sociedade julga ser tipos de ação ilegítimos. (HALL *et. al.* 1993, p. 237).

Esta questão do consenso vai além da linguagem jornalística, perpassando interesses das empresas jornalísticas, bem como das fontes interessadas: “ler as notícias com inteligência é se perguntar quem contou o fato e com que interesse. [...] A responsabilidade dos meios está em verificar o fato e contrastá-lo” (GOMIS, 2004, p.106), pois, assim como a notícia é a interpretação de um fato, as informações dadas pelas fontes passaram por um processo de interpretação. E, no momento em que uma fonte dá a informação a um jornalista, ela tem um objetivo, que pode beneficiar ou prejudicar alguém.

Não é qualquer fato que é notícia, como temos visto. Portanto, os que promovem ações ou planejam metas que desejam alcançar, esperam o momento em que se produz, nesses processos, um fato que reúna as condições de notícia, que possa ser apresentado como algo interessante e significativo, capaz de fazer alguém soltar um impropério ou ao menos de aparecer comentado em uma conversa. [...] A fonte tem uma notícia e a oferece. Os meios pegam essa notícia e se encarregam de lhe dar forma adequada e de difundi-la (GOMIS, 2004, p. 103-104).

O resultado dessa relação entre o jornalista e a fonte e entre a notícia e a linguagem é visto em uma matéria jornalística publicada e em como ela repercutirá no público ao qual o veículo se destina e, talvez, na sociedade como um todo. Optar por este fato e não aquele, priorizar um acontecimento em detrimento de outro e definir qual será manchete e qual notícia acabará em nota ajuda a construir a opinião pública.

2.3. O jornalismo como conhecimento e formador de opinião

Muitas vezes definido como superficial, o jornalismo aceita um tipo de diferenciação a partir do grau de profundidade que alcança ao ser comparado com a

ciência e com a história (MEDITSCH, 1997). Segundo o pesquisador, quando o trabalho dos jornalistas é colocado ao lado do dos cientistas, os jornalistas costumam sugerir uma forma de gradação: “quando não se refere à profundidade de análise, a gradação pode referir-se também à velocidade da produção, e o jornalismo já foi definido como a História escrita à queima-roupa.” (MEDITSCH, 1997, p. 3). Isso ocorre porque, ao mesmo tempo em que os fatos estão se desdobrando, os jornalistas estão levantando informações, interpretando-as, consultando fontes, produzindo textos para, em pouco tempo, comunicar seu público, seja leitor, telespectador, internauta ou ouvinte. Não ter muito tempo para estudar nem distanciamento de época para olhar o fato acaba fazendo com que o trabalho fique, muitas vezes, raso em termos de análise e contextualização. Entretanto, este mesmo trabalho, mais tarde, se tornará base para pesquisas históricas.

O jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar. (MEDITSCH, 1997, p. 3).

O conhecimento revelado ou reproduzido pelos meios de comunicação depende do público ao qual eles se dirigem. Conforme Melo (1979), desde que surgiu, a imprensa defende posições de uma minoria dominante, o que define que um mesmo tipo de acontecimento (um homicídio, por exemplo) ganhe tratamento diferente se envolver personagens oriundos de classes sociais altas ou vindos de comunidades pobres.

A proposição de juízos de valor sobre tais informações, a discussão, o debate, levam à adoção de opiniões individuais, estereotipadas, que conformam a opinião da maioria. No processo de formação das opiniões individuais, que depois se convertem no fenômeno da opinião pública, nós encontramos fatores básicos e fatores complementares. (MELO, 1979, p. 43).

Para dissertar sobre o tema, Meditsch se apoia em outros pesquisadores, como Adelmo Genro Filho⁶, que admite que, como gênero de conhecimento, o

⁶GENRO FILHO, Adelmo. O Segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo. Porto

jornalismo difere da percepção individual pelo modelo como é produzido: “a imediaticidade do real é um ponto de chegada, e não de partida. Esta ressalva é importante para se discutir os problemas do jornalismo como forma de conhecimento e seus efeitos” (MEDITSCH, 1997, p. 6).

No momento em que o trabalho jornalístico é regido pela imediaticidade do real, ela passa a operar no campo lógico do senso comum (MEDITSCH, 1997), o que abre portas para o seguinte questionamento: o jornalismo, como uma forma de conhecimento, pode ser rigoroso até que ponto?

O conhecimento do senso comum foi até bem pouco tempo desprezado pela teoria, uma vez que toda a ciência moderna se constituiu com base na sua negação. Mas, na medida em que as ciências humanas passaram a valorizar a observação do cotidiano para desvendamento das relações sociais, o que era visto como “irrelevante, ilusório e falso” começou a aparecer não só como um objeto digno de consideração pela teoria do conhecimento, mas, em última análise, como o seu objeto principal (SANTOS, 1988:8)⁷ (MEDITSCH, 1997, p. 7).

Por se dirigirem a um público que não tem a obrigação de acompanhá-los, órgãos de imprensa acabam lançando mão de técnicas dramáticas que, quando usadas com o objetivo de comunicar melhor e convidar o público a se informar, não são condenáveis; porém, no momento em que servem para travar uma luta comercial por audiência, se tornam um problema (MEDITSCH, 1997).

E, por fim, não poderíamos deixar de citar a espetacularização como um aspecto problemático do jornalismo como conhecimento. O que distingue uma matéria jornalística de um relato científico, de um texto didático, ou de um relatório policial é o fato de que se dirige a pessoas que não tem obrigação de ler aquilo. (MEDITSCH, 1997, p. 10).

As matérias policiais estão entre aquelas em que o risco de se tornarem espetáculo é grande. A violência que envolve os fatos relacionados à criminalidade costuma sensibilizar as pessoas que, cada vez mais, querem detalhes de determinado acontecimento. Valores éticos devem guiar o trabalho do repórter e do editor, que têm como filtrar quais informações são de interesse público e quais são apenas curiosidades (a imagem de um corpo estendido, por exemplo, pode ser só uma curiosidade que não levará informação relevante às pessoas). Dessa forma, a cobertura da

Alegre: Editora Tchê, 1987.

⁷ SANTOS, Boaventura de Souza. **Um Discurso sobre as Ciências**. Porto, Afrontamento, 1988.

editoria de polícia se torna um desafio no jornalismo, pois há diferenças muito tênues entre o que são informações relevantes, curiosidades e espetacularização da violência.

2.4. Jornalismo, violência e editoria de polícia

As editorias de polícia no Brasil se consolidaram com a chegada do Estado Novo, uma vez que a censura rígida fazia com que os jornais ficassem com a falta de material de informação – então, a imprensa se aproveitou do noticiário esportivo e, principalmente, do policial, como sustenta Amaral (1992, p. 27): “Predisposto, por seu nível de cultura, a tais gêneros de matéria, o público prontamente aderiu. Quando a censura terminou, o hábito estava criado”. Nas décadas seguintes, o aumento da criminalidade, em suas mais diversas formas, principalmente nos grandes centros urbanos, colocou a mídia no meio das interrogações a respeito do fenômeno da violência. No Brasil, onde coexistem os modelos de encadeamento e de midiaticização, a relação entre os meios de comunicação e a violência social está na maneira como o sistema avançado de comunicação se articula com as condições reais de vida dos cidadãos (SODRÉ, 2002).

[...] uma das áreas onde os *media* têm mais probabilidades de serem bem sucedidos na mobilização da opinião pública dentro da estrutura dominante de ideias é em questões relacionadas com o crime e a sua ameaça à sociedade. Isto torna a via do crime unidimensional e transparente no que diz respeito aos *mass media* e à opinião pública – onde os assuntos são simples, incontroversos e claros. (HALL *et. al.*, 1993, p. 240).

Em meados da década de 90, o jornalismo policial brasileiro iniciou uma mudança de rumo em suas coberturas. Antes desse período, os jornais centravam a abordagem de casos relacionados à criminalidade de maneira isolada. Pequenos crimes, estupros ou assaltos tinham espaço no jornal mesmo que não tivessem muita repercussão na sociedade. No entanto, o que vemos hoje são coberturas mais focadas em questões abrangentes, de segurança pública, por exemplo. Talvez a principal razão para isso seja o fato de que a criminalidade passou a atingir, quando se fala em homicídios, as classes média e média alta em maior escala (RAMOS e PAIVA,

2007).

Com isso, os jornais receberam a demanda de coberturas mais embasadas e melhor contextualizadas. Os assassinatos isolados deram espaço para estatísticas, interpretações de especialistas e estudos de políticas públicas para resolver a situação. A relação entre forma e conteúdo também sofreu mudanças. O jornalismo sensacionalista perdeu força, e os jornais que presam pela ética deixaram de expor fotos com corpos mutilados ou imagens semelhantes, por exemplo. As publicações populares, em sua grande maioria, também passaram a evitar adotar posições que recomendam a polícia a eliminar criminosos e estampar cadáveres ensanguentados em suas páginas (RAMOS e PAIVA, 2007). Alguns jornais também alteram o espaço onde apresentam ao leitor os crimes e investigações policiais:

Aos poucos, as editorias de Polícia são absorvidas pelas de Cotidiano, Geral e Cidades, dependendo das características de cada veículo. Profissionais com trânsito em delegacias e relações estreitas com promotores de Justiça continuam prestigiados, mas, diferentemente do que ocorria no passado, exige-se mais qualificações dos novatos que atuam na área (AZEVEDO; ETHCHICHURY, 2009, p. 269).

Para que todas essas mudanças ocorressem, o perfil do jornalista especializado em casos policiais teve de mudar. A boa formação de repórteres passou a ser mais valorizada, e eles começaram a ocupar lugares que antes eram restritos a profissionais que tinham apenas relações estreitas com a polícia (AZEVEDO e ETCHICHURY, 2009). Etchichury (2010, p. 39) relata que, “De acordo com Galdino⁸, para realizar a cobertura dos assuntos de polícia o repórter tinha de conhecer três idiomas: 'a gíria do vagabundo, a gíria da polícia e a gíria do populacho’”.

Hall *et. al.* (1993, p. 239) segue na mesma linha ao dizer que “na área das notícias de crime, os *media* parecem estar mais fortemente dependentes das instituições de controle do crime para as suas 'estórias' do que em qualquer outra área”. Os autores complementam dizendo que a polícia se constitui em um “quase monopólio como fontes de notícias de crime nos *media*. Muitos grupos profissionais têm contato com o crime, mas é só a polícia que se afirma como especialista”:

[...] tanto as relações sociais formais como as informais de elaboração de

⁸ O jornalista Milton Galdino concedeu entrevista ao autor em 2009.

notícias, das quais o jornalista extrai o seu material “de crime” estão dependentes de uma noção de “confiança”, por exemplo, entre a polícia e o correspondente de crime; isto é, na reportagem objetiva e credível feita pelo jornalista da informação privilegiada a qual lhe for dado acesso. (HALL *et. al.*, 1993, p. 239)

Com a mudança de perfil da editoria de polícia e, conseqüentemente, de seus repórteres, a área passou a cumprir melhor o seu papel, que é divulgar informações capazes de desenvolver conhecimento e auxiliar a sociedade a enxergar de forma mais abrangente os assuntos relacionados a crimes, conforme Pacheco (2005 p. 22-23):

O jornalismo responsável tem como objetivo propor uma investigação mais aprofundada dos fatos, coberturas mais amplas e discussões mais democráticas, para melhorar as condições culturais e sociais dos cidadãos. Apurar também com mais fundamentação todas as notícias que são veiculadas nos meios de comunicação, filtrando o que pode ou não contribuir para melhorar o dia-a-dia das pessoas.

Para Hall *et. al.* (1993), o crime, principalmente aliado à violência, tem força para se tornar notícia dentro de um jornal. O autor sustenta que a violência significa violar o próprio indivíduo e que um dos maiores crimes pessoais é o assassinato, superado apenas pelo “assassinato de um agente que zela pelo cumprimento da lei”, no caso um magistrado, um promotor ou um policial. “Qualquer crime pode ser levantado à visibilidade noticiosa se a violência lhe estiver associada, visto a violência ser talvez o supremo exemplo das 'consequências negativas dos valores-notícia” (HALL *et. al.*, 1993, p. 238).

Para uma reportagem envolvendo crime ser de interesse público, ela precisa muito mais do que apenas se encaixar em um critério de noticiabilidade. O jornalista que cobre assuntos relacionados à violência tem a missão de avaliar um acontecimento considerando os interesses da fonte que o passou a informação, já que em temas da área criminal os órgãos do Estado, como as polícias, normalmente são as poucas fontes presentes na matéria jornalística. Além de ter papel importante na formação da opinião pública e na repercussão na sociedade, a reportagem policial também servirá como documento histórico para pesquisas futuras.

3. O CRIME

Neste capítulo, buscamos recuperar o Caso Beatriz – que, após tomar maiores proporções e focar na suspeita, condenação, fuga e recaptação de seu marido – se transformou no Caso Sanfelice. Para tal fim, utilizamos as matérias publicadas em Zero Hora entre 2004 e 2012, já que a busca em arquivos da Polícia Civil, do Ministério Público e do Judiciário dificultaria o trabalho, ao apresentar acontecimentos não lineares e contradições. Aqui, nossa proposta é mostrar o caso de forma linear ao decorrer dos oito anos, para facilitar o entendimento dos acontecimentos durante esse período.

3.1 Do corpo encontrado à extradição

O corpo da jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, foi encontrado carbonizado dentro de um Mégane branco, no Santuário das Mães, em Novo Hamburgo, no Vale do Rio dos Sinos. Eram 11 horas de 13 de junho de 2004, e a descoberta aconteceu graças a um helicóptero da guarda municipal que sobrevoou a região. Beatriz havia desaparecido no dia anterior, depois de ter sacado R\$ 1 mil no Banco do Brasil, conforme mostrou uma câmera da agência, no centro de Novo Hamburgo. O corpo encontrado num matagal, no bairro Roselândia, onde Beatriz costumava rezar com a família, é identificado como sendo o da jornalista graças a uma aliança achada no carro, um presente do marido, Luiz Henrique Sanfelice, na época com 39 anos. Transtornado, o empresário teve de deixar o local amparado por agentes da Polícia Civil depois de fazer o reconhecimento do corpo.

Beatriz e Sanfelice formavam um casal aparentemente perfeito. Casados havia uma década, pais de Vitor, então com quatro anos, moravam em um apartamento que ocupa todo o 16º andar de um prédio no centro de Novo Hamburgo. Beatriz, graduada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e sócia-proprietária havia 11 anos da Atende Assessoria de Imprensa e Marketing, desfilava roupas, joias e bolsas que ganhava do marido, empresário bem-sucedido no ramo de exportações de calçados.

Enquanto o corpo era velado, em 14 de junho, no Cemitério Ecumênico Cristo Rei, em São Leopoldo, a polícia trabalhava para identificar quem era o responsável pelo crime. Após ter sacado os R\$ 1 mil na agência do Banco do Brasil, na manhã de 12 de junho, ela almoçaria com um casal de amigos – o que acabou não ocorrendo. Beatriz não foi mais vista. O marido de Bea, como ela era chamada, disse ter saído de casa naquela manhã às 8h45min para ir ao banco. Ao chegar na agência, teria visto que estava sem o cartão e chamado a mulher, que deixaria o apartamento às 9h, dirigindo a Zafira dela. Foi então que Beatriz fez o saque e deu R\$ 50 para o marido pagar a locadora, na qual ele havia alugado um filme policial. Na sequência, Beatriz teria dado carona a Sanfelice até uma lotérica e ficado com o carro dele, um Mégane.

Para o marido da jornalista, o crime se tratava de roubo seguido de morte – tese enfraquecida após a perícia constatar que acessórios visados por ladrões não foram levados. Outra informação descoberta com a perícia é que a queima do veículo se iniciou na parte dianteira, onde estava Beatriz, no banco do carona.

Os restos mortais de Beatriz foram sepultados em 15 de junho. No dia seguinte, o delegado Ranolfo Vieira Júnior, então titular da 10ª Região Policial, dizia estar convicto da solução do crime, mas sem revelar quem seria o autor, por precisar de “algo mais concreto”. Consternados com a morte de Beatriz, amigos e familiares realizaram uma passeata pelas ruas centrais de Novo Hamburgo. No ato, Sanfelice se mostrava emocionado, segurando um grande quatro com a fotografia de Beatriz sorrindo.

Até aquele momento, os elementos mais intrigantes da história eram os seguintes: o motivo da vítima ter sacado R\$ 1 mil para comprar um presente se tinha cartão de crédito, o fato de ninguém ter visto fumaça, se a vítima havia sido morta antes ou depois de ter o corpo queimado, objetos que atraem assaltantes não terem sido levados e o crime ter ocorrido em um lugar que ela frequentava. A suspeita de que Beatriz teria sido amarrada e queimada viva reforçava a hipótese de ligação com um crime semelhante, ocorrido três dias depois. O banco do carro em que Beatriz estava foi quebrado, possivelmente por ela ter batido com as pernas no painel.

À polícia, moradores da região disseram ter ouvido gritos de mulher no dia do

assassinato – uma pessoa diz ter visto fumaça às 9h40min, o que, conforme mostram câmeras da agência onde Beatriz fez o saque, seria 16 minutos após ela deixar o banco. A mesma pessoa afirmou não ter relatado à polícia por temer represálias, já que o local é ponto de desova de carros.

Após completar cinco dias do crime, Sanfelice depôs durante três horas, fornecendo informações com uma linha cronológica minuciosa, segundo Ranolfo Vieira Júnior. O delegado contou, nessa data, ter sido interpelado no elevador do prédio da vítima, ocasião em que teria recebido boas informações. Moradores de Novo Hamburgo já tinham uma convicção: só havia um suspeito para a morte. No entanto, delegados e agentes envolvidos na investigação tentavam manter aberto o leque de hipóteses. Neste mesmo dia 17, a delegada Rosane Oliveira de Oliveira admitiu a jornalistas que, às 17h10min, ouviu a confissão do assassinato – no entanto, ela voltou atrás.

O fato mais marcante desde o início da investigação ocorreu em 18 de junho – seis dias após o crime. A polícia pediu, à noite, prisão temporária de Sanfelice. Ele era o suspeito número 1 da morte da mulher. Mesmo diante das evidências, a polícia tinha passado a semana negando que ele fosse o principal suspeito. O embasamento do pedido foi uma contradição na versão apresentada por Sanfelice – no dia do crime, ele havia chegado em casa às 11h30min e falado com uma familiar da vítima, dizendo que já estava no apartamento havia algum tempo. Agentes da polícia já haviam eleito Sanfelice o principal suspeito porque, enquanto acompanhava policiais ao local do crime, no dia em que o corpo foi encontrado, ele olhava muito para o Santuário. Na manhã seguinte ao pedido, Sanfelice foi preso em seu apartamento, na Rua Heller.

Detalhes sobre o dia do crime e a relação do casal começaram a se tornar públicos. A polícia ficou sabendo que um detetive particular havia sido contratado cerca de 20 dias antes para acompanhar os passos de Beatriz, e telefones tinham sido grampeados. Uma testemunha afirmou ter visto o empresário no local do crime na quarta-feira anterior ao ocorrido. Outra descreveu a roupa que Sanfelice usava naquela manhã: surrada e suja de fuligem (não encontrada pela polícia no apartamento). Mas, na residência do casal, foi apreendido um tranquilizante, o que preencheria uma lacuna na investigação: Beatriz poderia estar dopada e ter sido

queimada viva, sem chances de reação, e o crime ter sido cometido apenas por uma pessoa. Um conhecido da vítima contou ter recebido uma ligação dela dizendo que não poderia encontrá-lo por ter sido convidada pelo marido a fazer compras em Dois Irmãos.

Sanfelice alegou que o motivo pelo qual Beatriz ficou com o Mégane foi um problema na tampa do tanque de combustíveis da Zafira que ela usava, e ele levaria o carro para consertar; entretanto, o defeito não foi constatado na perícia. O real motivo poderia ser que, no automóvel de Sanfelice, no qual Beatriz foi queimada, estaria o produto inflamável usado para incendiar o carro.

Nove dias após o assassinato, a polícia revelou detalhes. Os indícios apontaram para duas motivações: passional, movido por traição, e financeiro, por um seguro de R\$ 350 mil que beneficiava o marido. Um detetive confirmou ter sido contratado em 6 de junho por R\$ 2,2 mil para instalar equipamentos de escuta ambiental e telefônica no apartamento e interceptar o celular de Beatriz – uma semana antes do crime. Dois dias depois da morte de Beatriz, o detetive teria ligado para Sanfelice, que o mandou tirar tudo do ar e não lhe procurar mais. A polícia passou a trabalhar com a hipótese de Beatriz ter sido morta por espionagem, uma vez que o marido contratou um detetive para controlar os seus passos. A desconfiança de Sanfelice seria que informações a respeito de seu negócio, no ramo de importações e exportações de calçados, o mesmo de um suposto amante de Beatriz, estivessem vazando. Esse mesmo homem teria posse de diversas fitas de vídeo em que o empresário aparece em cenas de sexo. O desfalque nos negócios chegariam a US\$ 380 mil.

Outro depoimento que reforçou as suspeitas de que o autor do crime seria Sanfelice é o de uma mulher de 31 anos, que admitiu ser amante do empresário durante nove anos, para quem ele comprou um apartamento. Em 7 de junho, ele dissera à amante, segundo ela, que acreditava estar sendo traído. E, em janeiro, afirmou querer queimar o Mégane para receber o seguro. Os remédios de efeito sonífero e amnésico apreendidos no apartamento de Sanfelice tinham o mesmo nome contido em uma das 24 fitas de vídeo que estavam em posse do suposto amante de Beatriz. Parte das fitas tem cenas de sexo, com mulheres dopadas. No apartamento do casal, também foi apreendida uma luneta apontada para o Santuário

das Mães, onde a vítima foi queimada.

No dia 21 de junho, um dos advogados de Sanfelice, Levino Weber Filho, solicitou a revogação da prisão, pedido indeferido no dia seguinte. Sanfelice passou a se negar a depor. O inquérito da polícia estava próximo de ser finalizado quando, em 30 de junho, os advogados se retiram do caso alegando divergências técnicas. Assumiu como defensor Engelberto João Rieger, que prometia uma reviravolta no caso. O indiciamento de Sanfelice saiu no dia seguinte, e a delegada definiu o crime como premeditado, com motivação financeira e passional. A empregada do casal foi indiciada por falso testemunho, que beneficiaria Sanfelice ao sustentar seu álibi, o de que estaria em casa próximo ao horário em que foi ateadado fogo no Mégane. Além de indiciado por homicídio triplamente qualificado (motivo torpe, meio cruel e emboscada), Sanfelice teve a prisão preventiva solicitada à Justiça. A denúncia do Ministério Público foi feita quatro dias depois, junto do pedido de prisão preventiva, sustentada pelo risco de fuga. Sanfelice se dizia inocente e, em carta à sogra, alegou não ter feito “nada de errado com a Bea”. Dois dias depois, foi aberto pela juíza Lúcia Helena Camerini o processo contra o empresário.

Sanfelice protestava dizendo que as provas que o inocentariam – imagens de câmeras do centro de Novo Hamburgo – foram deletadas e sugeria que existia um complô contra ele. Em 23 de julho, a polícia encontrou no computador dele um roteiro feito quatro dias antes do crime, o que passou a figurar como uma tentativa de produzir um álibi. Polícia e promotoria afirmavam ser esta a prova cabal da autoria e da premeditação do crime.

Em 2 de agosto, a terceira equipe de advogados assumiu a defesa de Sanfelice. À frente dela estava o conceituado criminalista Amadeu de Almeida Weinmann, que adotou cautela e discrição, além de apontar excesso de acusações e parcialidade no inquérito. Um dos trunfos da defesa para provar a inocência de Sanfelice era a imagem de uma câmera de segurança do Novo Shopping, de Novo Hamburgo, em que aparece um homem que o advogado diz ser o empresário Luiz Henrique Heldt, com quem Beatriz marcou de se encontrar no dia do crime. Em um horário após o que a polícia alegou ser o do crime, ele estava dirigindo um Mégane branco, igual ao que a jornalista usava quando foi morta. Três horas após o vídeo ser divulgado, um homem se apresentou na 2ª Promotoria Criminal dizendo ser a

pessoa que ingressou no shopping dentro do carro.

Em dezembro de 2004, o promotor Eugênio Paes Amorim pediu ao comando de Polícia Civil que investigasse um suposto plano de fuga do Presídio Central, que teria entre os mentores Sanfelice. O plano contaria com helicóptero para resgate aéreo, apoio de um guarda do presídio e cinco advogados. No entanto, não foi provado envolvimento do empresário no esquema.

Weinmann renunciou ao caso em 3 de fevereiro de 2005, e a defesa ficou nas mãos dos advogados Fábio Adams e Elaine Haubert, que já trabalhavam no caso. Dois meses depois, a Justiça decidiu que Sanfelice iria a júri por homicídio triplamente qualificado. Pela quinta vez, mudou a defesa: em 23 de junho de 2005, outro renomado advogado a assumiu – Mathias Nagelstein, cujo currículo contava, na época, com mais de 400 juris populares.

O julgamento foi marcado para começar em 14 de dezembro de 2006. No primeiro dia do júri, realizado na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo, teve interrogatório de Sanfelice durante cinco horas, no qual o réu se mostrou abatido. Após três dias de embate entre defesa e acusação, Sanfelice foi condenado a 19 anos de prisão, e a babá Leani Elisabete Engster da Silva foi absolvida. Mantendo bom comportamento, Sanfelice teria direito a progressão para o regime semiaberto após cumprir um sexto da pena. Como já tinha ficado 30 meses preso, o empresário mudaria de regime em cerca de oito meses.

Após dois anos e oito meses no Presídio Central, Sanfelice foi transferido para a penitenciária Modulada de Montenegro. Em 16 de março de 2007, chegou ao Presídio Estadual de Novo Hamburgo, onde ficou no semiaberto. Durante o dia, trabalhava e, à noite, dormia na cadeia. Situação que durou até 10 de abril de 2008, dia em que passou a ser considerado foragido. O detento deixou o presídio para trabalhar e não retornou. No dia da fuga, a 2ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Estado havia decidido que ele deveria voltar ao regime fechado até a realização de um exame psicológico e social. Ele enviou, quatro dias depois, uma carta à advogada contratada após a condenação, Gabriela Ruschel Michaelsen, dizendo que fugiu para provar inocência. Em agosto de 2009, Sanfelice passou a integrar a lista dos procurados pela Interpol, além de figurar na lista dos 10 criminosos mais procurados do Estado.

Em 5 de maio de 2010, a Polícia Federal recebeu informação de que Sanfelice havia sido capturado pela Polícia Nacional da Espanha nos arredores de Sevilha. Ele conseguiu se esconder lá devido à dupla cidadania. Sanfelice foi preso às 18h30min, em Bollullos de la Mitación, cidade de 8 mil habitantes, a 17 quilômetros de Sevilha, enquanto andava na rua. O caminho que o levou à Espanha incluiu um longo roteiro: primeiro, foi para o Rio, onde morava a mãe, Maria de Los Angeles Fernandes Dias; lá, conseguiu, junto ao consulado da Espanha, a nacionalidade como espanhol e, a partir dela, o passaporte. Depois, foi para o Uruguai e, então, em 2 de junho de 2008, a Madri.

Quando foi preso, Sanfelice aparentava estar mais jovem, com cabelos claros e sem a barba grisalha que usava quando foi condenado. Morava num condomínio de classe média com casas geminadas, na última residência da última rua. Levava uma vida discreta. Após ser capturado, teve a prisão preventiva decretada por autoridades espanholas. Horas depois, foi levado para um centro penitenciário chamado de Brigada de Expulsão, em Soto del Real. Em 9 de maio de 2010, Sanfelice foi para o Complexo Penitenciário Madri V, depois de ter ficado no Centro Prisional de Badajoz.

Em 10 de maio de 2010, Sanfelice foi a uma audiência, o primeiro passo de seu processo de extradição, na Espanha. Em Novo Hamburgo, o juiz da Vara de Execuções Criminais André Vorraber Costa encaminhou o processo ao Ministério da Justiça brasileiro, que deu prosseguimento às tratativas com o governo espanhol. Em carta ao ministro da Justiça, ele solicitou a extradição de Sanfelice. O Itamaraty pediu oficialmente à Espanha a extradição. Sanfelice relatou, no tribunal que julga questões diplomáticas na Espanha, que sofreu torturas e extorsões no tempo em que esteve preso no Brasil. O que, no Ministério Público, repercutiu como uma tentativa de convencer magistrados de que ele viveu na masmorra e de fazer com que eles o deixassem cumprir a pena na Espanha.

Em 5 de outubro de 2010, uma corte em Madri votou por sua extradição. Em fevereiro de 2011, o Conselho de Ministros do Judiciário Espanhol decidiu pela extradição. Em 9 de março de 2011, extraditado, Sanfelice chegou à Penitenciária Modulada de Montenegro. Em 9 de junho de 2011, a Justiça decidiu que ele deveria permanecer em regime fechado até cumprir um sexto dos mais de 13 anos que

faltam da pena. Depois, poderá pedir progressão para o semiaberto. Sanfelice continua negando ser o autor do crime.

4. ANÁLISE DO DISCURSO COMO PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA

Para cumprirmos com nossa proposta de compreender como o jornal Zero Hora construiu a representação de Luiz Henrique Sanfelice, adotamos a Análise de Discurso (AD) de linha francesa, que se constitui em um modo de pesquisa focado na linguagem (BENETTI, 2007). O motivo da escolha é que a análise de discurso possibilita a identificação de sentidos presentes no discurso – no nosso caso, o contido nas reportagens de Zero Hora sobre o assassinato da jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues e os desdobramentos do acontecimento. Para o melhor uso do modo de pesquisa, lançamos mão, principalmente, das ideias de Benetti (2007), que explica o discurso como algo pleno de possibilidades de interpretação.

Assumir essa característica como um dos pressupostos do jornalismo levamos a reconhecer que o texto objetivo é apenas uma intenção do jornalista, restando-lhe elaborar um texto que no máximo direcione a leitura para um determinado sentido, sem que haja qualquer garantia de que essa convergência de sentidos vá de fato ocorrer. (BENETTI, 2007, p. 108).

A análise de discurso considera o texto, ao identificar as formações discursivas (FDs), que podem ser entendidas como uma reunião de trechos responsáveis por produzirem um mesmo sentido. Orlandi (2005, p. 43) diz que a noção de formação discursiva é básica em AD, “pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso”. Além de conterem uma numeração, as FDs levam uma nomenclatura ligada ao sentido que representam. E os fragmentos de textos que reiteram esse mesmo sentido são as paráfrases, organizadas em sequências discursivas (SDs), também numeradas e apresentadas em negrito na análise do objeto

A lógica da AD nos diz que um sentido sempre vem representar aquilo que poderia ser dito, naquela conjuntura específica, por aqueles sujeitos em particular, instados ideologicamente a dizer uma coisa, e não outra. Por isso, conceitua-se uma formação discursiva como aquilo que pode e deve ser dito. Essa definição circular amarra a formação discursiva a uma formação ideológica, deduzindo que, daquela formação ideológica em

particular, não poderia ser construído outro sentido que não aquele. (BENETTI, 2007, p. 112)

Na sequência, apresentamos as FDs mapeadas nas reportagens sobre o Caso Sanfelice e as quase três centenas de SDs que as compõem. Em uma tabela, conforme Apêndice A, encontram-se todas as SDs listadas e numeradas, bem como a referência a qual texto e formação discursiva elas pertencem.

4.1. As cinco diferentes representações de Sanfelice

Durante a pesquisa, foram encontrados cinco núcleos de sentidos diferentes nas reportagens de Zero Hora, os quais se referem às formações discursivas (FD's) que seguem:

FD 1 – O inocente. 116 SD's (de um total de 281) = 41,28 %;

FD 2 – O suspeito. 76 SD's (de um total de 281) = 27,04 %;

FD 3 – O homem frio e calculista. 36 SD's (de um total de 281) = 12,81 %;

FD 4 – O criminoso especializado. 46 SD's (de um total de 281) = 16,37 %;

FD 5 – O arrependido. 7 SD's (de um total de 281) = 2,49 %.

Na totalidade, foram 281 sequências discursivas (SDs) encontradas em 68 textos (Apêndice B). As marcas dos sentidos trabalhados estão assinaladas em negrito, conforme a análise que segue.

4.1.1. O inocente

Esta é a formação discursiva composta pelo maior número de sequências discursivas, 116. Mostra como Luiz Henrique Sanfelice é representado como inocente – marido que sofre pelo assassinato da mulher –, tanto pelos textos dos dias que seguiram o crime quanto pelas entrevistas publicadas após a prisão do empresário.

A partir da primeira reportagem noticiando a morte da jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, datada de 14 de junho de 2004, o empresário Luiz Henrique Sanfelice figurou como mais uma vítima, por ter a família atingida pela violência. Empresário bem sucedido, casado, pai de um menino, teve de reconhecer o corpo

da mulher brutalmente assassinada, desaparecida no dia anterior, cujo sumiço ele mesmo informou à polícia. A confirmação de que o corpo carbonizado dentro de um Mégane era o de Beatriz se deu através da descoberta de uma aliança, presente do marido.

No matagal, no topo do morro onde fica o santuário, policiais encontraram um isqueiro e uma tora de madeira chamuscada, supostamente usados para atear fogo. **Sanfelice, depois de reconhecer o anel, saiu amparado por agentes.** (SD 1, ZH, 14/06/2004, p.30).

Nos dias que seguiram o assassinato, Zero Hora mostrou um Sanfelice defendendo a ideia de que sua mulher foi vítima de um assaltante ou sequestrador, e que o empresário não desconfiava de quem pudesse ser o autor do crime. As sequências discursivas que compõem a FD 1 surgem na primeira reportagem e são recorrentes na primeira semana de investigação. A ideia de que o marido não sabe o que teria motivado o crime – diz desconfiar de sequestro – é reforçada pelo fato dele ser fonte direta ou indireta (no caso, seus depoimentos à polícia) das reportagens.

– Eu fui para a lotérica, ela me deu carona. **Depois dali, não a vi mais. Dela, não recebi ligação.** Nas duas ligações estranhas que recebemos em casa, eu mesmo atendi e ninguém falou nada. Liguei de volta para o número, uma pessoa atendeu e também não disse nada – contou ontem o marido, que **diz acreditar na hipótese de Beatriz ter sofrido um seqüestro relâmpago.** (SD 2, ZH, 15/06/2004, p.32).

Os últimos passos da jornalista são revistos pela delegada da Rosane Oliveira de Oliveira. Ela contou que **Sanfelice chegou a procurar pela mulher no shopping, em hospitais, bancos, na garagem de um supermercado e, inclusive, no santuário.** A empresa deles está localizada próximo dali. (SD 3, ZH, 15/06/2004, p.32).

Com a circunstância da morte de Beatriz – uma mulher de classe média alta, reconhecida em Novo Hamburgo -, familiares e amigos demonstram indignação. À frente de uma manifestação pelas ruas da cidade do Vale do Sinos, aparece Sanfelice, abatido, abraçado no retrato da mulher (Figura 1). A Polícia Civil ainda não havia divulgado qual era o suspeito do crime. Tanto os textos quanto as fotografias comunicam ao leitor de Zero Hora que o empresário sofre com a morte da mulher.

Despedida: **marido beija o caixão da jornalista Beatriz.** (SD 4, ZH,

16/06/2004, p.32).

Alarmados com a violência contra a jornalista Beatriz Rodrigues, amigos e familiares participaram ontem de uma caminhada pelas ruas centrais de Novo Hamburgo (E). Na Praça do Imigrante, abraçaram-se em um ato ecumênico defronte ao Monumento da Paz, confeccionado com armas apreendidas. Entre os participantes da manifestação, além do viúvo, Luiz Henrique Sanfelice (acima), estava uma funcionária de Beatriz, que comentou o novo rumo da empresa de assessoria de imprensa e marketing mantida desde os anos 90 pela jornalista: a transferência para Porto Alegre. (SD 5, ZH, 17/06/2004, p.42).

Depois de passar à condição de suspeito, em suas declarações à Zero Hora – assim como as de seu pai e seus advogadoS – Sanfelice destacava a religiosidade. Desde o lamento por não poder ter ido à missa de sétimo dia da mulher, pois estava na prisão, até o fato de pedir para que bíblias e livros religiosos fossem levados ao presídio. Também dizia que a oração fazia parte de seu cotidiano no cárcere.

42 | PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 2004

ZERO HORA
POLÍCIA

Edição: Marcelo Urzuli • marcelo.urzuli@zerohora.com.br • 5116-4757
Edição: Assaíelton Carlos Espinosa • carlos.espinosa@zerohora.com.br • 5116-4758

VALE DO SINOS Agências também procuram pistas em outras cidades para esclarecer morte de jornalista de Novo Hamburgo

Polícia busca indícios no cenário do crime

DEBORA TROVÃO
*Foto: Alex Maciel/Imagem

Polícia que investiga a morte da jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, retomaram ontem o ponto inicial das investigações: o cenário onde seu corpo foi encontrado carbonizado.

Dentro as investigações estava o diretor do Departamento de Polícia Metropolitana (DPM), Paulo César Jardim, que vasculhou à tarde o matagal próximo ao Santuário das Vidas, em Novo Hamburgo, por mais hora.

Dentro as provas coletadas até o momento, um inquérito e duas áreas de matagal. O local, que já está sendo submetido a exames. Frequentemente quatro delegados se reuniram ontem à noite para uma entrevista à imprensa, em grupo de reportagem, mas ficaram os resultados muito reservados de uma parte, e cinco equipes de polícia buscam um novo o departamento para elucidar o crime contra a jornalista. Incluído em cidades fora de região do Vale do Sinos, como Chapecó e Criciúma.

Dentro as 12 pessoas já interrogadas, os agentes apontaram o endereço de residência da mãe dela, Cláudia de Oliveira Rodrigues, de outras três residências e de cidade de origem.

O que as pessoas dizem não muda, não mudará já nada. Mas o risco de ter algo para pagar, para pagar mesmo – comenta o delegado Paulo César Jardim, diretor de Jardim, que afirma estar convicto da solução do crime.

Beatriz desapareceu na manhã

de sábado. Ela havia feito um saque de R\$ 1 mil na agência do Banco do Brasil defronte à Praça Vinte de Setembro, no centro de Novo Hamburgo.

Morador viu rapazes descendo morto

Antes de partir, espontaneamente para comprar um presente de Dia dos Namorados, Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos, se fixou entre o carro dele, um Mitsubishi, branco. Dos dentro desse veículo incendiado, de 11 de dezembro, que a jornalista, mãe de um menino de quatro anos, foi encontrada morta.

Mais vizinhos viram dois rapazes, encapuzados ou, melhor, com toucas na cabeça, descendo o morto aqui pelo meio da rua. Era sábado, às 14 para indagar ao 1600mm o, quando passava, no momento o dia já estava noite. Mas não vi sinal algum de fumaça ali para os lados onde foi achado o carro com ela – conta um indústria de 45 anos, membro das investigações de local onde o corpo foi encontrado, que diz ainda não ter sido interrogado pela Polícia Civil.

O crime onde está localizada o santuário tem acesso pela rodovia que liga os vales do Sinos e do Pinheirão (RS-270). Na direção de casa próxima ao ponto onde ocorreu o crime, os moradores – os moradores ficam a cerca de 300 metros –, é visível um dos pontos mais movimentados de Novo Hamburgo, o Lotissement Kephia. E para ali, segundo o indústria, que relatou os dois momentos de seu pálio.

de auxiliar de produção que não comparece ao emprego desde a saída da terça-feira, na saída da indústria de calçados Terra Rio no bairro Camarão, em Novo Hamburgo, é o mesmo cujo crachá foi descoberto próximo a um outro carro incendiado em Sapiranga.

Julio Almir Muzakas, 46 anos, não há dois dias da fábrica no bairro de Sapiranga, depois de passar pelo refúgio, e não retornou mais. A segunda ligação de sua casa com o da jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues é investigada, já que um corpo foi encontrado carbonizado dentro do veículo, um Fiat Tempra, ano 1990.

O marido da jornalista, Luiz Henrique Sanfelice, trabalhou como diretor comercial do escritório da Terra Rio, em Novo Hamburgo, até 10 de março. A própria jornalista, segundo Sanfelice, chegou a procurar serviços para a empresa calculeira.

Equipe da Polícia Civil que investiga a morte de

Beatriz estiveram no ponto do acidente do Gol, na localidade de Picada Velha, próximo à entrada de recursos turísticos, mas não conseguiram quanto à identificação do corpo.

Confirma o delegado de Sapiranga, Paulo Vilmar Marques, o que pode indicar que Muzakas morreu quando o aponte o carro, que pertence a ele, o júlio azul de empresa é o crachá – em dois últimos identificados em um acidente, a 15 metros do veículo incendiado.

Os vizinhos de lateral do carro foram questionados, de dentro para fora, provavelmente se cura o pé. Então, o possível que ela ainda estivera viva quando começou o incêndio – acredita o delegado.

A identificação oficial deve ocorrer somente com exame de DNA. Os policiais civis não haviam conseguido identificar até ontem um dentista que tivesse sido identificado para a confirmação prova pela arcada dentária, como ocorreu no caso de Beatriz.



Ato pela paz

Alarmados com a violência contra a jornalista Beatriz Rodrigues, amigos e familiares participaram ontem de uma caminhada pelas ruas centrais de Novo Hamburgo (E). Na Praça do Imigrante, abraçaram-se em um ato ecumênico defronte ao Monumento da Paz, confeccionado com armas apreendidas. Entre os participantes da manifestação, além do viúvo, Luiz Henrique Sanfelice (acima), estava uma funcionária de Beatriz, que comentou o novo rumo da empresa de assessoria de imprensa e marketing mantida desde os anos 90 pela jornalista: a transferência para Porto Alegre.

Homem carbonizado seria operário sumido

O auxiliar de produção que não comparece ao emprego desde a saída da terça-feira, na saída da indústria de calçados Terra Rio no bairro Camarão, em Novo Hamburgo, é o mesmo cujo crachá foi descoberto próximo a um outro carro incendiado em Sapiranga. Julio Almir Muzakas, 46 anos, não há dois dias da fábrica no bairro de Sapiranga, depois de passar pelo refúgio, e não retornou mais. A segunda ligação de sua casa com o da jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues é investigada, já que um corpo foi encontrado carbonizado dentro do veículo, um Fiat Tempra, ano 1990. O marido da jornalista, Luiz Henrique Sanfelice, trabalhou como diretor comercial do escritório da Terra Rio, em Novo Hamburgo, até 10 de março. A própria jornalista, segundo Sanfelice, chegou a procurar serviços para a empresa calculeira. Equipe da Polícia Civil que investiga a morte de



Julio: crachá em nome de João Muzakas

Dúvidas do caso

Por que dentro do carro de Beatriz Rodrigues, 43 anos, não foram encontrados os restos mortais de sua filha, Cláudia de Oliveira Rodrigues, 15 anos, que estava no banco de trás do veículo quando ocorreu o crime, segundo a Polícia Civil. Evidências apontam para a morte de Beatriz Rodrigues no momento do acidente.

Qual o horário da morte e o local do crime? Por que a Polícia Civil não encontrou nenhum vestígio de fumaça no momento em que o corpo foi encontrado carbonizado? Como a polícia conseguiu definir que a causa de morte? De fato um assalto como suspeito o matou, por que não foi levada a ele e a ela para que não fosse roubado o carro? Por que não foi levado a ela para um local que custasse a Beatriz?

Figura 1 – ZH, 17/06/2004, p. 42.

Sanfelice também **lamentou não poder participar da missa de sétimo dia da morte da mulher**, na tarde de sábado. (SD 44, ZH, 21/06/2004, p.5).

Na segunda visita que fez ao filho essa semana, o pai do empresário **entregou-lhe ontem mais uma Bíblia** (outra havia sido levada para ele no começo da semana) e um livro sobre Padre Reus. (SD 71, ZH, 26/06/2004, p.26).

– Isso não existe. Ele está chocado, preocupado com o filho, que é uma peça-chave na vida dele. **O único pedido que ele fez na prisão foi por uma Bíblia que estava na sua casa**, e que já foi alcançada a ele – contou Weber. (SD 55, ZH, 22/06/2004, p.34).

“Faço meditação e **oração duas horas por dia**. Também faço ginástica, leio muito e não saio para o pátio para evitar qualquer situação que me exponha, para não dar motivos a que venham me acusar de líder de qualquer plano de fuga, como já fizeram para prejudicar o julgamento do habeas corpus no Tribunal de Justiça (TJ). Saio da galeria somente para falar com meus advogados. Às quartas-feiras, **participo de um grupo religioso na capela do presídio**. Faço duas refeições por dia e tenho um companheiro de cela. Jogo xadrez com ele e estou escrevendo uma espécie de diário sobre o que está me acontecendo. Também leio sobre História geral e Filosofia.” (SD 175, ZH, 11/06/2005, p.44).

De sua inconformidade em estar preso, Sanfelice destacou, em entrevista, o fato de não existir uma missa no local.

A única coisa que não consegui entender é **como num lugar desses, tão perto do demônio, não existe uma missa**. (SD 118, ZH, 08/07/2004, p.4).

Ao reconstituir a história do casal Luiz Henrique Sanfelice e Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, Zero Hora representa o empresário como um bom marido, apaixonado pela mulher e que lhe fazia todas as vontades.

– Tinha de **existir mais Henriques para haver mais mulheres bem casadas**.

A frase de uma antiga amiga do casal resume o **pensamento de parte dos hamburguenses em relação a Luiz Henrique Sanfelice e Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues** e dá uma noção de quanto a morte da mulher, cuja suspeita recai sobre o marido, abalou o Vale do Sinos. (SD 76, ZH, 27/06/2004, p.42).

Executivo da área de exportação de calçados, Sanfelice, 39 anos, **viajava pelo mundo e visitava as mais sofisticadas boutiques atrás de jóias, perfumes, roupas e o que mais lhe agradasse para presentear a mulher**, jornalista, assessora de imprensa de empresas da região. Certa vez, **Beatriz sonhou com um anel de brilhantes no dedo. O empresário não descansou até encontrar a jóia para a mulher**. Desde o casamento, há 12 anos, **Sanfelice proporcionou a Beatriz uma vida desejada por muitos. Carro de luxo e viagens para o Exterior, lua-de-mel nos EUA, férias no**

Caribe, passeios pela França, Portugal, Espanha e temporadas em praias do Rio e do Nordeste. (SD 77, ZH, 27/06/2004, p.42).

Os negócios do empresário – chegou a ter rendimentos de R\$ 30 mil mensais – permitiram ao casal **trocar um apartamento de classe média no bairro Pátria Nova pelo Plaza Heller, um cobiçado condomínio no Centro**, erguido no final dos anos 90. (SD 78, ZH, 27/06/2004, p.42).

- A Bea era quatro anos mais velha do que o Henrique, e **ele a queria sempre bem, jovem e bonita** – lembra um amigo. (SD 80, ZH, 27/06/2004, p.42).

- A **Bea e o Henrique formavam um casal invejável, pela harmonia, pela alegria que demonstravam** – surpreende-se Edvino Schaeffer, diretor-executivo da Associação Comercial e Industrial (ACI) de Novo Hamburgo, Campo Bom e Estância Velha. (SD 83, ZH, 27/06/2004, p.42).

Em público, Sanfelice **reagia com rispidez a qualquer tipo de indelicadeza com Beatriz.** (SD 84, ZH, 27/06/2004, p.42).

– **Se alguém atendesse mal, ou mesmo não desse atenção a ela numa loja, ele virava bicho**, chamava o gerente e brigava – lembra uma conhecida do casal. (SD 85, ZH, 27/06/2004, p.42).

Com o assassinato da mulher, **amigos temiam por uma atitude agressiva de Sanfelice. Pensavam que ele invadiria a delegacia, exigindo a prisão dos criminosos a qualquer preço.** (SD 95, ZH, 27/06/2004, p.42).

A justificativa de Luiz Henrique Sanfelice para ter estado confinado no Presídio Central e ter sido alvo de uma investigação na qual figurava como principal suspeito era uma: injustiça. Seja por um complô que envolveria o Judiciário, o Ministério Público e a Polícia Civil, que teriam ignorado outras linhas de investigação, que não teriam permitido acesso ao inquérito etc. Suas declarações à Zero Hora, assim como as de seus advogados e de seu pai, tentam construir essa representação.

Defesa do marido de jornalista carbonizada em Novo Hamburgo **alegou que precisava ter acesso ao inquérito** (SD 58, ZH, 23/06/2004, p.40).

Conforme seus advogados, está **debilitado, abatido e emagreceu.** (SD 70, ZH, 26/06/2004, p.26).

Todos os dias, **Sanfelice pede aos advogados notícias do filho de quatro anos. Está preocupado em garantir-lhe a manutenção da companhia da babá**, pessoa com a qual o menino passava a maior parte do tempo. Familiares do empresário estão em tratativas para que a funcionária continue no emprego. (SD 72, ZH, 26/06/2004, p.26).

Zero Hora – O que mais tem lhe incomodado nos dias em que o senhor está no Presídio Central?

Luiz Henrique Sanfelice – **A injustiça. Não tenho conseguido dormir. Es-**

tou mal emocionalmente. (SD 94, ZH, 02/07/2004, p.44).

Outra tentativa de Sanfelice era, além de dizer que estava sendo perseguido, criar a ideia de que as instituições responsáveis pela investigação e, conseqüentemente, por sua prisão não tiveram competência para achar o verdadeiro culpado.

ZH – O que o senhor acha que levou a polícia a apontá-lo como principal suspeito da morte de sua mulher?

Sanfelice – A **incompetência.** (SD 96, ZH, 02/07/2004, p.44).

Luiz Henrique Sanfelice enviou ontem uma carta à sogra, a mãe da jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues. Nela, o empresário alega **inocência e pede que reze por ele.** Sanfelice diz que amava a mulher e que **não fez “nada de errado com a Bea”.** (SD 110, ZH, 06/07/2004, p.34).

- A delegada (Rosane de Oliveira Oliveira) já manifestou que acredita na culpa dele, logo, **não tem condições éticas de continuar no caso. Espero que não tenhamos um novo caso Daudt** – afirmou Rieger. (SD 111, ZH, 06/07/2004, p.34).

Durante todo caso mas principalmente no início, quando passou a ser considerado suspeito, o comportamento de Sanfelice mudou. Assim como os advogados que o defenderam. Após um período se negando a depor, a estratégia escolhida foi exigir justiça das autoridades.

“Agora, estou **exigindo justiça**” (SD 113, ZH, 08/07/2004, p.4).

Algemado, **clamou por Justiça, se emocionou,** tomou água e, pela primeira vez, em contato fora do parlatório, pôde abraçar o advogado que lhe defende há uma semana, Engelberto João Rieger. O advogado protesta pelo fato de as **imagens captadas pelas câmeras de rua de Novo Hamburgo na manhã do crime terem sido desgravadas.** (SD 114, ZH, 08/07/2004, p.4).

Até ontem, estava em absoluta paz e tranqüilidade, pois tinha certeza de que, no momento em que fossem vistas as fitas (com as imagens das câmeras de rua em Novo Hamburgo), **eu sairia daqui.** Agora, estou exigindo justiça. **Como podem ter destruído as fitas onde eu aparecia? Quem é responsável por esse ato criminoso?** Estou solicitando que as fitas sejam vistas desde o primeiro dia que me fizeram essa hedionda acusação, de ter matado a minha esposa. **Ninguém tem provas contra mim, e eu estou aqui preso. Meu filho de quatro anos está sem pai e sem mãe, e eu aqui preso enquanto o bandido que matou minha esposa assiste pela TV a delegada se promovendo, aos sorrisos, na Zero Hora. Onde está a competência da polícia?** (SD 115, ZH, 08/07/2004, p.4).

Tenho saudade da minha mulher, tenho saudade do meu filho. Quero ver

meu filho. **Desde que soube que as fitas foram apagadas entrei em desespero. Está sendo feito um complô.** (SD 116, ZH, 08/07/2004, p.4).

A polícia é incompetente. Não encontra o criminoso. Um dia antes, estava na capa da ZH, se não me engano, que existem mais de 1 milhão de casos sem solução. Por que não descobrem o caso do Mezacasa? (SD 117, ZH, 08/07/2004, p.4).

Sanfelice: **“Como podem ter destruído as fitas onde eu aparecia. Ninguém tem provas contra mim”** (SD 122, ZH, 08/07/2004, p.4).

ZH – Como o senhor se sente sendo o principal suspeito da morte dela?

Sanfelice – **Descrente da Justiça do Brasil. Descrente da Polícia Civil. Me sinto injustiçado, intimidado e exijo Justiça.** Quem tem que provar alguma coisa são eles. **Eu não fiz nada. Por que insistem em dizer que nada foi roubado?** Cadê as coisas dela, relógio, correntes de ouro, dinheiro? Se queimou a perícia tem de provar. (SD 125, ZH, 08/07/2004, p.5).

– **Os fatos são absolutamente inverossímeis. Não matei minha mulher, não estive no local do crime. Não tiraria a mãe do meu filho.**

Assim o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos, iniciou o depoimento que prestou ontem à tarde na 1ª Vara Criminal do Fórum de Novo Hamburgo. (SD 140, ZH, 21/07/2004, p.50).

Acusado de matar a mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, Sanfelice **alegou inocência, dizendo lamentar que o “verdadeiro criminoso” não esteja sendo procurado.** (SD 141, ZH, 21/07/2004, p.50).

Em carta enviada ao colunista Paulo Sant’Ana – publicada na edição dominical de Zero Hora –, **Sanfelice sustenta que não há provas contra ele e reclamam da morosidade da Justiça e do fato de ser mantido preso sem julgamento.** (SD 165, ZH, 08/11/2004, p.37).

Considero uma **armadilha** a divulgação do relatório. A acusação a fez no momento em que está para ser julgado o habeas do meu cliente. Temos a lamentar que um promotor de Justiça, em vez de mandar para o processo este documento, leve-o para órgão de imprensa. **Tal procedimento faz parte de uma série de manobras para amenizar os resultados da perícia onde há uma carta que prova a minha tese de que existe a possibilidade de manipulação dos dados na memória do computador.** Isso derruba os argumentos da acusação que diz ter encontrado o planejamento do crime no computador de Sanfelice. (SD 172, ZH, 11/12/2004, p.35).

Entre as falas de Sanfelice lamentando a prisão e reafirmando o descrédito na Justiça, há relatos em que ele usa a falta que sente do filho, salientando que o tempo passado no cárcere não poderá ser recuperado, e a suposta injustiça nunca será corrigida.

“Não mantenho contato com meu filho. Sei de notícias dele pelo que meu pai me diz. Uma única vez tentei ligar para a casa da minha sogra, mas ela desligou o telefone. A situação mais difícil talvez seja a distância dele. Estou desesperado por não poder ver, abraçar, beijar meu filho, ouvir sua voz.

Todo o resto eu posso superar. **Ser acusado injustamente e sem direito a defesa, preso sem condenação, meu nome jogado na lama.** Mas os momentos que estou perdendo da vida do Vitor, isso nunca vou poder recuperar.” (SD 176, ZH, 11/06/2005, p.44).

“Tenho uma sensação de descrédito na Justiça porque em nenhum dos julgamentos dos pedidos de habeas houve análise da minha situação. Justificam a negativa com questões técnicas, jurídicas, porque estou pronunciado etc... **Mas então já estou condenado? Por que tenho de esperar preso tanto tempo? Se o promotor quer um julgamento rápido, por que recorreu da pronúncia?** (SD 179, ZH, 11/06/2005, p.44).

“Não consigo entender qual a diferença do meu caso para aquele, por exemplo, que envolve um promotor de Justiça de São Paulo que baleou dois rapazes (um deles morreu) só porque olharam para a namorada dele. Ele está preso? Que eu saiba não, tem o direito a responder em liberdade... Por quê? Ah, porque é primário, tem bons antecedentes etc... Mas eu também não sou? **Por que a diferença de tratamento? A Justiça não é uma só?** Só porque ele é promotor? Eu não matei a minha esposa e a minha prisão é uma barbaridade. **Não consigo sequer me defender das acusações de forma adequada, aqui preso. E só estou aqui porque a polícia destruiu as provas que me inocentariam.** Por que as fitas de vigilância da Guarda Municipal não estão no processo?” (SD 181, ZH, 11/06/2005, p.44).

“Não é necessário treinamento algum (para o júri). Somente a verdade é que precisa ser dita e mostrada. Eu estava em casa na manhã daquele sábado (no dia do crime) e **poderia provar isto, se não fosse a destruição criminosa das provas pela polícia.** A Leani (Engester, a babá, pronunciada por falso testemunho) está falando a verdade. **Foi a única testemunha que não se submeteu à pressão da polícia, preferiu manter o que havia dito, mesmo sendo ameaçada por mais de cinco policiais, numa sala fechada, assim como fizeram com outras testemunhas.**” (SD 183, ZH, 11/06/2005, p.44).

“Na delegacia, no dia 13 de junho, com meu pai, fiz uma lista na presença do inspetor detalhando passo a passo tudo o que eu tinha feito no sábado (12 de junho, dia do crime). Pedi a ele uma cópia, que ele tirou no fax da delegacia, e disse que quando chegasse em casa confirmaria horários pelo celular. Ia fazer um relatório detalhado e imprimir pelo computador. Iria entregar a eles, e foi o que eu fiz no dia 16. Então não fiz isso no dia 8, como afirmam, mas no dia 13. Fiquei surpreso com a notícia de que a data era anterior, mas não poderia ser, a menos que fosse alterada depois. Aí surgiu a verdade: **quando apreenderam os computadores, não lacraram aquele de casa. Usaram da minha boa fé para produzir uma prova contra mim, para me prejudicar.** Isto está provado pelo Instituto-geral de Perícias, que diz ter recebido o computador sem lacre. **Por que não lacraram o computador de casa?**” (SD 184, ZH, 11/06/2005, p.44).

As alegações dadas por Sanfelice para o que ele chamou de “pena sem julgamento” foi a tentativa da polícia em levar uma resposta rápida à sociedade, pela “pressão da mídia”.

“Talvez seja tarde para buscar o verdadeiro criminoso, que talvez esteja dando risada disto tudo. Isto me deixa indignado, mas não posso me preocupar com isto agora, senão enlouqueço. **Isto comprova a fragilidade de nossas instituições. Estou preso porque a polícia quis dar uma resposta rápida à sociedade,** pela pressão da mídia, e cometeu um erro absurdo. Quando perceberam que era tarde demais, resolveram sustentar a farsa. Alguém garante a integridade total da polícia? Eu não! Por que não investigam o suposto amante? Por que não investigam o caso Mezacasa (João Laudir Mezacasa, industrial encontrado queimado em seu carro três dias depois da morte de Beatriz e a poucos quilômetros de onde ela foi morta)? **Estou cumprindo pena sem julgamento, por um crime que não cometi.** (SD 185, ZH, 11/06/2005, p.44).

ZH – Qual foi o momento de maior sofrimento ou tensão?

Sanfelice – Foram dois. O primeiro, quando descobri que as imagens das câmeras de Novo Hamburgo, que comprovariam o meu álibi, foram destruídas. O outro, quando **foi anunciada a fuga mentirosa do presídio, e foi aventada a minha transferência.** Foi uma noite de terror, a pior da minha vida, mas a direção do Presídio Central teve discernimento, competência e bom senso para perceber que eu não tinha nada a ver com aquela acusação. (SD 196, ZH, 10/12/2006, p.53).

ZH – Quem lhe visita? O senhor viu seu filho nesse período?

Sanfelice – Até hoje não me foi concedido o direito de ver o meu filho. **Me tratam como condenado sem sequer ter sido julgado.** (SD 197, ZH, 10/12/2006, p.53).

Nagelstein – (...) **O cenário montado pela polícia produziu os efeitos desejados:** duas pessoas de realce, conhecidas em Novo Hamburgo, e um **crime com características de barbarismo e hediondez, recaindo a acusação na figura do marido,** que teria matado, colocado a vítima no carro e ateadado fogo. Se fossem pessoas desconhecidas, seria diferente. (SD 203, ZH, 13/12/2006, p.47).

“Falhou a investigação” Renato Nakahara, advogado de defesa. (SD 212, ZH, 18/12/2006, p.43).

Como visto, o núcleo de sentido “O inocente” – o que mais aparece nas reportagens (116 SDs) – está presente em diferentes momentos da cobertura. Inicia-se com a notícia do assassinato e permanece mesmo após Sanfelice ter se tornado suspeito. Com a condenação e a fuga à Espanha, outros núcleos de sentido têm mais visibilidade, mas “O inocente” continua ligado à representação do empresário.

4.1.2. O suspeito

No final da mesma semana em que ocorreu o crime, Zero Hora afirmou que, nas ruas de Novo Hamburgo, os moradores só falavam em uma coisa: tinham certeza de quem havia matado a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues. Sem o

jornal dizer quem figurava como suspeito nas conversas de calçada, o leitor pôde colher indícios de que se tratava de Sanfelice, sobretudo, pelas declarações de integrantes da Polícia Civil nas reportagens. A representação de Sanfelice como suspeito do crime é a que tem o segundo maior número de sequências discursivas (76). Logo no início das investigações, havia indícios de que Sanfelice pudesse estar envolvido na morte da mulher; no entanto, as reportagens não citam o nome do empresário. Após a polícia apontá-lo como suspeito, Zero Hora o define, de forma clara, não apenas como suspeito, mas como o principal suspeito.

Alguns familiares dele e a empregada da família conversaram com o delegado. **Os vizinhos do condomínio de classe alta, no Centro, chegaram a prestar informações até no elevador do prédio.** Segundo Ranolfo, **o empresário forneceu informações com uma linha cronológica minuciosa.** (SD 6, ZH, 18/06/2004, p.41).

– **Fui interpelado, no elevador do prédio da vítima,** se era o delegado que investiga o crime. **Obtive boas informações** – disse o delegado Ranolfo Vieira Júnior. (SD 7, ZH, 18/06/2004, p.41).

No dia em que Sanfelice prestava depoimento na delegacia, a delegada Rosane Oliveira de Oliveira deixou escapar que tinha a confissão do assassino. Mais tarde, voltou atrás. Mas o relato do acontecimento acabou servindo como mais uma pista de que o empresário também era o suspeito número um dos investigadores, e não apenas dos moradores de Novo Hamburgo.

A pressão das ruas, da imprensa e da própria corporação tem feito estragos entre os policiais. A ponto de ter levado a delegada Rosane de Oliveira a cometer o ato falho de admitir a jornalistas – e depois voltar a atrás – que, às 17h10min de ontem, **a polícia estaria ouvindo a confissão do autor do assassinato.** (SD 8, ZH, 18/06/2004, p.41).

O crime, que já estava tendo grande cobertura, se tornou mais emblemático quando, em 19 de junho de 2004, a Polícia Civil admitiu o que já se especulava: Sanfelice era, de fato, o suspeito número um de ter matado e queimado a mulher dentro do carro (Figura 2), conforme descrito nas sequências discursivas abaixo:

Sanfelice é considerado o suspeito número 1 do assassinato de sua mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, queimada no interior do Mégane do empresário na manhã do sábado passado, dia 12, no Santuário das Mães, no bairro Roselândia. **Mesmo di-**

ante das evidências, a polícia passou a semana negando que Sanfelice fosse o principal suspeito do crime. Na quinta-feira, ele chegou a ser interrogado durante cerca de três horas em seu apartamento, na Rua Heller, no centro de Novo Hamburgo. A delegada Rosane de Oliveira Oliveira deixou escapar a afirmação de que o caso estava solucionado e que havia uma confissão. (SD 11, ZH, 20/06/2004, p.42).

Seria a partir de **uma contradição na versão apresentada pelo empresário** que a polícia embasou seu pedido de prisão, que teve a concordância do Ministério Público. (SD 12, ZH, 20/06/2004, p.42).

A não-confirmação do álibi apresentado pelo empresário Luiz Henrique Sanfelice sobre o que fez na manhã de sábado passado, depois do sumiço de sua mulher, foi o principal argumento para que a polícia solicitasse sua prisão temporária. (SD 13, ZH, 20/06/2004, p.42).

O depoimento de uma irmã de Beatriz, que teria falado com Sanfelice na manhã do crime e relatado que ele demonstrava atitudes estranhas, reforçou a ideia de que o assassinato só tinha um grande suspeito. Tudo apontava para Sanfelice. Outra testemunha teria dito que o empresário sentiu fortes dores nas pernas no mesmo dia – possivelmente por uma longa caminhada (a hipótese é que tenha ido a pé do local onde o carro foi incendiado até o apartamento do casal, no centro da cidade).

Na sexta-feira, **quando depoimentos reforçaram indícios que a polícia vinha reunindo durante a semana, o cerco começou a se fechar:** às 16h15min, a polícia alertou autoridades do aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, sobre a identidade do empresário, para evitar uma eventual fuga de avião. **Naquele momento, ele começou a ser vigiado de forma mais intensa por policiais.** Um dos depoimentos tomados naquela tarde deu à polícia o indicativo de que Sanfelice retornou para casa, na manhã do crime, por volta das 11h30min, com uma **atitude estranha.** Parecia cansado e atônito. (SD 14, ZH, 20/06/2004, p.42).

Ao encontrar no apartamento uma familiar da jornalista, chegou a se alterar, falando coisas sem nexos, como a afirmação de que estava no apartamento antes daquele horário. Outra testemunha confirmou que, no domingo, **o empresário sentiu fortes dores musculares, especialmente nas pernas, e se submeteu a uma sessão de massagem. A informação confirma a hipótese da polícia de que a pessoa que esteve com Beatriz no local do crime deixou a região a pé,** uma vez que não havia marcas de outros veículos. Para chegar em casa, o empresário teria caminhado por quase uma hora. (SD 15, ZH, 20/06/2004, p.42).

ZÉRO HORA
POLÍCIA

Edição: Marcelo Frazão • marcelo.frazao@zerohora.com.br • 5316-4757
Edição: Assisvaldo Cláudio Espagnola • claudio.espagnola@zerohora.com.br • 5316-4758

VALE DO SINOS Empresário Luiz Henrique Sanfelice é o principal suspeito da morte de Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues

Preso marido de jornalista assassinada

DEBORA TRINDADE e NILSON MARINHO

A Polícia Civil de Novo Hamburgo prendeu na manhã deste sábado o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos. Sanfelice teve a prisão decretada por suspeita do assassinato de sua mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, queimada no interior do Mégane do empresário na manhã do sábado passado, dia 12, no Santuário das Mães, no bairro Rosalândia.

A prisão temporária por 30 dias foi assinada pelo juiz plantonista Marco Aurélio Martins Xavier por volta das 10h40min deste sábado. Conforme o juiz, "o crime teve uma motivação afínica de cunho íntimo". Afirmou ainda que há provas testemunhas e periciais que embasaram o pedido de prisão. Uma hora depois, policiais civis cercaram o prédio da Rua Heller, no Centro, onde o empresário mora. Uma equipe chafarizou pelo delegado regional do Vale do Sinos, Rafael Viana Zanoni, sobre um apartamento no 10º andar e efetuou a prisão.

Em entrevista coletiva na 1ª Delegacia da Polícia Civil, o delegado regional definiu o caso como "homicídio, crime premeditado, possivelmente com motivação passionista".

Mesmo diante das evidências, a polícia passou a semana não admitindo que Sanfelice fosse o principal suspeito. O empresário negou participação na morte. Na quarta-feira, ele chegou a ser interrogado durante cerca de três horas em seu apartamento. Naquela dia, a delegada Helena de Oliveira Oliveira deixou escapar a afirmação de que o caso estava solucionado e que havia uma confissão.

Ao final do interrogatório, o delegado disse a jornalistas que estava coletando dicas com familiares de Beatriz e moradores. Outras informações buscadas pela polícia, estava a checagem do alibi de Sanfelice para a manhã do sábado passado. Sem a partir de uma contradição na versão apresentada pelo empresário que a polícia embasou o pedido de prisão, com a concordância do Ministério Público.

genivaldo@zerohora.com.br
nilson.marinho@zerohora.com.br



A prisão: policiais civis debaixo do prédio da Rua Heller, em Novo Hamburgo, com o empresário (suscitado no carro), que teve prisão decretada

Entenda o caso

Uma semana depois do crime, marido foi preso como principal suspeito:

- A jornalista Beatriz Rodrigues desapareceu na manhã de sábado passado. De dia harmoniosa, após encontrá-lo com o marido, o empresário Luiz Henrique Sanfelice, numa agência bancária no centro de Novo Hamburgo;
- Por volta das 10h00min, as câmeras registraram Sanfelice sacando R\$ 1 mil de sua conta. Em seguida dele retirou quantias iguais como esse, segundo agência a polícia;
- O corpo de jornalista é encontrado carbonizado dentro de Mégane do marido, no Santuário das Mães, às 11h de domingo;
- Quanto a semana, uma testemunha jurou a polícia de que a vítima foi morta ainda no sábado, 12 de junho, entre 10h00min e 10h30min;
- Na quarta-feira, uma passadeira pela paz ocorreu nas ruas de Novo Hamburgo. O vídeo trouxe um quadro com a foto de mulher;
- O marido passa a figurar como suspeito do crime, é ouvido durante a semana e mantido a versão de que é inocente. Afirma que a mulher pode ter sido vítima de um assalto;
- Nesse sábado, a polícia obtém como Juiz a prisão temporária do empresário.

No local: Sanfelice (C) amparado por policiais civis

LEILÕES

EMBRASIS LEILÕES

Grande Leilão de Veículos
2ª Feira 22:06 - 14 horas

Atendimento: 0800 010 0000

Atendimento: 0800 010 0000

LEILÃO DE VEÍCULOS

Atendimento: 0800 010 0000

Leilão Judicial

A Zero Hora contribui para o bom andamento do processo.

Publicidade legal à na Zero Hora

ZERO HORA

Figura 2 – ZH, 20/06/2004, p. 42.

Após a divulgação, por parte dos investigadores, de que o marido poderia ser o assassino, Zero Hora mostrou como as peças de um quebra-cabeça poderiam se encaixar.

Foi uma atitude de Sanfelice enquanto acompanhava policiais nas buscas ao corpo que o elegeu como suspeito. O Mégane foi encontrado perto do Santuário das Mães. No sábado, policiais perceberam que ele olhava muito em direção ao santuário. (SD 16, ZH, 20/06/2004, p.42).

A segunda formação discursiva mais presente nas reportagens (76 FDs) é a mais reiterada pelas fontes oficiais, que neste caso são a Polícia Civil e o Ministério Público. Além disso, a condição de suspeito é reforçada pelas duas FDs seguintes: “O homem frio e calculista” e “O criminoso especializado”.

4.1.3. O homem frio e calculista

Zero Hora deixou evidente este sentido principalmente quando começaram a ser divulgados os primeiros indícios de que o empresário era o principal suspeito. No entanto, as 36 sequências discursivas foram encontradas ao longo de toda a cobertura.

Tão logo Sanfelice foi eleito pela Polícia Civil o principal suspeito de ter assassinado a mulher – e, preventivamente, ter sido preso – iniciou-se uma tentativa de explicar ao leitor que motivos teria o empresário para cometer o crime. O que demonstram as reportagens, ao elencar as possíveis motivações, é que se trata de um homem que planejou cada detalhe do crime. Que teve tempo de pensar em como não deixar rastros.

A polícia pretende buscar informações sobre **seguros de vida e sobre um recente contato do empresário com a companhia de seguro de seu veículo**, o Mégane queimado, para saber se estava em dia. A polícia também sabe que um detetive particular havia sido contratado há cerca de 20 dias para acompanhar os passos de Beatriz. **Os telefones teriam sido grampeados**. (SD 17, ZH, 20/06/2004, p.42).

Em entrevista coletiva na 1ª Delegacia da Polícia Civil, o delegado regional definiu o caso como “homicídio, **crime premeditado**, possivelmente com motivações passionais”. (SD 20, ZH, 20/06/2004, p.42).

O quebra-cabeças montado pela polícia está recheado de dados como o fato de uma testemunha ter contado que **viu o empresário nas proximidades do santuário na quarta-feira anterior ao crime**. Outra informação é da testemunha que descreveu a roupa que Sanfelice usava na manhã do dia do crime: surrada e suja de fuligem. Na busca no apartamento depois da prisão do empresário, sábado pela manhã, **policiais esperavam encontrar essa roupa, mas não tiveram sucesso**. Apreenderam, no entanto, um medicamento **tranquilizante, que pode preencher uma das lacunas do caso: a forma como Beatriz morreu**. Uma das suspeitas dos investigadores é de que Beatriz estivesse **dopada** no momento em que o incêndio no Mégane foi iniciado. Logo, ela teria sido queimada ainda viva. O fato de ela estar sem condições de reagir ao ataque fortalece a tese policial de que o

assassino cometeu o crime sozinho. (SD 26, ZH, 21/06/2004, p.4).

Apesar de ter conseguido, como declarou o delegado Ranolfo Vieira Júnior, dar uma linha cronológica minuciosa do que fez na manhã de 12 de outubro de 2004, ficaram perguntas não respondidas e contradições. Isso acabou, nas páginas do jornal, reforçando que Sanfelice cometeu o crime, depois de ter pensado em um plano.

A versão apresentada pelo empresário quando registrou a ocorrência do sumiço e ao dar os primeiros depoimentos ajudou a polícia a acreditar que ele mentiu. Um dos principais elementos foi o depoimento de um conhecido da vítima. Ele contou ter **recebido uma ligação de Beatriz na qual ela explicava que não poderia encontrá-lo no Dia dos Namorados** porque havia sido convidada pelo marido para ir à cidade de Dois Irmãos fazer compras. Essa **informação contraria a versão do empresário de que a mulher faria compras na cidade e se encontraria com amigos** para almoçar naquela manhã. (SD 27, ZH, 21/06/2004, p.4).

A contratação pelo empresário de um detetive particular dá conta de que poderia haver um problema envolvendo negócios entre Sanfelice e sua mulher. Haveria um desfalque ou desvio de dinheiro na empresa deles de cerca de US\$ 380 mil. (SD 31, ZH, 21/06/2004, p.4).

A trama para que Beatriz estivesse no Mégane do marido na manhã do crime pode fazer parte da **premeditação do crime**. Poderia já estar **guardado no veículo, por exemplo, o produto inflamável usado para dar início ao fogo**. Além disso, a polícia investiga a informação de que dias antes do crime o empresário fez contato com a seguradora de seu carro para verificar se o seguro estava em ordem. (SD 36, ZH, 21/06/2004, p.4).

A representação de Sanfelice como um homem frio – além do fato de, possivelmente ter assassinado a mulher – se dá nos relatos de como reagiu à prisão. Zero Hora relata que ele não mostrou contrariedade ao ser algemado, apenas beijou o filho e não se despediu do restante da família. Mostrou indignação, apenas, ao saber que iria ficar no Presídio Central, contou o jornal, em 21 de abril de 2004.

Quando os policiais bateram à porta do apartamento do empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos, na Rua Heller, no sábado pela manhã, ninguém sabia qual seria a reação do marido da jornalista assassinada. Sanfelice ouviu a ordem de prisão, teve as mãos algemadas e apresentou um **comportamento que o delegado regional Ranolfo Vieira Júnior definiu como de “extrema frieza”**. (SD 42, ZH, 21/06/2004, p.5).

– Ele foi **frio, automático**. Parece que tem um botão que aperta e basta. Pediu para se despedir do filho (Vitor), deu um beijo e abraçou. Foram alguns segundos. **Do resto da família, nem se despediu** – contou um agen-

te que esteve no apartamento.

O empresário não falou nada com o filho. Manifestou contrariedade quando soube que, pela determinação do juiz Marco Aurélio Martins Xavier – por solicitação da Polícia –, iria para o Presídio Central, onde deve ficar pelo menos por 30 dias. Chegou a lembrar aos delegados que tinha curso superior, em Administração de Empresas. (SD 43, ZH, 21/06/2004, p.5).

A delegada Rosane Oliveira de Oliveira relatou à Zero Hora, menos de um mês após o crime, que atitudes tomadas por Sanfelice para afastá-lo das suspeitas acabaram o incriminando. O jornal reproduziu a fala da delegada.

– **Ele chorou muito. Abraçou-se em mim e pediu que descobrisse o criminoso.** Respondi que, pela violência, não parecia ter sido roubo ou seqüestro, mas um crime passional. **Ele se afastou três passos e se preocupou em me perguntar por que eu estava dizendo aquilo a ele.** Passou a ser suspeito naquele momento. (SD 105, ZH, 04/07/2004, p.44).

– Ele é **inteligente, usou palavras calculadas e atos medidos.** Não esperava muito do interrogatório, mas foi possível extrair contradições – afirmou Amorim. (SD 146, ZH, 21/07/2004, p.50).

Por acompanhar o caso desde o primeiro momento e observar como a representação de Luiz Henrique Sanfelice foi se modificando nas reportagens de Zero Hora, nos chama a atenção como o empresário – que inicialmente era representado como inocente – foi tendo uma imagem paradoxal: ao mesmo tempo em que dizia não ser o autor do crime, fontes da polícia e do Ministério Público, ouvidas pelo jornal, contribuíam para a construção dos sentidos além de suspeito, de criminoso frio que planejou os detalhes antes de assassinar a própria mulher, inclusive grampeando suas ligações (Figura 3), como informam as SD's abaixo:

Perícia aponta que **Sanfelice preparou álibi antes do crime** (SD 148, ZH, 24/07/2004, p.36).

O Departamento de Criminalística (DC) localizou ontem no computador do empresário Luiz Henrique Sanfelice um dado que pode ser decisivo no processo que ele responde pela morte da mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues. De acordo com a análise do DC, **um arquivo do computador indica que quatro dias antes do crime, em 8 de junho, o empresário havia começado a descrever o roteiro que supostamente faria na manhã do dia 12 e que posteriormente apresentaria à polícia como álibi.** (SD 149, ZH, 24/07/2004, p.36).

O encontro do fragmento indica que o **roteiro descrito por Sanfelice começou a ser feito com quatro dias de antecedência ao assassinato da**

jornalista. (SD 150, ZH, 24/07/2004, p.36).

Conforme o promotor Eugênio Paes Amorim, a descoberta dos peritos fortalece a tese da denúncia de que Sanfelice, além de ser o autor do crime, **premeditou cada passo que daria no dia do crime.**

– Recebi a informação da perícia com satisfação, na medida em que estou convencido de que ele é o autor. Comemorei. Esse é um elemento muito forte e importante para o processo. **Por que razão alguém colocaria no computador os seus passos e o da mulher quatro dias antes, se não para premeditar um crime e um alibi?** – destacou o promotor, ao receber a informação extra-oficial, na sexta-feira. (SD 154, ZH, 25/07/2004, p.42).

Em uma análise inicial, foi encontrado um arquivo criado em 16 de junho e modificado em 17 de junho, no qual **Sanfelice listou locais por onde passou, os horários e telefonemas que fez na manhã de 12 de junho.** O material chamou a atenção da polícia por ser mais completo do que o roteiro que o empresário havia feito a mão logo depois de prestar depoimento, em 13 de junho. Além disso, o roteiro feito no computador apresentava divergências em relação ao que fora manuscrito. (SD 156, ZH, 25/07/2004, p.42).

ZÉRO HORA

POLÍCIA

48 | PORTA ABERTA, 25/06/2004

Edição: Marcelo Brasil + marcelo@zerohora.com.br • 5118-4757
Edição: Assessoria: Cláudio Espinosa + claudio@zerohora.com.br • 5118-4758

VALE DO SINOS Homem diz que marido de jornalista queria monitorar os passos de uma outra pessoa, além da mulher

Testemunha revela bastidores da espionagem

ADRIANA BION

Um dia antes do jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, ser morto, o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos, teria tentado remover o gravador que mandara colocar em um telefone da mulher para o de outra pessoa.

Ele comprara o equipamento de um microempresário, alegando desconhecida relação com os negócios de sua empresa, em Novo Hamburgo.

Com o equipamento, Sanfelice teria descoberto que a mulher telefonava para uma outra pessoa, a seu conhecimento, empresário do Vale do Sinos com o qual ela estaria mantendo uma relação extramatrimonial. Nesse caso, teria tentado desviar o gravador para um telefone deste homem.

O microempresário informou então a Zeri Hora que, na semana anterior ao crime, Sanfelice lhe contou ter descoberto, por meio do equipamento, um endereço de 1.035 300 mil. No mesmo dia, que saber se seria possível localizar o gravador em outra pessoa.

Os detalhes reforçam a hipótese investigada pela polícia de que a motivação do crime estaria ligada aos passadinhos e financeiros. Sanfelice está preso desde sábado. Hoje foi encontrada confirmada no dia 13, dentro do MiGueiro da morte, no Santuário das Mães.

Apesar da explicação que deu ao homem para comprar o equipamento – um gravador de telefone fixo e dois pontos de escuta ambiental – não foi na empresa que Sanfelice realizou as compras. Ao final da tarde da quarta-feira, dia 9, o empresário recebeu o microempresário no fazendeiro apartamento em que vivia com Beatriz, e lá foi instalada o gravador.

A escuta ambiental, como não depende de instalação (basta ser colocada sobre um móvel, o que permitiu que o instrumento seja o que está sendo levado a 600 metros), ficou aos cuidados do empresário. A testemunha – que a polícia divulgou ser um detetive – não sabe quem investigava. Há um 20 anos o dono da empresa, publicado no domingo, 6 de junho, que é Luiz Henrique.

Os dois marcaram um encontro para a segunda-feira, dia 7. Sanfelice esteve no escritório da empresa, a CasaBombril.com.br, em Porto Alegre, às 17h do dia marcado. Típicas o MiGueiro Imanta, no qual hoje aconteceu a morte.

Segundo o homem, Sanfelice se apresentou como empresário do ramo de equipamentos, disse ter dono de ponto de computadores e de celular, falou sobre laços com vendas de cadafal e contou ter relações extramatrimoniais. Não fez, conforme a testemunha, referência a mulher.

Quando foi assinado o cheque de R\$ 2,2 mil para a compra dos equipamentos, mostrou ao microempresário, explicou, a foto de Beatriz. O homem também viu a foto de uma mulher, que disse reconhecer como sendo Beatriz.

A testemunha ficou de entregar os equipamentos na quarta-feira seguinte, na residência do empresário. No apartamento estava, além de Sanfelice, mulheres que ele acredita serem a esposa e a filha dele, e o filho do casal, que assistia à TV. Beatriz não estava, mas ele diz ter notado a falta dela pela casa.

Segunda morte assustou testemunha

O empresário mostrou o apartamento que ocupa o 16º andar do prédio que a esposa possui instalada no escritório. O gravador que fica acoplado à linha do telefone foi conectado pelo empresário, conforme o homem, até o ponto de arquivar, em uma estante.

Quando o telefone é tocado, o gravador é acionado, tendo capacidade para três horas de conversa. Uma hora com gravação do gravador foi gravada. No dia seguinte à instalação, dia 10, o empresário pediu detalhes de funcionamento dos equipamentos. Na sexta-feira anterior ao crime e à morte de Beatriz, uma desastrosa.

– Ele disse que, com o uso do equipamento, havia descoberto um endereço por lá que estava acontecendo e que a linha era de 1.035 300 mil – afirmou a testemunha.

Hoje depois, Sanfelice queria saber se era possível remover o gravador de uma pessoa para o de outra. Não teria nenhuma informação. O microempresário sustentou que não sabia que o telefone gravava em o de mulher.

Poucos de nos encontrar depois do final da semana. Quando se a notícia do crime no RioGrande, teve um procedimento. Investigação o MiGueiro Imanta e a foto da mulher que vive no apartamento – contou.

As 12h30min da segunda-feira, dia 14, Sanfelice uma ligada:

– Pulou (intelectual), é o Henrique. Acertou uma denúncia.

– Há um, vi no noticiário.

– Ainda com a investigação, sim, tudo do ar que o seu fato contou em tempo.

Na terça-feira, quando um segundo carro apontou apontado com uma pessoa carbonizada, a testemunha procurou policiais que conduziram o veículo à deposição.

adriana.bion@zerohora.com.br

Entrevista: Microempresário, testemunha na morte de Beatriz

“Ainda tenho medo”

O microempresário de 28 anos, que atua em Porto Alegre e vendeu equipamento de espionagem ao marido de Beatriz Rodrigues, jornalista morta em Novo Hamburgo, está assustado. Ele é mencionado na investigação que levou Luiz Henrique Sanfelice à cadeia. O homem, em entrevista a Zeri Hora, contou detalhes do caso:

Zeri Hora – Como foram seus contatos com o empresário Sanfelice?

Microempresário – Por telefone e pessoalmente, no meu escritório e no apartamento dele. Há um mês parecia um homem bem-sucedido, tranquilo, falou dos ganhos que tinha.

Zeri Hora – Por que o senhor acredita que corre alguns riscos?

Microempresário – Tinha informações do caso, falei com a polícia. Ainda tenho medo. O nome da minha família não é mais o mesmo desde o crime. Não tenho tranquilidade. Quando um cliente liga marcando encontro, fico com receio de que seja uma armadilha.

Zeri Hora – O senhor acredita que o empresário esteja envolvido no crime?

Microempresário – No dia que eu fui depoimento, a polícia já sabia isso. Eu acho o comportamento dele estranho. Depois do crime, ele nem cogitou de se encontrar com ninguém, pra que pudesse ajudar na solução da morte da mulher. Mas não quero opinar. Contei tudo que sabia à polícia.

Semeleças, 21 anos depois

Caso Bragança

As mortes

- De dia foram carbonizadas dentro de veículos
- As vítimas
- As vítimas foram quinze e vivas
- Bragança foi baleado, mas a perícia indicou que ainda estava vivo quando o corpo foi queimado no porta-vidros
- No caso de jornalista, a hipótese é de que tenha sido baleado com medicamento, portanto, estaria vivo quando o fogo foi iniciado sobre seu corpo
- A sigla
- As duas vítimas moravam e tinham negócios em Novo Hamburgo

Caso Beato

■ Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues morreu carbonizada dentro do carro do marido, próximo ao Santuário das Mães, em Novo Hamburgo

Conforme o delegado:

- Os policiais de Bragança e Amador foram auxiliados por uma empresa especializada
- O marido de jornalista assassinada, Luiz Henrique Sanfelice, está no ramo de equipamentos e mantém sua empresa no mesmo prédio onde funciona uma empresa de Amador, na RS-230

De negócios

- Bragança e Amador tinham sociedade em uma empresa especializada
- O marido de jornalista assassinada, Luiz Henrique Sanfelice, está no ramo de equipamentos e mantém sua empresa no mesmo prédio onde funciona uma empresa de Amador, na RS-230

Figura 3 – ZH, 25/06/2004, p. 48.

As 36 SDs que constroem a representação de “homem frio e calculista” de Sanfelice começam a aparecer em um momento chave da cobertura: logo que o empresário é mostrado por Zero Hora como o principal suspeito de ter assassinado Beatriz. Isso acaba fazendo com que a ideia de suspeito seja reforçada e inicia a construção de outra representação, que ganha força durante o tempo em que Sanfelice esteve no Presídio Central e atinge o auge quando o empresário é capturado na Espanha: a de “criminoso especializado”.

4.1.4. O criminoso especializado

A construção do sentido de que Sanfelice é um criminoso especializado começou a ser delineada quando Zero Hora o representou como um homem frio e calculista, ao relatar as possíveis formas como ele teria planejado o crime. Mas ao mostrar o plano de fuga do Presídio Central e, mais tarde, a real fuga do regime semiaberto, as reportagens passaram a reiterar, em 46 sequências discursivas, que Sanfelice era mais que um homem frio e calculista – apesar de não ter antecedentes criminais, foi comparado com os criminosos mais procurados pela polícia do Rio Grande do Sul.

No mesmo ano em que Sanfelice foi preso, um apenado do Presídio Central concedeu uma entrevista ao jornal NH, na qual relatava um suposto plano de fuga envolvendo o empresário. Zero Hora utilizou a informação nos dias que seguiram a entrevista, reforçando a ideia de que Sanfelice era um criminoso inteligente.

Alerta de **possível fuga** pode forçar remoção de Sanfelice (SD 168, ZH, 11/12/2004, p.35).

O promotor de Justiça de Novo Hamburgo Eugênio Paes Amorim pedirá ao comando da Polícia Civil que investigue o **suposto plano de fuga do Presídio Central, que teria como um dos mentores o empresário Luiz Henrique Sanfelice**. (SD 169, ZH, 11/12/2004, p.35).

Durante duas horas, o detento detalhou o plano que seria realizado na noite de 28 para 29 de novembro e envolveria 15 presos da primeira e segunda galerias do pavilhão E. O informante aponta **Sanfelice como um dos articuladores da ação**. O plano contaria com a utilização de um **helicóptero para resgate aéreo, apoio de um guarda interno do presídio e mais cinco advogados, e teria um gasto estimado de R\$ 80 mil**. Desta quantia, R\$ 70 mil teriam sido distribuídos entre os presos do pavilhão D, que no dia

da fuga faziam uma agitação para desviar a atenção da Brigada Militar. O restante seria pago a um policial militar que estaria de serviço naquela noite. (SD 170, ZH, 11/12/2004, p.35).

O preso também revelou que **Sanfelice tinha uma planta baixa do Presídio Central, inclusive com a localização das guaritas externas do presídio**, onde ficariam estacionados os automóveis com pessoal de retaguarda para render os guardas. Os mapas teriam sido minuciosamente estudados pelo empresário de Novo Hamburgo. (SD 171, ZH, 11/12/2004, p.35).

Para o Ministério Público (MP), **Sanfelice não pode ser solto porque há risco de que deixe o país**. O promotor Eugênio Paes Amorim diz que há elementos para a medida.

– Se não existissem provas, os tribunais não o manteriam preso. (SD 187, ZH, 12/06/2006, p.34).

Outra característica utilizada por Zero Hora para representar Sanfelice foi seu conhecimento do que estava sendo acusado e como se defender.

Após o depoimento rico em detalhes que prestou na quinta-feira, demonstrando ter **pleno conhecimento do processo**, Sanfelice passou a manhã com anotações nas mãos – **papéis que lia e relia durante a inquirição das testemunhas**. Usava um terno da mesma cor do da véspera. Às 10h23min, o promotor Eugênio Paes Amorim sugeriu que ele sentasse ao lado dos defensores para facilitar a comunicação, já que freqüentemente precisava virar-se para trás para trocar idéias. A defesa não aceitou a gentileza do MP. (SD 232, ZH, 16/12/2006, p.38).

Declará-lo como foragido – o que, de fato, era – auxiliou a passar a imagem de um homem que, apesar de não confessar o crime pelo qual foi condenado, tomava atitudes que correspondiam a de um criminoso “especializado”. Outro fator que salientou essa ideia foi as especulações a respeito dos paradeiros de Sanfelice.

Empresário condenado a 19 anos por matar a mulher **aproveitou saída do semi-aberto para fugir** (SD 221, ZH, 12/04/2008, p.51).

Sanfelice está foragido (SD 222, ZH, 12/04/2008, p.51).

Na quinta-feira, **a exemplo de apenados como o assaltante de bancos e de carros fortes Cláudio Adriano Ribeiro**, o Papagaio, Sanfelice aproveitou a semiliberdade para fugir. (SD 224, ZH, 12/04/2008, p.51).

No final de semana, surgiram mais especulações sobre o paradeiro do fugitivo. Há quem aposte que tenha **viajado ao Exterior**, mas a advogada Gabriela lembra que o passaporte dele foi retido. Outros acreditam que esteja num **sítio de difícil acesso, na Região Metropolitana**. (SD 226, ZH, 14/04/2008, p.31).

Depois de anos agitados no Brasil devido à cobertura da imprensa, Sanfelice foi preso enquanto levava uma vida pacata na Espanha. O fato foi explorado por Zero Hora, principalmente pela forma como o empresário conseguiu fugir do país e viver e trabalhar na Europa.

Como faz todas as manhãs, às 9h de ontem o delegado federal Farnei Franco Siqueira, representante da Interpol (Polícia Internacional) no Rio Grande do Sul, ligou seu computador. Quase deu um pulo para trás ao ler um e-mail em espanhol, enviado por um agente da Polícia Nacional da Espanha às 3h (horário de Brasília). A mensagem, de cinco linhas concisas, era uma notícia aguardada com ansiedade: **o mais ilustre foragido da Justiça do Rio Grande do Sul, o empresário Luiz Henrique Sanfelice**, 45 anos, foi capturado terça-feira nos arredores de Sevilha, na Espanha. **Ele conseguiu se esconder naquele país porque tem cidadania espanhola e brasileira.** (SD 258 ZH, 06/05/2010, p.58).

Os espanhóis também informaram que o foragido **usava, na Espanha, o nome de Luiz Enrique Sanfelice Fernández**. Na realidade, é uma transposição da grafia, para o espanhol, do seu nome (sua mãe tem Fernandes como um dos sobrenomes. Em espanhol, o nome da mãe vem por último). (SD 230, ZH, 06/05/2010, p.58).

O delegado José Antônio Dornelles, da superintendência regional da PF, colocou em agosto Sanfelice no **boletim Difusão Vermelha, uma publicação da Interpol que lista procurados internacionais**. Ela serve de alerta mundial para busca de foragidos. E incumbiu seu colega Farnei Franco Siqueira de procurar a **agulha no palheiro**. (SD 233, ZH, 06/05/2010, p.58).

Vida discreta em cidade pacata (SD 241, ZH, 07/05/2010, p.5).

Luiz Henrique Sanfelice vivia na última casa, da última rua, de um condomínio fechado, de uma cidade com pouco mais de três quilômetros quadrados de área e 8 mil habitantes, Bollullos de la Mitación, localizada no entorno de Sevilla. **Levando uma vida discreta, Sanfelice não chamou sequer a atenção dos vizinhos**. Era um desconhecido. (SD 242, ZH, 07/05/2010, p.5).

Após a captura do empresário, ele passou a figurar nas matérias caracterizadas por expressões como “mais famoso foragido gaúcho”. Neste momento é que a representação de Sanfelice como um criminoso especializado ficou mais clara.

A Interpol (Polícia Internacional) já sabe qual foi a rota de fuga do **mais famoso foragido gaúcho**, o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 45 anos, recapturado esta semana na cidade espanhola de Bollullos de la Mitación. Sanfelice – comerciante do ramo calçadista, condenado por matar a própria mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira, em 2004 – refugiou-se na Espanha a partir de um **tortuoso roteiro que incluiu passagens pelo Rio de Janeiro e por Montevideú**. (SD 238, ZH, 07/05/2010, p.4).

Além da forma como fugiu, Zero Hora salientou a maneira como Sanfelice se escondeu no país vizinho sem usar documentos falsos e sua aparência remoçada (Figura 4), conforme descrito nas SD's e reforçado pelas fotografias.

O certo é que Sanfelice foi em seguida para o Rio, onde reside sua mãe, Maria de Los Angeles Fernandes Dias. Lá, pouco mais de um mês após sua fuga, **o empresário conseguiu junto ao consulado da Espanha a sua nacionalidade como espanhol**. A partir dela, foi possível obter o ambicionado passaporte – e concretizar a fuga. O passo seguinte foi ir ao Uruguai. **Os policiais civis e federais gaúchos não sabem como Sanfelice ingressou naquele país**. Têm certeza que foi por terra, porque nos aeroportos e portos já existia um rígido controle com **alerta sobre o foragido**. Via estradas, é muito mais fácil ingressar em território uruguaio. A aposta é que foi por Santana do Livramento. O capturado terça-feira nos arredores de Sevilha, na Espanha, fugiu do Brasil a partir do Uruguai. De acordo com investigações da Polícia Federal (PF), ele teria viajado via terrestre até Montevidéu, onde permaneceu por menos de uma semana, e de lá embarcado para Madri, no dia 2 de junho de 2008, utilizando a companhia aérea Iberia. Passou por Burgos. Sabe-se que esteve lá porque foi nessa cidade que tirou sua identidade espanhola, o DIN, mediante a qual lhe é permitido trabalhar naquele país. O documento foi fornecido em janeiro de 2009. Nele, **Sanfelice aparece com cabelo pintado em cor mais clara e com aparência remoçada**, inclusive sem a barba grisalha que cultivava na prisão. Antes ainda de conseguir a identidade espanhola, em 11 de novembro de 2008, Sanfelice recebeu em Madri a atual mulher, Andréa Soares, e o filho, que fizeram rota idêntica a sua para chegar à Espanha. Andréa conseguiu permanecer na Espanha porque é casada e tem herdeiros com um espanhol – no caso, Sanfelice. A condição lhe permite requerer visto de permanência naquele país. O casal e o menino passaram a residir na localidade de Bolullos de la Mitación, nos arredores de Sevilha, onde ele foi preso terça-feira pela Polícia Nacional espanhola. (SD 239, ZH, 07/05/2010, p.4)

A segunda pista veio pelo cruzamento dos diversos nomes que Sanfelice tem. Algum policial teve a ideia de “espanholizar” o nome do foragido. Com isso, Luiz Henrique virou Luiz Enrique. (SD 254, ZH, 09/05/2010, p.29)

Para não ser extraditado, Sanfelice tentou construir a ideia de que, no Brasil, vivia em uma masmorra.

Para não ser extraditado para o Brasil, **o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 43 anos, aproveitou a péssima imagem das cadeias brasileiras para tentar convencer magistrados espanhóis a mantê-lo por lá**. Ao relatar ontem na Audiência Nacional – tribunal espanhol que julga questões diplomáticas – **supostas sessões de torturas e extorsões** durante o tempo que esteve preso, Sanfelice irritou autoridades gaúchas. (SD 264, ZH, 02/10/2010, p.39).

Segundo o Diario de Sevilla, Sanfelice **relatou ter sido torturado por 28 dias em uma cela pequena com água nos joelhos**. Segundo o site Lainformacion.com, além de testemunhar 16 assassinatos na prisão, Sanfelice afirmou ter sido **extorquido por policiais**. (SD 265, ZH, 02/10/2010, p.39).

Para o promotor da Vara de Execuções Criminais de Novo Hamburgo, Tiago Moreira da Silva, responsável pelo pedido de extradição, **Sanfelice tentou convencer os magistrados de que vivia em uma masmorra.**

– Não há nada no processo dele, pelo que li, que confirme essas afirmações – avaliou. (SD 366, ZH, 02/10/2010, p.39).



FIM DA FUGA NA ESPANHA

Sanfelice recapturado

Condenado por matar sua mulher, o jornalista Beatriz Oliveira, empresário é preso dois anos depois de escapar do semiaberto

ADRIANA VIVIK, FRANCISCO ARBON e HENRIQUE TEZEL

Como faz todas as manhãs, às 9h de ontem o delegado federal Francisco Siqueira, representante da Interpol (Polícia Internacional) no Rio Grande do Sul, ligou seu computador. Quase dois em um para trás na tela um e-mail em espanhol, enviado por um agente da Polícia Nacional da Espanha às 2h (horário de Brasília). A mensagem, de cinco linhas concisas, era uma notícia aguardada com ansiedade: o mais recente forajido da Justiça do Rio Grande do Sul, o empresário Lutz Henrique Sanfelice, 45 anos, foi capturado terça-feira nos arredores de Sevilha, na Espanha. Ele conseguiu se esconder naquele país porque tem cidadania espanhola e brasileira.

TEZEL DO E-MAIL DA POLÍCIA FEDERAL À POLÍCIA GAÚCHA

66

Informações que nosso colega espanhol enviou o brasileiro Lutz Henrique Sanfelice. Solicitamos contato junto para despacho de ordem de captura, o quanto antes.

de captura, o quanto antes". O espanhol também informou que o forajido usava, na Espanha, o nome de Lutz Enrique Sanfelice Remolero. Na realidade, é uma transposição da grafia para o espanhol, do seu nome (um mês tem Fernando como um dos sobrenomes. Em espanhol, o nome dá mais peso por último).

Ex-empresário tinha documentos da Espanha

A primeira pista de que Sanfelice poderia estar na Espanha surgiu em julho de 2009 e foi obtida por policiais civis do Departamento Estadual de Investigação Criminal (Dici). Informações a informação para a FI Não temos autonomia de pedir buscas fora do país – explica Renato Vieira Junior, diretor do Dici. O delegado José Antonio Durallón, da superintendência regional da FI, colocou em agente Sanfelice no boletim Diário Remolero, uma publicação da Interpol que lista pessoas internacionais. Ela serve de alerta mundial para busca de forajidos. E inserindo seu colega Fernando Francisco Siqueira de procurar a agência no país. Como homem da Interpol no Rio Grande do Sul, Tezela é o encarregado de agir diplomaticamente com policiais ao redor do mundo. De terça-

feira, em setembro, o delegado recebeu o dossiê 722009, com todas as informações disponíveis sobre Sanfelice. O primeiro ato oficial do pedido de busca veio em 21 de abril. Na sexta-feira seguinte, um agente da Polícia Nacional espanhola enviou ao delegado Tezela a informação de que Sanfelice teria saído nacionalmente de Espanha. A suspeita é de que ele era o mesmo Lutz Henrique Sanfelice Remolero que teve a carteira de identidade espanhola (o DNI) expedida em 7 de janeiro de 2009. Ela é válida até 15 de junho de 2016. O forajido só conseguiu isso porque possui passaporte espanhol. Os espanhóis solicitaram também à FI copia das impressões digitais do suspeito, que foram enviadas por e-mail.

A foto aguardada chegou hoje na madrugada de ontem. Sanfelice foi preso na 146 Street (bairro espanhol) em Sevilha de la Mitación, cidade de 8 mil habitantes, situada a 17 quilômetros de Sevilha. Carcinôlogo de rua quando foi preso. Foi em seguida encaminhado à Justiça Superior de Polícia da província de Andalucía Occidental, em Sevilha. Formou-se neste local até a manhã de ontem, de onde teria sido transferido para o Juizado, em Madrid. Como era uma ordem da Interpol, não há questionamento sobre o que teria na Espanha. Em Madrid, ficou a cargo da Audiência Nacional, um local da Justiça onde ficam presos a espera de extradição.

Qual o destino imediato de Sanfelice? Galtia na Espanha. É um processo por extradição, que deve acontecer antes. Como seja feito o pedido, o governo brasileiro conseguirá que ele seja enviado ao Brasil, para cumprir o que lhe resta de pena. Voltado a um país onde não tem albergue, como estava quando fugiu.

OS PROXIMOS PASSOS

Lutz Henrique Sanfelice será extraditado?

• Esse é o desejo dos autoridades brasileiras, registrado até no mandado de prisão internacional expedido pela Interpol. A legislação espanhola, no entanto, não permite que espanhóis sejam extraditados para outros países onde cometessem crime, explica o chefe-geral da Espanha em Porto Alegre, Javier Collar. E esse é o caso de Sanfelice que, por questão formal, tem cidadania espanhola.

A cidadania espanhola pode ser cancelada?

• Segundo Collar, não tem porque, em tese, ao contrário para a cidadania da cidadania espanhola já existirem e não se alteram com o conteúdo do crime na hora de pedir os documentos. Ser espanhol antecede à inscrição formal da pena ou como cidadão. Isso não se altera – explica.

Não existe qualquer possibilidade de extradição?

• Se a cidadania espanhola foi obtida com documentos falsos, por exemplo, ela se tornará nula e a extradição pode ocorrer. A Justiça terá de analisar o caso. Não podemos dizer agora se ele ficará na Espanha ou não – disse Collar.

Então ele poderá ser solto, apesar do crime?

• O caso em questão é raro, por se tratar de um condenado. O mais comum é a prisão de espanhóis suspeitos de crimes em outros países ainda não condenados – nesse caso, eles são julgados na Espanha pelo crime que cometeram fora. Sanfelice já cumpria pena, o que dificulta a análise de juízo sobre o crime.

Quando o caso deve ser analisado?

• Entre as possibilidades, está a de ele cumprir a pena lá mesmo. Mas é um caso especial, não podemos afirmar nada agora – explica Collar.

A Espanha não extradita criminosos?

• Sim, mas extraição apenas ocorrerá quando o crime for cometido em outro país. O pedido de extradição é analisado pela Justiça, que dá parecer favorável ou não. O veredicto atada após pela sanção de um comitê de ministros, teoricamente do destino final.

Figura 4 – ZH, 06/05/2010, p. 58

Depois da fuga de Sanfelice, a representação do empresário como um criminoso especializado foi a que mais apareceu nas reportagens, principalmente quando ele foi capturado pela Interpol na Europa. Os métodos usados para sair do país, como conseguiu se esconder sem usar documentos falsos e a vida tranquila que levava com a família nos arredores de Sevilha foram os principais assuntos que ren-

deram matérias em Zero Hora. Mesmo que o sentido de inocente tenha voltado a aparecer neste período, o que recebeu mais destaque foi a sofisticação de suas atitudes para se esquivar das polícias. As últimas ações do empresário que constituíram o sentido de “criminoso especializado” foi a tentativa de sensibilizar as autoridades espanholas para que ele cumprisse o restante da pena na Europa, valendo-se da péssima imagem das cadeias brasileiras. Sem obter sucesso, tentou construir a própria representação como um homem arrependido da fuga, mas sem nunca admitir ser o autor do assassinato de Beatriz.

4.1.5. O arrependido

Depois de ter sua extradição confirmada, a ideia construída em torno de Sanfelice, conforme se observa por reportagens e entrevistas em Zero Hora, é de que ele estava arrependido da fuga e queria cumprir a pena no Brasil (Figura 5). Esta foi a formação discursiva em que menos SDs foram encontradas, apenas sete. No entanto, ela se faz importante nesta pesquisa pelo fato de – mesmo sendo muito menos significativa em termos quantitativos – a ideia de construir a representação de Sanfelice como um homem arrependido da fuga foi bastante recorrente em um curto espaço de tempo. As SDs aparecem após ter sido confirmada a extradição do empresário, que teve de voltar ao Brasil para cumprir o restante da pena.

Agora tenho de **resignar-me e cumprir o resto da minha pena** (SD 307, ZH, 17/02/2011, p.44).

“**Quero voltar. A fuga foi um erro**” (SD 308, ZH, 17/02/2011, p.44).

Prefiro cumprir o resto da minha pena no Brasil. Pensei inicialmente em cumprir a pena aqui, pois as penitenciárias são melhores e poderia estudar Direito gratuitamente. (SD 310, ZH, 17/02/2011, p.44).

Quero voltar ao Brasil e terminar de cumprir minha pena, sinto muita falta dos meus pais. **A decisão de vir à Espanha foi um erro.** Eu decidi não voltar ao presídio de NH em um momento de desespero e errei. Tomei a decisão sozinho e agi sozinho. (SD 314, ZH, 17/02/2011, p.44).

44 **Polícia** ZERO HORA QUINTA-FEIRA, 17 DE FEVEREIRO DE 2011 **Foto: Jéssica Neta - ZH/47**

DE VOLTA

Sanfelice cumprirá pena no Brasil

Confirmação da extradição foi informada à advogada do empresário condenado a 19 anos e três meses pela morte da mulher

DARIEL SOUSA

Novo passo depois de seu preso na Espanha, Luis Henrique Sanfelice voltou ao Brasil. A decisão foi anunciada pelo Conselho de Ministros do Judiciário espanhol e o empresário está à subgragem que cuida da execução de pena na Penitenciária de São Paulo. Sanfelice foi condenado a 19 anos e três meses pela morte da mulher, a jornalista Beatriz Herzog, em 2004.

O empresário foi preso na Espanha, em maio. Ele havia fugido em 2008 do Presídio Estadual de Novo Hamburgo, onde cumpria pena no regime fechado.

A extradição de Sanfelice havia sido interrompida em outubro de 2009 quando o governo espanhol recusou a entrega de Sanfelice ao Brasil. No entanto, o governo espanhol decidiu entregar Sanfelice ao Brasil em maio de 2011.

Sanfelice foi condenado a 19 anos e três meses pela morte da mulher, a jornalista Beatriz Herzog, em 2004.

Entenda o caso

- ABRIL DE 2004**
 - O corpo da jornalista Beatriz Herzog é encontrado em São Paulo, no bairro de Vila Olímpia. Ela estava com 19 anos e estava grávida de 10 meses.
- DEZEMBRO DE 2006**
 - Sanfelice é condenado a 19 anos e três meses de prisão pelo crime.
- MAIO DE 2007**
 - Sanfelice é condenado a 19 anos e três meses de prisão pelo crime.
- ABRIL DE 2008**
 - Sanfelice foge.
- MAIO DE 2010**
 - Sanfelice é preso na Espanha.

“Quero voltar. A fuga foi um erro”

Deixar o país de volta para a Espanha foi a decisão de Luis Henrique Sanfelice após cumprir 10 dias de prisão em um centro penitenciário de Gênes, na Itália. Ele está em liberdade.

Grupo RBS - Por que o senhor fugiu para a Espanha?
Sanfelice - Não sei dizer ao certo. Mas acho que foi um erro. Quando fui preso, eu não sabia o que estava acontecendo. Eu só sabia que eu estava sendo preso. Eu não sabia que eu estava sendo preso por um crime que eu não cometi.

Grupo RBS - Como é a vida no Brasil agora?
Sanfelice - É muito bom. Estou muito feliz por estar de volta ao Brasil. Estou muito feliz por estar de volta ao Brasil. Estou muito feliz por estar de volta ao Brasil.

Grupo RBS - Por que o senhor voltou ao Brasil?
Sanfelice - Porque eu quero voltar ao Brasil. Eu quero voltar ao Brasil. Eu quero voltar ao Brasil.

Grupo RBS - Por que o senhor não ficou na Espanha?
Sanfelice - Porque eu não quero ficar na Espanha. Eu quero voltar ao Brasil. Eu quero voltar ao Brasil.

Grupo RBS - Por que o senhor não ficou na Itália?
Sanfelice - Porque eu não quero ficar na Itália. Eu quero voltar ao Brasil. Eu quero voltar ao Brasil.

Grupo RBS - Por que o senhor não ficou no Brasil?
Sanfelice - Porque eu não quero ficar no Brasil. Eu quero voltar ao Brasil. Eu quero voltar ao Brasil.

Grupo RBS - Por que o senhor não ficou em nenhum lugar?
Sanfelice - Porque eu não quero ficar em nenhum lugar. Eu quero voltar ao Brasil. Eu quero voltar ao Brasil.

Grupo RBS - Por que o senhor não ficou em nenhum lugar?
Sanfelice - Porque eu não quero ficar em nenhum lugar. Eu quero voltar ao Brasil. Eu quero voltar ao Brasil.

Figura 5 – ZH, 17/02/2011, p. 44.

Ao longo desta análise, separamos as cinco formações discursivas (“O inocente”, “O suspeito”, “O homem frio e calculista”, “O criminoso especializado” e “O arrependido”) por questões de organização. A ordem escolhida foi a cronológica – a primeira representação a surgir nas páginas de Zero Hora foi a de inocente e a última a aparecer foi a de arrependido. Apesar de metodologicamente estarem divididas em cinco partes, em diversos textos elas aparecem juntas. Há reportagens em que Sanfelice figura como suspeito (representação sustentada pela Polícia Civil), homem frio e calculista (graças às informações passadas por um detetive contratado pelo empresário antes do crime) e inocente (condição reforçada pelo próprio Sanfelice e por seus advogados), por exemplo.

Em uma primeira leitura, chama atenção a representação de “O inocente” ser significativamente maior – são 116 SDs (41,28%), contra 76 (27,04%) de “O suspeito”. Contudo, se somar as outras duas representações negativas de Sanfelice

(“O homem frio e calculista” e “O criminoso especializado”) ao sentido de suspeito do crime, chega-se ao número de 158 SDs (56,22%). Considerando que são apenas sete as SDs do sentido “O arrependido”, são 158 SDs que constroem a representação negativa do empresário e 123 que contribuem para a representação positiva. Isso reforça a ideia da prática jornalística que busca ouvir versões diferentes para o mesmo fato, objetivando produzir um efeito de pluralidade das fontes e, sobretudo, de verdade na matéria jornalística.

Franciscato (2005) diz que o texto jornalístico aceita a pluralidade de opiniões, mesmo que as informações contidas sejam conflitantes – o que ocorre no Caso Sanfelice, no qual fontes oficiais contribuem para a construção de um sentido negativo no entorno do empresário ao mesmo tempo que ele próprio e seus advogados fazem o contrário. O autor chega a fazer uma analogia, dizendo que o texto jornalístico é como recorte e colagem, resultado de uma interpretação do jornalista e das fontes consultadas.

Gomis (2004) diz que a ideia de consenso extrapola a linguagem jornalística, passa por interesses empresariais e das fontes. Ou seja, o veículo de comunicação precisa de pluralidade ao construir suas matérias não apenas por buscar a objetividade, mas também para não tomar para si a responsabilidade de uma injustiça ou de desagradar quem não deve. O que este trabalho nos mostra é que, mesmo após ter sido condenado pela Justiça, apesar da Polícia Civil ter sido taxativa no inquérito e o promotor ter sido categórico em dizer que Sanfelice matou a mulher, Zero Hora continuou ouvindo a versão do empresário – o que contribui para a representação de “O inocente” ter sido a que mais apareceu nas páginas do jornal.

O Caso Beatriz, que ao ganhar maior dimensão e, pelas características e pela autoria do crime, se transformou em Caso Sanfelice, é um exemplo de acontecimento que se encaixa em vários critérios de noticiabilidade apresentados no Capítulo 2. No entanto, mais do que um fato com proximidade temporal (após seis anos, ainda havia novidades a serem relatadas), de proximidade de espaço (considerando as características de Zero Hora, que busca tratar de assuntos regionais) e de uso da violência, o assassinato da jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues se encaixa no inesperado (CHARAUDEAU, 2005). O casal perfeito foi desfeito de forma brutal, pelo marido, em uma família de classe média

alta. Os desdobramentos da história também foram essenciais para que a cobertura da imprensa tivesse a dimensão que teve.

Mortos são mortos, mas para que signifique “genocídio”, “purificação étnica”, “solução final”, “vítimas do desleixo”, é preciso que se insiram em discursos de inteligibilidade do mundo que apontam para sistemas de valores que caracterizam os grupos sociais. Ou seja, para que o acontecimento exista é necessário nomeá-lo. O acontecimento significa enquanto acontecimento em um discurso (CHARAUDEAU, 2005, p. 131-132).

Outra característica do Caso Sanfelice é ter contrariado a tendência das coberturas policiais nos grandes jornais, cada vez mais focadas em questões abrangentes, e não em crimes isolados (RAMOS e PAIVA, 2005), justamente porque os critérios de noticiabilidade se sobrepõem à linha editorial do jornal. E, também, pelo interesse do público no assunto (um exemplo é o julgamento ter sido em um auditório, devido ao grande número de pessoas que o assistiram).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de analisarmos o corpus da pesquisa, constituído de reportagens do jornal Zero Hora publicadas entre 2004 e 2012, com base em metodologia apresentada ao longo do trabalho, podemos observar que a primeira representação de Luiz Henrique Sanfelice (a de inocente) foi se somando às outras quatro. Conforme iam avançando as investigações da Polícia Civil e do Ministério Público, determinado sentido era reforçado; no entanto, a partir do momento em que foi representado como suspeito, Sanfelice passou a não ter apenas uma representação que o caracterizasse enquanto ser humano (marido, religioso, etc.) nas matérias jornalísticas.

Os sentidos das reportagens analisadas foram agrupados em cinco formações discursivas – FD 1 (“O inocente”), FD 2 (“O suspeito”), FD 3 (“O homem frio e calculista”), FD 4 (“O criminoso especializado”) e FD 5 (“O arrependido”), estas compostas por 281 sequências discursivas (SDs).

A FD 1 é a formação discursiva que aparece logo na primeira reportagem publicada sobre o caso e se constitui na mais recorrente ao longo da cobertura. Mostra no início um marido (uma “vítima”, um “inocente”) que sofre com o brutal assassinato da mulher. E que, depois de ter se tornado suspeito número um da polícia, tenta passar a ideia de ser vítima de um complô da corporação para incriminá-lo, sentido em que ele próprio é a principal fonte das reportagens que reiteram essa formação discursiva. Também fazem parte desta FD o sentido “religioso”, que mostra o empresário que lamenta não ter participado da missa de sétimo dia da mulher e que faz como pedido na prisão uma bíblia. As reportagens que tratam da relação “invejável” entre Sanfelice e Beatriz também reforçam esse sentido.

A segunda FD, em que Sanfelice é “O suspeito”, é a que ocupa o segundo lugar na escala das mais recorrentes, com 76 sequências discursivas. O sentido criado aqui, inicialmente, é o de desconfiança, mas à medida que a cobertura vai evoluindo o suspeito se torna suspeito número um e, embora sempre sendo referido como suspeito nas matérias, até ser condenado, a ideia que vai se tendo com a

leitura das reportagens é que Sanfelice é o culpado (mesmo que ele também seja representado como inocente paralelamente).

Já a terceira FD, formada por 36 SD's, aparece ao longo de quase toda a cobertura. A partir do momento em que Sanfelice passa a ser suspeito, o sentido ofertado é de que se trata de um homem “frio e calculista”, aparecendo em maior ou menor grau, até os últimos textos analisados. O momento em que essa representação fica mais evidente é quando relatos mostram como ele reagiu à prisão, sem mostrar contrariedade, e por supostamente ter preparado um álibi antes da morte da mulher.

Com 46 SDs, a FD 4 começa a aparecer quando Zero Hora faz uma reportagem em que um preso relata um suposto esquema de fuga do Presídio Central que teria como um dos mentores Luiz Henrique Sanfelice, um “criminoso especializado”. Contudo, a FD fica mais evidente após a fuga do empresário do regime semiaberto e atinge seu auge de aparições nas matérias quando Sanfelice é capturado pela Interpol – oportunidade em que Zero Hora mostra as artimanhas do empresário para driblar a polícia e a Justiça.

A menos recorrente das FDs é a quinta e última. Ela engloba sete SDs e trata da representação de Sanfelice como um homem “arrepentido” da fuga do presídio e da ida para a Espanha. Ela é sustentada, principalmente, por relatos do próprio empresário dizendo que quer retornar ao Brasil e cumprir a pena que lhe resta. Esta FD se dá, sobretudo, pela prática das redações de ouvir diferentes versões de um acontecimento, o que acaba conferindo ao texto uma ideia de verdade. Das cinco FDs apresentadas, “O arrependido” é a menos representativa, mas tem importância por se tratar do contraponto à acusação.

A análise do corpus nos permite observar que as cinco principais formas como Sanfelice foi representado foram recorrentes. Também nos possibilita perceber que Zero Hora mostra aos seus leitores Sanfelice como uma vítima (inocente) do crime inicialmente, porém, à medida que as investigações vão avançando, ele é representado de forma dúbia, devido às diferentes fontes consultadas e pela própria evolução das investigações policiais. O empresário a todo o momento nega ter cometido o crime, o que é sustentado por seus advogados. Mas, ao mesmo tempo, tanto a polícia quando a família de Beatriz e o Ministério Público dizem o contrário.

Cabe ao leitor fazer uma das tantas interpretações possíveis do caso baseado no acompanhamento da cobertura.

Apesar de a FD “O inocente” ser a que mais aparece, com 116 SDs, outras três (FD 2, FD 3 e FD 4) ajudam a criar o sentido contrário, de que Sanfelice é o culpado pela morte da mulher. Essas três FDs, juntas, aparecem em 158 SDs, o que acaba deixando os dois principais sentidos – o de inocente (123 SDs) e culpado – de forma relativamente equilibrada. Portanto, nossa pesquisa retrata a prática jornalística de ouvir versões diferentes para o mesmo fato, objetivando produzir um efeito de verdade, de que há uma pluralidade de fontes que confere credibilidade à matéria jornalística.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. Editoria de polícia. In: **Revista de Comunicação**. Rio de Janeiro Vol. 8, n. 29 (set. 1992), p. 26-27.

AZEVEDO, Rodrigo; ETCHICHURY, Carlos. **A mudança no perfil da cobertura da imprensa dos assuntos relacionados à violência**: um estudo de caso. IV Mostra de Pesquisa da Pós-graduação Pucrs, Porto Alegre, p.268-271, 2009.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Claudia; e BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BENETTI, Marcia; HAGEN, Sean. Jornalismo e imagem de si: o discurso institucional das revistas semanais. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Ano 7, n. Florianópolis: UFSC, 2010.

BERGER, Christa. **Campos em confronto**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

BERGER, Peter; LUCKHMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

COLLAR, Marcelo Schmitz. **Opinião Pública e a construção do personagem na cobertura do Caso Sanfelice pelo Jornal NH**. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo – RS, 2011.

ETCHICHURY, Carlos Roberto Fialho. **A Violência na Mídia: um estudo de caso sobre a cobertura da criminalidade pela imprensa no RS**. 2010. 129 f. Dissertação de mestrado - Departamento de Ciências Sociais, PUCRS, Porto Alegre, 2010.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Contornos do jornalismo contemporâneo [p. 164 a 173]. In: FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**. Aracaju: UFS, 2005.

GOMIS, Lorenzo. Os interessados produzem e fornecem os fatos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. V. 1, N. 1. Florianópolis: UFSC, 2004.

HALL, Stuart et. al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 1997. URL: www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-

[eduardo-jornalismo-conhecimento.html](#).

MELO, José Marques de. Comunicação, opinião, desenvolvimento. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

ORLANDI, Eni P.. **Análise De Discurso**. 6ª. ed. Campinas: Pontes, 2005. 100 p.

PACHECO, Alex Rômulo. **Jornalismo policial responsável**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/pacheco-alex-jornalismo-policial-responsavel.pdf>. Acesso em: 23/05/2012.

RAMOS, Silvia e PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. [p. 27-33]. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1993.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, mídia e violência**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. **Análise Global de Periódicos Jornalísticos (AGPJ): Uma proposta metodológica para o estudo do jornalismo impresso**. 2007. 395 f. Tese de Doutorado - Departamento de Comunicação Social, PUC-RS, Porto Alegre, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – DESCRIÇÃO DA ANÁLISE DOS TEXTOS QUE INTEGRAM O CORPUS			
Nº SD	SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS – SD's	TEXTOS	FORMAÇÃO DISCURSIVA
SD 1	No matagal, no topo do morro onde fica o santuário, policiais encontraram um isqueiro e uma tora de madeira chamuscada, supostamente usados para atear fogo. Sanfelice, depois de reconhecer o anel, saiu amparado por agentes.	ZH, 14/06/20 04, p.30	FD 1
SD 2	– Eu fui para a lotérica, ela me deu carona. Depois dali, não a vi mais. Dela, não recebi ligação. Nas duas ligações estranhas que recebemos em casa, eu mesmo atendi e ninguém falou nada. Liguei de volta para o número, uma pessoa atendeu e também não disse nada – contou ontem o marido, que diz acreditar na hipótese de Beatriz ter sofrido um seqüestro relâmpago.	ZH, 15/06/20 04, p.32	FD 1
SD 3	Os últimos passos da jornalista são revistos pela delegada da Rosane Oliveira de Oliveira. Ela contou que Sanfelice chegou a procurar pela mulher no shopping, em hospitais, bancos, na garagem de um supermercado e, inclusive, no santuário. A empresa deles está localizada próximo dali.	ZH, 15/06/20 04, p.32	FD 1
SD 4	Despedida: marido beija o caixão da jornalista Beatriz	ZH, 16/06/20 04, p.32	FD 1
SD 5	Alarmados com a violência contra a jornalista Beatriz Rodrigues, amigos e familiares participaram ontem de uma caminhada pelas ruas centrais de Novo Hamburgo (E). Na Praça do Imigrante, abraçaram-se em um ato ecumênico defronte ao Monumento da Paz, confeccionado com armas apreendidas. Entre os participantes da manifestação, além do viúvo, Luiz Henrique Sanfelice (acima), estava uma funcionária de Beatriz, que comentou o novo rumo da empresa de assessoria de imprensa e marketing mantida desde os anos 90 pela jornalista: a transferência para Porto Alegre.	ZH, 17/06/20 04, p.42	FD 1
SD 6	Alguns familiares dele e a empregada da família conversaram com o delegado. Os vizinhos do condomínio de classe alta, no Centro, chegaram a prestar informações até no elevador do prédio. Segundo Ranolfo, o empresário forneceu informações com uma linha cronológica minuciosa.	ZH, 18/06/20 04, p.41	FD 2
SD 7	– Fui interpelado, no elevador do prédio da vítima, se era o delegado que investiga o crime. Obtive boas informações – disse o delegado Ranolfo Vieira Júnior.	ZH, 18/06/20 04, p.41	FD 2
SD 8	A pressão das ruas, da imprensa e da própria corporação tem feito estragos entre os policiais. A ponto de ter levado a delegada Rosane de Oliveira a cometer o ato falho de admitir a jornalistas – e depois voltar a atrás – que, às 17h10min de ontem, a polícia estaria ouvindo a confissão do autor do assassinato.	ZH, 18/06/20 04, p.41	FD 2
SD 9	Empresário Luiz Henrique Sanfelice é o principal suspeito do assassinato de Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues	ZH, 20/06/20 04, p.42	FD 2
SD 10	A Polícia Civil de Novo Hamburgo solicitou à Justiça na noite de sexta-feira a decretação da prisão temporária do empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos.	ZH, 20/06/20 04, p.42	FD 2
SD 11	Sanfelice é considerado o suspeito número 1 do assassinato de sua mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, queimada no interior do	ZH, 20/06/20	FD 2

	Mégane do empresário na manhã do sábado passado, dia 12, no Santuário das Mães, no bairro Roselândia. Mesmo diante das evidências, a polícia passou a semana negando que Sanfelice fosse o principal suspeito do crime . Na quinta-feira, ele chegou a ser interrogado durante cerca de três horas em seu apartamento, na Rua Heller, no centro de Novo Hamburgo. A delegada Rosane de Oliveira Oliveira deixou escapar a afirmação de que o caso estava solucionado e que havia uma confissão.	04, p.42	
SD 12	Seria a partir de uma contradição na versão apresentada pelo empresário que a polícia embasou seu pedido de prisão , que teve a concordância do Ministério Público.	ZH, 20/06/20 04, p.42	FD 2
SD 13	A não-confirmação do álibi apresentado pelo empresário Luiz Henrique Sanfelice sobre o que fez na manhã de sábado passado, depois do sumiço de sua mulher, foi o principal argumento para que a polícia solicitasse sua prisão temporária.	ZH, 20/06/20 04, p.42	FD 2
SD 14	Na sexta-feira, quando depoimentos reforçaram indícios que a polícia vinha reunindo durante a semana , o cerco começou a se fechar: às 16h15min, a polícia alertou autoridades do aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, sobre a identidade do empresário, para evitar uma eventual fuga de avião. Naquele momento, ele começou a ser vigiado de forma mais intensa por policiais. Um dos depoimentos tomados naquela tarde deu à polícia o indicativo de que Sanfelice retornou para casa, na manhã do crime, por volta das 11h30min, com uma atitude estranha. Parecia cansado e atônito.	ZH, 20/06/20 04, p.42	FD 2
SD 15	Ao encontrar no apartamento uma familiar da jornalista, chegou a se alterar, falando coisas sem nexo, como a afirmação de que estava no apartamento antes daquele horário . Outra testemunha confirmou que, no domingo, o empresário sentiu fortes dores musculares, especialmente nas pernas, e se submeteu a uma sessão de massagem . A informação confirma a hipótese da polícia de que a pessoa que esteve com Beatriz no local do crime deixou a região a pé, uma vez que não havia marcas de outros veículos. Para chegar em casa, o empresário teria caminhado por quase uma hora.	ZH, 20/06/20 04, p.42	FD 2
SD 16	Foi uma atitude de Sanfelice enquanto acompanhava policiais nas buscas ao corpo que o elegeu como suspeito . O Mégane foi encontrado perto do Santuário das Mães. No sábado, policiais perceberam que ele olhava muito em direção ao santuário .	ZH, 20/06/20 04, p.42	FD 2
SD 17	A polícia pretende buscar informações sobre seguros de vida e sobre um recente contato do empresário com a companhia de seguro de seu veículo, o Mégane queimado, para saber se estava em dia. A polícia também sabe que um detetive particular havia sido contratado há cerca de 20 dias para acompanhar os passos de Beatriz. Os telefones teriam sido grampeados.	ZH, 20/06/20 04, p.42	FD 3
SD 18	A Polícia Civil de Novo Hamburgo prendeu na manhã deste sábado o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos. Sanfelice teve a prisão decretada por suspeita do assassinato de sua mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, queimada no interior do Mégane do empresário na manhã do sábado passado, dia 12, no Santuário das Mães, no bairro Roselândia.	ZH, 20/06/20 04, p.42	FD 2
SD 19	Conforme o juiz, “o crime teve uma motivação afetiva de cunho intenso” . Afirmou ainda que há provas testemunhas e periciais que embasaram o pedido de prisão.	ZH, 20/06/20 04, p.42	FD 3
SD 20	Em entrevista coletiva na 1ª Delegacia da Polícia Civil, o delegado regional definiu o caso como “homicídio, crime premeditado, possivelmente com motivações	ZH, 20/06/20	FD 3

	passionais”.	04, p.42	
SD 21	Uma semana depois do crime, marido foi preso como principal suspeito.	ZH, 20/06/20 04, p.42	FD 2
SD 22	Na quarta-feira, uma passeata pela paz ocorre nas ruas de Novo Hamburgo. O viúvo carrega um quadro com a foto da mulher.	ZH, 20/06/20 04, p.42	FD 1
SD 23	O marido passa a figurar como suspeito do crime , é ouvido durante a semana e mantém a versão de que é inocente. Afirma que a mulher pode ter sido vítima de um assalto.	ZH, 20/06/20 04, p.42	FD 2
SD 24	As investigações da Polícia sobre a morte da jornalista Beatriz Rodrigues contrariaram versões do empresário Luiz Sanfelice.	ZH, 21/06/20 04, p.4	FD 2
SD 25	O empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos, está preso desde sábado porque a Polícia Civil contestou, passo a passo, as afirmações dele sobre o que ocorreu no sábado , 12, Dia dos Namorados, depois do sumiço de sua mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues. Beatriz, 43 anos, foi encontrada carbonizada no Mégane dele, no dia seguinte, no bairro Roselândia, próximo ao Santuário das Mães, em Novo Hamburgo. Durante toda a semana, policiais reuniram indícios que colocavam Sanfelice cada vez mais dentro da cena do crime.	ZH, 21/06/20 04, p.4	FD 2
SD 26	O quebra-cabeças montado pela polícia está recheado de dados como o fato de uma testemunha ter contado que viu o empresário nas proximidades do santuário na quarta-feira anterior ao crime . Outra informação é da testemunha que descreveu a roupa que Sanfelice usava na manhã do dia do crime: surrada e suja de fuligem . Na busca no apartamento depois da prisão do empresário, sábado pela manhã, policiais esperavam encontrar essa roupa, mas não tiveram sucesso. Apreenderam, no entanto, um medicamento tranquilizante, que pode preencher uma das lacunas do caso: a forma como Beatriz morreu . Uma das suspeitas dos investigadores é de que Beatriz estivesse dopada no momento em que o incêndio no Mégane foi iniciado. Logo, ela teria sido queimada ainda viva. O fato de ela estar sem condições de reagir ao ataque fortalece a tese policial de que o assassino cometeu o crime sozinho.	ZH, 21/06/20 04, p.4	FD 2
SD 27	A versão apresentada pelo empresário quando registrou a ocorrência do sumiço e ao dar os primeiros depoimentos ajudou a polícia a acreditar que ele mentiu . Um dos principais elementos foi o depoimento de um conhecido da vítima. Ele contou ter recebido uma ligação de Beatriz na qual ela explicava que não poderia encontrá-lo no Dia dos Namorados porque havia sido convidada pelo marido para ir à cidade de Dois Irmãos fazer compras . Essa informação contraria a versão do empresário de que a mulher faria compras na cidade e se encontraria com amigos para almoçar naquela manhã.	ZH, 21/06/20 04, p.4	FD 2
SD 28	A polícia confirmou que o empresário esteve em uma locadora, por volta das 9h30min, devolvendo “O Novato”, filme policial, do tipo que costumava assistir. Ele estava sozinho, o que não impede que Beatriz estivesse no carro. Conforme policiais, depois da passagem pela locadora, seria possível chegar ao local do crime em 10 minutos . Testemunhas confirmam terem visto o carro incendiando às 9h40min.	ZH, 21/06/20 04, p.4	FD 2
SD 29	Dois detalhes em relação ao empresário indicam que ele pode ter feito uma longa e cansativa caminhada . O primeiro deles é que ele foi flagrado chegando em	ZH, 21/06/20	FD 2

	casa cansado e atônito. Além disso, devido a fortes dores musculares, especialmente nas pernas, ele fez massagem no final de semana.	04, p.4	
SD 30	Onde foi adquirido o material usado para provocar o incêndio no Mégane? A polícia já fez buscas no posto de gasolina pertencente à família do empresário.	ZH, 21/06/20 04, p.4	FD 2
SD 31	A contratação pelo empresário de um detetive particular dá conta de que poderia haver um problema envolvendo negócios entre Sanfelice e sua mulher. Haveria um desfalque ou desvio de dinheiro na empresa deles de cerca de US\$ 380 mil.	ZH, 21/06/20 04, p.4	FD 2
SD 32	A possibilidade de uma chantagem não é descartada. A polícia apreendeu material relacionado a hábitos do empresário que poderia estar sendo usado para extorqui-lo.	ZH, 21/06/20 04, p.4	FD 2
SD 33	A motivação do crime poderia ser de cunho passional. A polícia apurou que a relação afetiva do casal não era boa. Uma amante do empresário já prestou depoimento.	ZH, 21/06/20 04, p.4	FD 2
SD 34	Um familiar de Beatriz viu Luiz Henrique Sanfelice em atitude estranha, por volta das 11h do sábado no apartamento do casal. O empresário usava uma roupa surrada e que parecia suja, possivelmente de fuligem. Ele parecia catatônico e falou coisas sem nexos, afirmando que estava no apartamento antes daquele horário.	ZH, 21/06/20 04, p.4	FD 2
SD 35	Outro detalhe que não coincide com os depoimentos de Sanfelice é o fato de Beatriz ter ficado com o carro dele porque o dela, uma caminhonete Zafira, estava com falhas. As perícias feitas na sexta-feira e no sábado confirmaram que a Zafira não está com problemas que a impedissem de trafegar.	ZH, 21/06/20 04, p.4	FD 2
SD 36	A trama para que Beatriz estivesse no Mégane do marido na manhã do crime pode fazer parte da premeditação do crime. Poderia já estar guardado no veículo, por exemplo, o produto inflamável usado para dar início ao fogo. Além disso, a polícia investiga a informação de que dias antes do crime o empresário fez contato com a seguradora de seu carro para verificar se o seguro estava em ordem.	ZH, 21/06/20 04, p.4	FD 2
SD 37	– Cara, mas olha só o que tá acontecendo comigo. – queixou-se Sanfelice, possivelmente se referindo à multidão de jornalistas e curiosos à frente do prédio.	ZH, 21/06/20 04, p.5	FD 1
SD 38	(Sanfelice) chegou a pedir explicações sobre uma entrevista que Flávio dera a um jornal do Vale do Rio dos Sinos, na qual, conforme saiu publicado, não descartava que o marido da irmã pudesse ser o assassino. Flávio esclareceu que a entrevista saíra truncada.	ZH, 21/06/20 04, p.5	FD 1
SD 39	– A cidade inteira, 99,9% do povo nas ruas, tá comentando que foi ele o assassino. Tô acompanhando as investigações, tudo levar a crer que possa ter sido ele, mas não posso acusar. Sinceramente, espero que não seja ele.	ZH, 21/06/20 04, p.5	FD 2
SD 40	Até dois dias antes do crime, o casal parecia feliz em uma excursão a Porto Alegre de moradores do prédio, onde eram síndicos. Na viagem de micro-ônibus a uma churrascaria da Capital, o empresário tocou violão e cantou músicas sertanejas e gauchescas. A mulher acompanhava e cantava junto.	ZH, 21/06/20 04, p.5	FD 1

SD 41	- Espero que o meu advogado esteja trabalhando lá fora para me soltar. Estava na locadora na hora do crime. Sou inocente – relembra o capitão Ricardo Rocha, oficial de plantão, responsável pela segurança do presídio.	ZH, 21/06/20 04, p.5	FD 1
SD 42	Quando os policias bateram à porta do apartamento do empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos, na Rua Heller, no sábado pela manhã, ninguém sabia qual seria a reação do marido da jornalista assassinada. Sanfelice ouviu a ordem de prisão, teve as mãos algemadas e apresentou um comportamento que o delegado regional Ranolfo Vieira Júnior definiu como de “extrema frieza”.	ZH, 21/06/20 04, p.5	FD 3
SD 43	- Ele foi frio, automático. Parece que tem um botão que aperta e basta. Pediu para se despedir do filho (Vitor), deu um beijo e abraçou. Foram alguns segundos. Do resto da família, nem se despediu – contou um agente que esteve no apartamento. O empresário não falou nada com o filho. Manifestou contrariedade quando soube que, pela determinação do juiz Marco Aurélio Martins Xavier – por solicitação da Polícia –, iria para o Presídio Central, onde deve ficar pelo menos por 30 dias. Chegou a lembrar aos delegados que tinha curso superior, em Administração de Empresas.	ZH, 21/06/20 04, p.5	FD 3
SD 44	Sanfelice também lamentou não poder participar da missa de sétimo dia da morte da mulher, na tarde de sábado.	ZH, 21/06/20 04, p.5	FD 1
SD 45	Testemunha revelou à polícia ter encontrado empresário no Santuário das Mães, onde jornalista foi morta.	ZH, 22/06/20 04, p.34	FD 2
SD 46	O principal depoimento obtido ontem pela Polícia Civil foi o de uma testemunha que viu o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos, no local do crime na semana anterior ao Dia dos Namorados. A pessoa teria anotado a placa do carro que o empresário usava quando foi visto no bairro Roselândia, nas proximidades do Santuário das Mães: era o Mégane, o mesmo que dias depois seria incendiado com a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, dentro.	ZH, 22/06/20 04, p.34	FD 2
SD 47	Nove dias depois do assassinato, a polícia revelou os detalhes da investigação que foram fundamentais para levar o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos, à prisão.	ZH, 22/06/20 04, p.34	FD 2
SD 48	Um detetive confirmou em depoimento à polícia ter sido contratado em 6 de junho por R\$ 2,2 mil. Ele procurou a polícia após outro corpo aparecer queimado, em Sapiroanga, três dias depois da morte da jornalista. O detetive alegou temer por sua vida. Contou ter instalado equipamentos de escuta ambiental e telefônica no apartamento do casal, além de interceptar o celular de Beatriz. Tudo teria sido feito na semana anterior ao crime. Na sexta-feira à tarde, dia 11, o detetive relatou ter recebido um telefonema de Sanfelice cancelando os serviços sob a alegação de que descobrira “tudo que queria”. Dois dias após o crime, o detetive ligou para o empresário e recebeu a ordem de “tirar tudo do ar” e não lhe procurar. A polícia apreendeu no apartamento de Sanfelice uma fita com possíveis conversas gravadas.	ZH, 22/06/20 04, p.34	FD 3
SD 49	Uma mulher de 31 anos admitiu à polícia ser amante de Sanfelice havia nove anos. A escritura de um imóvel apreendida comprova que o suspeito comprou um apartamento para a namorada. A mulher relata ter ouvido de Sanfelice, em 7 de junho, a desconfiança de que era traído por Beatriz. A amante relatou ter ouvido de Sanfelice, em janeiro, sua intenção de queimar o Mégane para receber o seguro.	ZH, 22/06/20 04, p.34	FD 2

	No depoimento, a mulher contou que, há dois anos, em um dos encontros, bebeu uísque com guaraná e “apagou”. A polícia acredita que Sanfelice tenha usado o mesmo medicamento apreendido no apartamento, nome com que identificava as fitas de vídeo.		
SD 50	Remédios de efeito sonífero e amnésico apreendidos no apartamento do empresário após sua prisão, segundo a polícia, ligariam a forma como Beatriz foi morta à conduta sexual do suspeito, gravada em parte das 24 fitas de vídeo apreendidas. Nas cenas, segundo os delegados, as parceiras de Sanfelice apareceriam tontas, sem reação ordenada, como Beatriz poderia estar antes de ser morta. As fitas estavam em poder do namorado de Beatriz. A jornalista havia encontrado as fitas há dois anos ao revirar uma bolsa de Sanfelice e confiado a guarda do material ao namorado. Pelo menos uma das fitas que contém encontros amorosos do empresário está identificada com o nome do remédio apreendido no apartamento. A polícia FD3 suspeita do detalhe de que, no primeiro depoimento, o empresário salientou que Beatriz teria falado em dores no estômago e ele teria lhe dado um remédio. – O detalhe desse depoimento é que o empresário repassa essa informação à polícia antes de saber se o corpo havia queimado totalmente – disse o promotor Eugênio Amorim. Para a polícia, a informação revelaria uma tentativa de Sanfelice em antecipar um alibi, caso existisse a possibilidade de a perícia encontrar substâncias nas vísceras da vítima.	ZH, 22/06/20 04, p.34	FD 3
SD 51	Uma luneta foi apreendida no apartamento, apontada para o Santuário. Foram arrecadados cartões de crédito da vítima.	ZH, 22/06/20 04, p.34	FD 3
SD 52	A irmã deixa o apartamento, quando encontra o cunhado chegando. Para o delegado, ela diz que Sanfelice está com "uma aparência estranha, catatônico, vestindo uma roupa fora de moda, incomum de ser usada por ele". Sanfelice se mostra surpreendido com o fato de a cunhada dizer que estava no apartamento. Ele tenta convencê-la de que também estava lá, mesmo que, aparentemente, estivesse chegando.	ZH, 22/06/20 04, p.34	FD 2
SD 53	Até ontem, um grupo de cinco advogados cuidava da defesa do empresário. Eles esperam para qualquer momento uma decisão da Justiça. Weber argumenta que o empresário poderia ter deixado o país, já que dispõe de cidadania espanhola, mas não o fez para acompanhar as investigações. O pedido de habeas corpus é uma alternativa estudada em caso de não se obter sucesso no pedido de revogação.	ZH, 22/06/20 04, p.34	FD 1
SD 54	Levino Weber Filho lamenta não ter acesso, até ontem, ao inquérito policial. Ele diz que não leu mais do que 30% dos laudos, apenas alguns depoimentos, o que o impede de uma argumentação mais aprofundada sobre o caso, mesmo com os indícios contra o empresário divulgados pela polícia e pela promotoria. - Esse atraso dificulta. Mas mesmo saindo atrás na defesa, temos de alcançar e ultrapassar as acusações. Na minha opinião, a polícia seguiu apenas uma linha de investigação. Se lermos os laudos, veremos que há outras que não foram seguidas. Conversei com Sanfelice e tenho convicção de que estou do lado certo. Se não tivesse, tenha certeza de que não estaria do lado dele – afirma o advogado.	ZH, 22/06/20 04, p.34	FD 1
SD 55	- Isso não existe. Ele está chocado, preocupado com o filho, que é uma peça-chave na vida dele. O único pedido que ele fez na prisão foi por uma Bíblia que estava na sua casa, e que já foi alcançada a ele – contou Weber.	ZH, 22/06/20 04, p.34	FD 1

SD 56	Um dos três advogados que atuam no caso, Levino Weber Filho, explicou que o cliente não falaria à polícia enquanto os defensores não tivessem acesso às informações do inquérito. Informalmente, segundo um policial, Sanfelice teria negado o crime. A delegada Rosane de Oliveira Oliveira autorizou os advogados a lerem o inquérito. Rosane negou, porém, a solicitação de retirada do material da delegacia e da realização de cópias.	ZH, 23/06/2004, p.40	FD 1
SD 57	- Ele foi pego de surpresa. Qualquer um reagiria daquela forma. Hoje, ele já tem conhecimento dos fatos e sabe que não tem nada a esconder – explicou Levino.	ZH, 23/06/2004, p.40	FD 1
SD 58	Na delegacia, Sanfelice mostrou-se curioso com a investigação. Comentou que poderia ser examinado para a verificação da presença de vestígios de fogo na pele. Fez perguntas sobre sua mulher ter sido vista por uma testemunha no Santuário das Mães, local do crime.	ZH, 23/06/2004, p.40	FD 1
SD 59	A juíza referiu que o empresário poderia interferir no depoimento de testemunhas que são “intimamente ligadas ou subordinadas a ele”. No documento, há referência a um detalhe não divulgado pela polícia. Na manhã em que foi assassinada, Beatriz teria estado com o marido na Catedral São Luiz, no centro de Novo Hamburgo. O casal foi reconhecido em fotos na segunda-feira pela faxineira da igreja, ao ler o noticiário sobre a morte da jornalista.	ZH, 23/06/2004, p.40	FD 3
SD 60	Polícia investiga a possibilidade de Beatriz ter sido morta por se envolver em uma trama relacionada a negócios	ZH, 24/06/2004, p.50	FD 3
SD 61	Sanfelice desconfiava de vazamento de informações envolvendo sua atividade profissional que, por coincidência, é a mesma do homem com o qual a jornalista manteria uma relação extraconjugal. Os dois atuam no ramo de importação e exportação de calçados.	ZH, 24/06/2004, p.50	FD 3
SD 62	Conforme apurou a polícia, o detetive fora contratado para averiguar problemas envolvendo questões de ordem financeira entre o casal. Foi o investigador quem obteve a informação sobre um possível desvio ou desfalque nos negócios de Sanfelice na ordem de US\$ 380 mil, ainda não comprovado.	ZH, 24/06/2004, p.50	FD 3
SD 63	Conforme o detetive informou à polícia, um dia antes da morte de Beatriz, Sanfelice cancelou os serviços sob alegação de que descobrira “tudo o que queria”. Dois dias depois do crime, o detetive recebeu ordem de “tirar tudo do ar” e não procurará-lo mais.	ZH, 24/06/2004, p.50	FD 3
SD 64	As 24 fitas foram entregues à polícia pelo amigo íntimo da jornalista. Nas imagens, chama a atenção o estado letárgico em que se encontram as parceiras de Sanfelice. As mulheres aparecem tontas, sem reações ordenadas. Na etiqueta de uma das fitas, aparece o nome de um sonífero, medicamento apreendido no apartamento do casal.	ZH, 24/06/2004, p.50	FD 3
SD 65	Homem diz que marido de jornalista queria monitorar os passos de uma outra pessoa, além da mulher	ZH, 25/06/2004, p.48	FD 3
SD 66	Um dia antes de a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, ser morta, o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos, teria tentado remover o grampo que mandara colocar em um telefone da mulher para o de outra pessoa. Ele comprara o equipamento de um microempresário, alegando desconfianças	ZH, 25/06/2004, p.48)	FD 3

	relacionadas aos negócios de sua empresa, em Novo Hamburgo.		
SD 67	O microempresário informou ontem a Zero Hora que, na sexta-feira anterior ao crime, Sanfelice lhe contou ter detectado, por meio do equipamento, um prejuízo de US\$ 380 mil. No mesmo dia, quis saber se seria possível focalizar o grampo em outra pessoa.	ZH, 25/06/20 04, p.48	FD 3
SD 68	Se o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos, principal suspeito da morte da mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, resolver falar hoje à tarde, ele terá de elucidar contradições e explicar omissões que, segundo a polícia, existem no caso.	ZH, 25/06/20 04, p.49	FD 2
SD 69	Em nenhum dos quatro encontros – um em depoimento formal – que o delegado regional do Vale do Sinos, Ranolfo Vieira Júnior, manteve com Sanfelice, ele teria mencionado a intenção de ir a Dois Irmãos. O empresário também teria omitido a contratação de um homem com o objetivo de instalar escutas telefônicas e ambientais na sua residência. O empresário também teria negado em interrogatório saber que Beatriz tinha um namorado. Todavia, a mulher de 31 anos com quem o empresário manteria uma relação extraconjugal há nove anos contou que Sanfelice soube da traição poucos dias antes do crime.	ZH, 25/06/20 04, p.49	FD 2
SD 70	Conforme seus advogados, está debilitado, abatido e emagreceu.	ZH, 26/06/20 04, p.26	FD 1
SD 71	Na segunda visita que fez ao filho essa semana, o pai do empresário entregou-lhe ontem mais uma Bíblia (outra havia sido levada para ele no começo da semana) e um livro sobre Padre Reus.	ZH, 26/06/20 04, p.26	FD 1
SD 72	Todos os dias, Sanfelice pede aos advogados notícias do filho de quatro anos. Está preocupado em garantir-lhe a manutenção da companhia da babá, pessoa com a qual o menino passava a maior parte do tempo. Familiares do empresário estão em tratativas para que a funcionária continue no emprego.	ZH, 26/06/20 04, p.26	FD 1
SD 73	Para o promotor de Justiça de Novo Hamburgo Eugênio Paes Amorim, o fato de o empresário ter se recusado a depor à polícia pela segunda vez reforça a tese de que seja o principal suspeito. - O fato de ele não querer falar ajudou a formar a minha convicção. E eu espero que tenha ajudado a formar a convicção da opinião pública – afirma Amorim.	ZH, 26/06/20 04, p.26	FD 2
SD 74	A vida pública de empresário e de jornalista assassinada não refletia crises descritas por amigos e familiares	ZH, 27/06/20 04, p.42	FD 1
SD 75	O fim trágico de uma união invejada	ZH, 27/06/20 04, p.42	FD 1
SD 76	– Tinha de existir mais Henriques para haver mais mulheres bem casadas. A frase de uma antiga amiga do casal resume o pensamento de parte dos hamburguenses em relação a Luiz Henrique Sanfelice e Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues e dá uma noção de quanto a morte da mulher, cuja suspeita recaí sobre o marido, abalou o Vale do Sinos.	ZH, 27/06/20 04, p.42	FD 1
SD 77	Executivo da área de exportação de calçados, Sanfelice, 39 anos, viajava pelo	ZH,	FD 1

	mundo e visitava as mais sofisticadas butiques atrás de jóias, perfumes, roupas e o que mais lhe agradasse para presentear a mulher , jornalista, assessora de imprensa de empresas da região. Certa vez, Beatriz sonhou com um anel de brilhantes no dedo. O empresário não descansou até encontrar a jóia para a mulher. Desde o casamento, há 12 anos, Sanfelice proporcionou a Beatriz uma vida desejada por muitos. Carro de luxo e viagens para o Exterior, lua-de-mel nos EUA, férias no Caribe, passeios pela França, Portugal, Espanha e temporadas em praias do Rio e do Nordeste. Os negócios do empresário – chegou a ter rendimentos de R\$ 30 mil mensais – permitiram ao casal trocar um apartamento de classe média no bairro Pátria Nova pelo Plaza Heller, um cobiçado condomínio no Centro, erguido no final dos anos 90.	27/06/2004, p.42	
SD 78	- A Bea era quatro anos mais velha do que o Henrique, e ele a queria sempre bem, jovem e bonita – lembra um amigo.	ZH, 27/06/2004, p.42	FD 1
SD 79	Reação: empresário liderou passeata e carregou um quadro com a foto da mulher assassinada	ZH, 27/06/2004, p.42	FD 1
SD 80	- A Bea e o Henrique formavam um casal invejável, pela harmonia, pela alegria que demonstravam – surpreende-se Edvino Schaeffer, diretor-executivo da Associação Comercial e Industrial (ACI) de Novo Hamburgo, Campo Bom e Estância Velha.	ZH, 27/06/2004, p.42	FD 1
SD 81	A relação conjugal vinha arranhada por problemas financeiros. Sanfelice teve dificuldades de se manter em bons empregos, o que o levou a impor limites de gastos. Há três meses, comentou com parentes que o casamento não ia bem e reclamou que a mulher, mais dedicada ao filho, não estaria trabalhando tanto quanto antes.	ZH, 27/06/2004, p.42	FD 2
SD 82	- Parecia um casal perfeito, com uma casa bonita e um filho bem cuidado – avalia a delegada Rosane de Oliveira Oliveira.	ZH, 27/06/2004, p.42	FD 3
SD 83	Em público, Sanfelice reagia com rispidez a qualquer tipo de indelicadeza com Beatriz.	ZH, 27/06/2004, p.42	FD 1
SD 84	- Se alguém atendesse mal, ou mesmo não desse atenção a ela numa loja, ele virava bicho, chamava o gerente e brigava – lembra uma conhecida do casal.	ZH, 27/06/2004, p.42	FD 1
SD 85	Com o assassinato da mulher, amigos temiam por uma atitude agressiva de Sanfelice. Pensavam que ele invadiria a delegacia, exigindo a prisão dos criminosos a qualquer preço.	ZH, 27/06/2004, p.42	FD 3
SD 86	- Quando o vi na TV, falando de um jeito estranho, com olhar perdido, senti um aperto no coração. A Bea era dengosa, reclamava de qualquer ferimento. Imagina com o corpo em chamas – se desespera a amiga.	ZH, 27/06/2004, p.42	FD 3
SD 87	Polícia não confirma os álibis do principal suspeito	ZH, 29/06/2004, p.34	FD 2
SD 88	Conforme o documento, após as 9h30min do dia 12, quando Sanfelice entrega na	ZH,	FD 2

	locadora o DVD do filme policial “O Novatto”, ninguém confirma ter estado com ele até as 10h15min, horário aproximado em que a empregada do casal diz que o empresário retornou ao apartamento. Foi nesse intervalo de tempo que a jornalista foi morta, segundo apurou a polícia, baseada no depoimento de testemunhas que viram fumaça preta e o carro ainda queimando no Santuário das Mães.	29/06/2004, p.34	
SD 89	Para o promotor, o fato de o empresário ter se recusado a depor à polícia pela segunda vez, na última sexta-feira, reforça sua tese de que ele seja o principal suspeito do crime.	ZH, 29/06/2004, p.34	FD 2
SD 90	A polícia adiantou ontem que Sanfelice deverá ser indiciado por homicídio duplamente qualificado.	ZH, 29/06/2004, p.34	FD 2
SD 91	O novo defensor, Engelberto João Rieger, assumiu prometendo uma reviravolta: ele quer que Sanfelice preste depoimento à polícia e que refaça o roteiro que alegou ter seguido na manhã do crime, 12 de junho. - Quem não deve, não teme. Vamos enfrentar tudo que há contra ele. É uma obrigação da defesa e um momento sagrado, uma oportunidade que ele não pode perder – afirmou Rieger.	ZH, 1º/07/2004, p.43	FD 1
SD 92	A prova indiciária é frágil. Mas por ser júri e por ter tido grande repercussão, ensejou um dimensionamento maior do que essas suspeitas têm no seu bojo. São coisas pequenas que estão querendo transformar em grandes.	ZH, 1º/07/2004, p.43	FD 1
SD 93	Garantiu que, com exceção de alguns impostos, estava com as contas da empresa em dia tendo, inclusive, R\$ 35 mil em créditos a receber. No dia em que foi preso, segundo ele, havia em seu apartamento R\$ 120 mil em mercadorias (sapatos femininos), dos quais R\$ 80 mil já estavam pagos. Além disso, afirma ser autor de duas ações judiciais de cobrança de dívidas no valor de R\$ 75 mil e de R\$ 11 mil.	ZH, 02/07/2004, p.44	FD 1
SD 94	Zero Hora – O que mais tem lhe incomodado nos dias em que o senhor está no Presídio Central? Luiz Henrique Sanfelice – A injustiça. Não tenho conseguido dormir. Estou mal emocionalmente.	ZH, 02/07/2004, p.44	FD 1
SD 95	ZH – O que o senhor acha que levou a polícia a apontá-lo como principal suspeito da morte de sua mulher? Sanfelice – A incompetência.	ZH, 02/07/2004, p.44	FD 1
SD 96	Para a Polícia Civil, o empresário Luiz Henrique Sanfelice apresentou três versões diferentes do trajeto que fez com a mulher na manhã do crime.	ZH, 02/07/2004, p.44	FD 2
SD 97	Ontem, 19 dias depois, a delegada apresentou as 33 páginas do relatório do inquérito no qual enquadrou o empresário como autor do crime. A polícia definiu o crime como premeditado, com motivação financeira e passional. Sanfelice responderá como autor, mas a polícia não descarta que ele tenha sido ajudado.	ZH, 02/07/2004, p.45	FD 2
SD 98	Além de indiciado por homicídio triplamente qualificado – por motivo torpe (vantagens financeiras), meio cruel (uso do fogo) e por emboscada –, o empresário teve a prisão preventiva solicitada à Justiça.	ZH, 02/07/2004, p.45	FD 2

SD 99	Os saques bancários em junho não ultrapassavam R\$ 100, o que destoa do saque feito por Beatriz no dia do crime, que foi de R\$ 1 mil. Para a polícia, Sanfelice fez com que a mulher tirasse um valor tão alto para justificar um assalto ou seqüestro	ZH, 02/07/20 04, p.45	FD 3
SD 100	Com base em novos depoimentos, a Polícia Civil de Novo Hamburgo concluiu ontem que o empresário Luiz Henrique Sanfelice teria tido em torno de uma hora para levar sua mulher ao Santuário das Mães, matá-la queimada dentro de seu Mégane e retornar ao centro de Novo Hamburgo, na manhã de 12 de junho.	ZH, 03/07/20 04, p.26	FD 2
SD 101	A cronologia, segundo a delegada, reforça a hipótese de a empregada do casal ter mentido ao afirmar que Sanfelice esteve no apartamento às 10h15min. A empregada foi indiciada por falso testemunho qualificado.	ZH, 03/07/20 04, p.26	FD 2
SD 102	Conforme Rieger, Sanfelice reclama o fato de não ter sido submetido a exame de lesões e de suas roupas não terem sido periciadas: - A Beatriz era forte, fazia ginástica. Luiz Henrique acredita que ela tenha reagido ao ataque, o que deixaria marcas no agressor.	ZH, 03/07/20 04, p.26	FD 1
SD 103	O advogado Engelberto João Rieger pediu ao Ministério Público e à Justiça a reabertura do inquérito concluído na quinta-feira justificando que a polícia ignorou três linhas de investigação. Conforme Rieger, caberia uma investigação minuciosa em relação à hipótese de Beatriz ter sido vítima de latrocínio (roubo com morte). Há no inquérito uma informação anônima de que um assaltante seria o autor do crime.	ZH, 03/07/20 04, p.26	FD 1
SD 104	Na opinião do promotor, é flagrante que a motivação do crime é financeira.	ZH, 03/07/20 04, p.26	FD 3
SD 105	- Ele chorou muito. Abraçou-se em mim e pediu que descobrisse o criminoso. Respondi que, pela violência, não parecia ter sido roubo ou seqüestro, mas um crime passional. Ele se afastou três passos e se preocupou em me perguntar por que eu estava dizendo aquilo a ele. Passou a ser suspeito naquele momento.	ZH, 04/07/20 04, p.44	FD 2
SD 106	Promotor diz que Sanfelice iria fugir	ZH, 06/07/20 04, p.34	FD 3
SD 107	O Ministério Público denunciou ontem o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos, pelo assassinato da mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, em Novo Hamburgo. O promotor Eugênio Paes Amorim sustentou o pedido de prisão preventiva à Justiça no fato de que o suspeito poderia fugir do país sob respaldo de um homem já condenado por crime semelhante.	ZH, 06/07/20 04, p.34	FD 2
SD 108	Ele só não fugiu porque não acreditava que a polícia investigaria com tanta perícia. Achava que tinha feito bem feito. Não chegou a ir para São Paulo porque viu que a coisa apertou. Ficou acompanhando as investigações – diz.	ZH, 06/07/20 04, p.34	FD 3
SD 109	Na denúncia, o promotor listou três qualificadoras: motivo torpe (passional e financeiro), meio cruel (fogo) e recurso que dificultou a defesa da vítima. Sanfelice responderá por suborno à testemunha, a empregada do casal. Na casa dela, denunciada por falso testemunho, foram apreendidos R\$ 1,9 mil.	ZH, 06/07/20 04, p.34	FD 3

SD 110	Luiz Henrique Sanfelice enviou ontem uma carta à sogra, a mãe da jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues. Nela, o empresário alega inocência e pede que reze por ele. Sanfelice diz que amava a mulher e que não fez “nada de errado com a Bea”.	ZH, 06/07/2004, p.34	FD 1
SD 111	- A delegada (Rosane de Oliveira Olivera) já manifestou que acredita na culpa dele, logo, não tem condições éticas de continuar no caso. Espero que não tenhamos um novo caso Daudt – afirmou Rieger.	ZH, 06/07/2004, p.34	FD 1
SD 112	A defesa comprovou que ele esteve em uma farmácia comprando medicamento na manhã do crime. A diferença em relação ao que Sanfelice sustenta está no horário. Ele dissera à polícia e ao advogado que fizera a compra entre 9h30min e 10h15min, horário do crime. O sistema da farmácia mostrou que a compra se realizou às 12h2min.	ZH, 06/07/2004, p.34	FD 3
SD 113	“Agora, estou exigindo justiça”	ZH, 08/07/2004, p.4	FD 1
SD 114	Algemado, clamou por Justiça, se emocionou, tomou água e, pela primeira vez, em contato fora do parlatório, pôde abraçar o advogado que lhe defende há uma semana, Engelberto João Rieger. O advogado protesta pelo fato de as imagens captadas pelas câmeras de rua de Novo Hamburgo na manhã do crime terem sido desgravadas.	ZH, 08/07/2004, p.4	FD 1
SD 115	Até ontem, estava em absoluta paz e tranqüilidade, pois tinha certeza de que, no momento em que fossem vistas as fitas (com as imagens das câmeras de rua em Novo Hamburgo), eu sairia daqui. Agora, estou exigindo justiça. Como podem ter destruído as fitas onde eu aparecia? Quem é responsável por esse ato criminoso? Estou solicitando que as fitas sejam vistas desde o primeiro dia que me fizeram essa hedionda acusação, de ter matado a minha esposa. Ninguém tem provas contra mim, e eu estou aqui preso. Meu filho de quatro anos está sem pai e sem mãe, e eu aqui preso enquanto o bandido que matou minha esposa assiste pela TV a delegada se promovendo, aos sorrisos, na Zero Hora. Onde está a competência da polícia?	ZH, 08/07/2004, p.4	FD 1
SD 1116	Tenho saudade da minha mulher, tenho saudade do meu filho. Quero ver meu filho. Desde que soube que as fitas foram apagadas entrei em desespero. Está sendo feito um complô.	ZH, 08/07/2004, p.4	FD 1
SD 117	A polícia é incompetente. Não encontra o criminoso. Um dia antes, estava na capa da ZH, se não me engano, que existem mais de 1 milhão de casos sem solução. Por que não descobrem o caso do Mezacasa?	ZH, 08/07/2004, p.4	FD 1
SD 118	A única coisa que não consegui entender é como num lugar desses, tão perto do demônio, não existe uma missa.	ZH, 08/07/2004, p.4	FD 1
SD 119	Sou devoto de Padre Reus. Eu ia 20 vezes por mês ao santuário do Padre Reus. A única coisa que está me reconfortando aqui dentro é que estou relendo os volumes da vida dele. Eu não matei a minha mulher.	ZH, 08/07/2004, p.4	FD 1
SD 120	Não tem contradição. Quem planta contradição é a polícia. Fui ao banco, percebi que estava sem a carteira. Liguei para esposa. Pedi que ela viesse e sacasse dinheiro.	ZH, 08/07/2004, p.4	FD 1

SD 121	Eu tô pedindo pelo amor de Deus as cópias das minhas ligações. Como eu ia estar matando a mulher e falando ao telefone?	ZH, 08/07/20 04, p.4	FD 1
SD 122	Sanfelice: “Como podem ter destruído as fitas onde eu aparecia. Ninguém tem provas contra mim”	ZH, 08/07/20 04, p.4	FD 1
SD 123	Só no ato pela paz que o Aurélio Decker (jornalista) me abordou e me disse tudo isso, que estavam desconfiando. Nesse dia, eu fiquei surpreso. Por que eu mataria minha esposa? Para arruinar minha vida?	ZH, 08/07/20 04, p.5	FD 1
SD 124	O que tu acha de quando apresentam o corpo da tua mulher, com o carro todo queimado, aquela cena dantesca, e eu pergunto para a delegada: “A senhora vai descobrir quem foi?” E ela responde: “Tu vais me ajudar?”	ZH, 08/07/20 04, p.5	FD 1
SD 125	ZH – Como o senhor se sente sendo o principal suspeito da morte dela? Sanfelice – Descrente da Justiça do Brasil. Descrente da Polícia Civil. Me sinto injustiçado, intimidado e exijo Justiça. Quem tem provar alguma coisa são eles. Eu não fiz nada. Por que insistem em dizer que nada foi roubado? Cadê as coisas dela, relógio, correntes de ouro, dinheiro? Se queimou a perícia tem de provar.	ZH, 08/07/20 04, p.5	FD 1
SD 126	As declarações de Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos, levantando dúvidas sobre a investigação policial não o livram da condição de principal suspeito da morte de sua mulher , a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos.	ZH, 09/07/20 04, p.4	FD 2
SD 127	Outras questões suscitadas pelo empresário, no entanto, são derrubadas pelas peças que constam do processo. Sanfelice afirmou que a listagem das ligações feitas e recebidas por ele na manhã do crime comprovaria que ele não poderia estar matando a mulher e falando ao telefone ao mesmo tempo. A quebra do sigilo telefônico indicou, no entanto, que o telefone do empresário ficou um período de 40 a 50 minutos sem uso naquela manhã.	ZH, 09/07/20 04, p.4	FD 2
SD 128	Ninguém tem provas contra mim e eu estou aqui preso enquanto lá fora está o bandido que assassinou a minha esposa	ZH, 09/07/20 04, p.4	FD 1
SD 129	Uma testemunha informou à polícia que viu o carro queimando às 9h40min, 10 minutos depois de o empresário ter entregue um DVD em uma locadora do Centro. Zero Hora fez de carro em oito minutos o percurso entre a locadora e o local.	ZH, 10/07/20 04, p.31	FD 2
SD 130	No escritório, a quantidade de álbuns de fotos revela o gosto que o casal tinha por viagens e por registrar momentos em família. Beatriz, raramente aparece sem estar com um largo sorriso.	ZH, 10/07/20 04, p.31	FD 1
SD 131	Desde a prisão, em 19 de junho, Sanfelice, 39 anos, nega o assassinato. A contratação de peritos, conforme o advogado Engelberto João Rieger, visa a buscar dados para elucidar o crime e tentar inocentar seu cliente.	ZH, 12/07/20 04, p.37	FD 1
SD 132	Babá sustenta álibi de Sanfelice	ZH, 18/07/20 04, p.44	FD 1

SD 133	A babá Leani Elisabete Engster da Silva, 37 anos, está segura do que disse à polícia sobre o que ocorreu em 12 de junho, quando sua patroa, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, foi morta em Novo Hamburgo. Leani cuidava do filho do casal, de quatro anos. - Falei a verdade –, diz a mulher, acusada de ter recebido suborno para mentir em favor do patrão, Luiz Henrique Sanfelice.	ZH, 18/07/2004, p.44	FD 3
SD 134	Queriam que eu falasse coisas que eu não sabia. Falei a verdade. Me fizeram proposta sobre a arma. Para a gente falar tudo. Mas eu não tinha mais o que falar.	ZH, 18/07/2004, p.44	FD 1
SD 135	Defesa pretende utilizar sinal de celular para provar que marido da jornalista não estava no local do crime	ZH, 20/07/2004, p.34	FD 2
SD 136	Uma nova estratégia de defesa foi anunciada ontem pelo advogado. A partir da identificação da antena de celular que Sanfelice usou na manhã do crime, Rieger quer comprovar que seu cliente estava no centro de Novo Hamburgo, enquanto a mulher era morta em outra área da cidade. - Como não dispomos das imagens das câmeras de rua, que foram criminosamente apagadas, vamos mostrar pelo uso do telefone que Luiz Henrique estava no Centro naquele momento. Vou requerer que a juíza peça essas informações à operadora do telefone celular – disse Rieger.	ZH, 20/07/2004, p.34	FD 1
SD 137	A defesa de Sanfelice também insiste na hipótese de latrocínio , já que Beatriz usava jóias e portava bolsa com dinheiro e cartões.	ZH, 20/07/2004, p.34	FD 1
SD 138	Os motivos para o crime envolveriam questões passionais – o fato dela ter uma relação extraconjugal – e financeiras – ele receberia um seguro de vida de R\$ 350 mil em caso de morte dela.	ZH, 20/07/2004, p.34	FD 3
SD 139	“Não tiraria a mãe do meu filho”	ZH, 21/07/2004, p.50	FD 1
SD 140	– Os fatos são absolutamente inverossímeis. Não matei minha mulher, não estive no local do crime. Não tiraria a mãe do meu filho.	ZH, 21/07/2004, p.50	FD 1
SD 141	Acusado de matar a mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, Sanfelice alegou inocência, dizendo lamentar que o “verdadeiro criminoso” não esteja sendo procurado.	ZH, 21/07/2004, p.50	FD 1
SD 142	Queremos que ele pague, que fique na cadeia. Ele muda de versão a todo momento, mas talvez não resista até a data do júri e confesse o crime.	ZH, 21/07/2004, p.50	FD 2
SD 143	Enquanto a juíza Lúcia Helena Camerini lia a denúncia de homicídio triplamente qualificado e suborno, Sanfelice balançava a cabeça em sinal de negativo. Durante o interrogatório, chorou ao lembrar como a mulher se despediu dele na última vez em que se viram.	ZH, 21/07/2004, p.50	FD 1
SD 144	Questionado sobre o motivo de ter referido, na primeira ocorrência feita na polícia, que ele e a mulher haviam saído do banco em carros separados, negou ter afirmado isso.	ZH, 21/07/2004	FD 1

	Disse que foi mal atendido na delegacia e obrigado a assinar a ocorrência mesmo contendo incorreções	04, p.50	
SD 145	Sempre esfregando as mãos e tomando água, o empresário não recuou de nenhuma pergunta. Por mais de uma vez referiu que o que estava dizendo poderia ser “facilmente comprovado” pelas imagens de câmeras de rua de Novo Hamburgo – material que não foi preservado e não consta do processo.	ZH, 21/07/20 04, p.50	FD 1
SD 146	- Ele é inteligente, usou palavras calculadas e atos medidos. Não esperava muito do interrogatório , mas foi possível extrair contradições – afirmou Amorim.	ZH, 21/07/20 04, p.50	FD 1
SD 147	Arquivo de computador pode comprovar a premeditação	ZH, 24/07/20 04, p.36	FD 3
SD148	Perícia aponta que Sanfelice preparou álibi antes do crime	ZH, 24/07/20 04, p.36	FD 3
SD 149	O Departamento de Criminalística (DC) localizou ontem no computador do empresário Luiz Henrique Sanfelice um dado que pode ser decisivo no processo que ele responde pela morte da mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues. De acordo com a análise do DC, um arquivo do computador indica que quatro dias antes do crime, em 8 de junho, o empresário havia começado a descrever o roteiro que supostamente faria na manhã do dia 12 e que posteriormente apresentaria à polícia como álibi.	ZH, 24/07/20 04, p.36	FD 3
SD 150	O encontro do fragmento indica que o roteiro descrito por Sanfelice começou a ser feito com quatro dias de antecedência ao assassinato da jornalista.	ZH, 24/07/20 04, p.36	FD 3
SD 151	Perícia em computador levanta mais suspeitas contra Sanfelice	ZH, 25/07/20 04, p.42	FD 2
SD 152	A prova que faltava?	ZH, 25/07/20 04, p.42	FD 2
SD 153	O que pode ser uma das principais provas contra o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 39 anos, acusado de matar a mulher, foi encontrado na sexta-feira por peritos que analisavam um dos computadores dele. A perícia do Departamento de Criminalística (DC) localizou fragmentos de um arquivo criado em 8 de junho no qual o empresário teria começado a descrever o roteiro que faria na manhã de 12 de junho, dia do crime.	ZH, 25/07/20 04, p.42	FD 2
SD 154	Conforme o promotor Eugênio Paes Amorim, a descoberta dos peritos fortalece a tese da denúncia de que Sanfelice, além de ser o autor do crime, premeditou cada passo que daria no dia do crime. - Recebi a informação da perícia com satisfação, na medida em que estou convencido de que ele é o autor. Comemorei. Esse é um elemento muito forte e importante para o processo. Por que razão alguém colocaria no computador os seus passos e o da mulher quatro dias antes, se não para premeditar um crime e um álibi? – destacou o promotor, ao receber a informação extra-oficial, na sexta-feira.	ZH, 25/07/20 04, p.42	FD 2

SD 155	Para o advogado de Sanfelice, Engelberto João Rieger, a acusação é infundada: - Precisamos ver se a perícia tem base legal para chegar a essa conclusão. Teremos de fazer uma perícia particular para verificar a idoneidade dessa prova. O computador está com eles há mais de um mês, é muito fácil criar um fato dentro do computador. Por que só agora estão trazendo essa versão?	ZH, 25/07/20 04, p.42	FD 1
SD 156	Em uma análise inicial, foi encontrado um arquivo criado em 16 de junho e modificado em 17 de junho, no qual Sanfelice listou locais por onde passou, os horários e telefonemas que fez na manhã de 12 de junho. O material chamou a atenção da polícia por ser mais completo do que o roteiro que o empresário havia feito a mão logo depois de prestar depoimento, em 13 de junho. Além disso, o roteiro feito no computador apresentava divergências em relação ao que fora manuscrito.	25/07/20 04, p.42	FD 3
SD 157	No documento, o defensor alega excesso de acusação e parcialidade no inquérito.	ZH, 03/08/20 04, p.43	FD 1
SD 158	A polícia divulgou ontem que a perícia encontrou vestígios do relógio avaliado em US\$ 3 mil usado pela vítima no carro em que a jornalista morreu queimada. Esse detalhe afastaria a hipótese de assalto, sustentada por Sanfelice.	ZH, 03/08/20 04, p.43	FD 2
SD 159	Testemunha diz que jornalista assassinada tinha outro amante	ZH, 13/08/20 04, p.43	FD 2
SD 160	O depoimento de uma testemunha de acusação trouxe à tona um segundo suposto amante para a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, morta carbonizada dentro do carro do marido, no Dia dos Namorados, em Novo Hamburgo. Um dos dois cabeleireiros da vítima contou à juíza da 1ª Vara Criminal, Lúcia Helena Camerini, que havia um ano Beatriz se relacionava com um empresário com negócios no Novo Shopping e em Porto Alegre.	ZH, 13/08/20 04, p.43	FD 2
SD 161	Das três provas, a que o advogado considera de maior relevância é a análise de imagens contidas em um CD gravado pelas câmeras 5 e 6 da entrada do Novo Shopping de Novo Hamburgo na manhã do crime. As imagens foram feitas às 10h2min2seg daquela manhã, 22 minutos depois do horário estipulado pela Polícia Civil como sendo o da morte da jornalista, a partir do depoimento de testemunhas. As imagens mostram um homem que, no entender da defesa, tem aspectos físicos parecidos aos do homem identificado como próximo da vítima, o também empresário Luiz Henrique Heldt. A gravação mostra que o carro que entra no shopping é um Renault Mégane, de cor branca, quatro portas e fabricado nos anos de 2000 e 2001 – também muito semelhante ao carro da jornalista.	ZH, 13/10/20 04, p.32	FD 1
SD 162	A outra prova técnica que a defesa apresentará questiona um dos esteios da acusação contra Sanfelice: a recuperação de um arquivo no computador do empresário que mostra que ele teria planejado quatro dias antes do crime os seus passos na manhã da morte da jornalista. Weinmann questiona o fato de a Justiça não ter sido informada pela acusação de que a mesma tecnologia que permite recuperar arquivos também pode ser usada para manipulá-los.	ZH, 13/10/20 04, p.32	FD 1
SD 163	Weinmann diz que no processo consta que Sanfelice esteve em uma locadora de vídeo às 9h30min22s, 10 minutos antes do horário apontado como sendo da morte da jornalista. Segundo Weinmann, o trajeto entre o local do crime e a residência do casal (que fica na mesma região da locadora) é percorrido de carro em 15 minutos. Consta dos autos também que às 10h15min (35 minutos após o crime) o empresário foi visto retornando ao apartamento do casal. Segundo Weinmann,	ZH, 13/10/20 04, p.32	FD 1

	demora-se 59 minutos para percorrer o trajeto a pé.		
SD 164	Três horas após a defesa de Luiz Henrique Sanfelice entregar quatro pastas com o resultado de perícias, imagens e relatórios à 1ª Vara Criminal do Fórum de Novo Hamburgo, parte da nova prova pericial apresentada se desfez. O homem que aparece nas imagens das câmeras do estacionamento do NovoShopping, na manhã do crime, dirigindo um carro semelhante ao da jornalista morta, foi à 2ª Promotoria Criminal.	ZH, 14/10/2004, p.51	FD 2
SD 165	Em carta enviada ao colunista Paulo Sant'Ana – publicada na edição dominical de Zero Hora –, Sanfelice sustenta que não há provas contra ele e reclamam da morosidade da Justiça e do fato de ser mantido preso sem julgamento.	ZH, 08/11/2004, p.37	FD 1
SD 166	O promotor Eugênio Paes Amorim rebateu as queixas destacando que é a própria defesa quem está causando a demora, por meio de pedidos de perícias e depoimentos de testemunhas fora do Estado.	ZH, 08/11/2004, p.37	FD 2
SD 167	Preso informou que empresário planejava fugir	ZH, 11/12/2004, p.35	FD 4
SD 168	Alerta de possível fuga pode forçar remoção de Sanfelice	ZH, 11/12/2004, p.35	FD 4
SD 169	O promotor de Justiça de Novo Hamburgo Eugênio Paes Amorim pedirá ao comando da Polícia Civil que investigue o suposto plano de fuga do Presídio Central, que teria como um dos mentores o empresário Luiz Henrique Sanfelice.	ZH, 11/12/2004, p.35	FD 4
SD 170	Durante duas horas, o detento detalhou o plano que seria realizado na noite de 28 para 29 de novembro e envolveria 15 presos da primeira e segunda galerias do pavilhão E. O informante aponta Sanfelice como um dos articuladores da ação. O plano contaria com a utilização de um helicóptero para resgate aéreo, apoio de um guarda interno do presídio e mais cinco advogados, e teria um gasto estimado de R\$ 80 mil. Desta quantia, R\$ 70 mil teriam sido distribuídos entre os presos do pavilhão D, que no dia da fuga fariam uma agitação para desviar a atenção da Brigada Militar. O restante seria pago a um policial militar que estaria de serviço naquela noite.	ZH, 11/12/2004, p.35	FD 4
SD 171	O preso também revelou que Sanfelice tinha uma planta baixa do Presídio Central, inclusive com a localização das guaritas externas do presídio, onde ficariam estacionados os automóveis com pessoal de retaguarda para render os guardas. Os mapas teriam sido minuciosamente estudados pelo empresário de Novo Hamburgo.	ZH, 11/12/2004, p.35	FD 4
SD 172	O que diz Amadeu de Almeida Weinmann, 69 anos, advogado de defesa: Considero uma armadilha a divulgação do relatório. A acusação a fez no momento em que está para ser julgado o habeas do meu cliente. Temos a lamentar que um promotor de Justiça, em vez de mandar para o processo este documento, leve-o para órgão de imprensa. Tal procedimento faz parte de uma série de manobras para amenizar os resultados da perícia onde há uma carta que prova a minha tese de que existe a possibilidade de manipulação dos dados na memória do computador. Isso derruba os argumentos da acusação que diz ter encontrado o planejamento do crime no computador de Sanfelice.	ZH, 11/12/2004, p.35	FD 1
SD 173	O assassinato chocou a população de Novo Hamburgo. O próprio marido havia registrado o desaparecimento da mulher, no Dia dos Namorados, e apontou à	ZH, 07/04/20	FD 3

	Polícia Civil possíveis locais onde ela teria passado.	05, p.49	
SD 174	Quinze quilos mais magro e com quatro pedidos de libertação frustrados em um ano, o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 40 anos, aguarda em uma cela de oito metros quadrados do Presídio Central de Porto Alegre a definição da data para o desenlace de um dos casos mais rumorosos do Estado.	ZH, 11/06/2005, p.44	FD 1
SD 175	“Faço meditação e oração duas horas por dia. Também faço ginástica, leio muito e não saio para o pátio para evitar qualquer situação que me exponha, para não dar motivos a que venham me acusar de líder de qualquer plano de fuga, como já fizeram para prejudicar o julgamento do habeas corpus no Tribunal de Justiça (TJ). Saio da galeria somente para falar com meus advogados. Às quartas-feiras, participo de um grupo religioso na capela do presídio. Faço duas refeições por dia e tenho um companheiro de cela. Jogo xadrez com ele e estou escrevendo uma espécie de diário sobre o que está me acontecendo. Também leio sobre História geral e Filosofia.”	ZH, 11/06/2005, p.44	FD 1
SD 176	“Não mantenho contato com meu filho. Sei de notícias dele pelo que meu pai me diz. Uma única vez tentei ligar para a casa da minha sogra, mas ela desligou o telefone. A situação mais difícil talvez seja a distância dele. Estou desesperado por não poder ver, abraçar, beijar meu filho, ouvir sua voz. Todo o resto eu posso superar. Ser acusado injustamente e sem direito a defesa, preso sem condenação, meu nome jogado na lama. Mas os momentos que estou perdendo da vida do Vitor, isso nunca vou poder recuperar.”	ZH, 11/06/2005, p.44	FD 1
SD 177	“A relação com os outros presos é respeitosa e não houve nenhum incidente ou qualquer conflito. Alguns me procuram para traduzir textos, outros para esclarecimentos, sou respeitado e respeito todos.”	ZH, 11/06/2005, p.44	FD 1
SD 178	“É uma grande mentira. Mais uma vez, para impressionar (e pressionar) a opinião pública e o Judiciário, criaram uma verdadeira farsa, sem embasamento. Meu nome foi citado por um preso que entrou aqui de manhã e saiu à noite, dizendo que me conhecia, mas eu nem sabia quem era este cidadão, nunca o tinha visto antes. Depois surgiu esta coisa de fuga, que eu era líder, que tinha mapas do presídio. Um verdadeiro absurdo, mentira descarada. Até agora ninguém concluiu nada, e nem poderia, porque nunca aconteceu plano de fuga nenhum. Sequer fui ouvido sobre isto pela Susepe (Superintendência dos Serviços Penitenciários), e que eu saiba, nem investigando mais estão. A farsa já cumpriu o seu propósito mesmo.”	ZH, 11/06/2005, p.44	FD 1
SD 179	“Tenho uma sensação de descrédito na Justiça porque em nenhum dos julgamentos dos pedidos de hábeas houve análise da minha situação. Justificam a negativa com questões técnicas, jurídicas, porque estou pronunciado etc... Mas então já estou condenado? Por que tenho de esperar preso tanto tempo? Se o promotor quer um julgamento rápido, por que recorreu da pronúncia?	ZH, 11/06/2005, p.44	FD 1
SD 180	O que diz Rosane de Oliveira Olivera, delegada que comandou a investigação do caso: “É lógico que ele vai bater na Polícia Civil. Se ele está até hoje preso, deve ser pelo trabalho da polícia. Não tenho nada contra ele. A investigação foi técnica. Todas as provas apontaram para ele. Se tivesse de fazer essa investigação hoje, não teria reparo algum.”	ZH, 11/06/2005, p.44	FD 2
SD 181	“Não consigo entender qual a diferença do meu caso para aquele, por exemplo, que envolve um promotor de Justiça de São Paulo que baleou dois rapazes (um deles morreu) só porque olharam para a namorada dele. Ele está preso? Que eu saiba não, tem o direito a responder em liberdade... Por quê? Ah, porque é primário, tem bons	ZH, 11/06/2005, p.44	FD 1

	antecedentes etc... Mas eu também não sou? Por que a diferença de tratamento? A Justiça não é uma só? Só porque ele é promotor? Eu não matei a minha esposa e a minha prisão é uma barbaridade. Não consigo sequer me defender das acusações de forma adequada, aqui preso. E só estou aqui porque a polícia destruiu as provas que me inocentariam. Por que as fitas de vigilância da Guarda Municipal não estão no processo?”		
SD 182	“Era um sujeito feliz, extrovertido e de bem com a vida. Um profissional vitorioso, com um padrão de vida muito bom, trabalhava 12 horas, 14 horas por dia com entusiasmo, tinha uma mulher e um filho pelos quais era apaixonado e ainda sou e que são a luz da minha vida. Somente a esperança de reencontrar Vitor me faz superar essa situação. ”	ZH, 11/06/2005, p.44	FD 1
SD 183	“Não é necessário treinamento algum (para o júri). Somente a verdade é que precisa ser dita e mostrada. Eu estava em casa na manhã daquele sábado (no dia do crime) e poderia provar isto, se não fosse a destruição criminosa das provas pela polícia. A Leani (Engester, a babá, pronunciada por falso testemunho) está falando a verdade. Foi a única testemunha que não se submeteu à pressão da polícia, preferiu manter o que havia dito, mesmo sendo ameaçada por mais de cinco policiais, numa sala fechada, assim como fizeram com outras testemunhas. ”	ZH, 11/06/2005, p.44	FD 1
SD 184	“Na delegacia, no dia 13 de junho, com meu pai, fiz uma lista na presença do inspetor detalhando passo a passo tudo o que eu tinha feito no sábado (12 de junho, dia do crime). Pedi a ele uma cópia, que ele tirou no fax da delegacia, e disse que quando chegasse em casa confirmaria horários pelo celular. Ia fazer um relatório detalhado e imprimir pelo computador. Iria entregar a eles, e foi o que eu fiz no dia 16. Então não fiz isso no dia 8, como afirmam, mas no dia 13. Fiquei surpreso com a notícia de que a data era anterior, mas não poderia ser, a menos que fosse alterada depois. Aí surgiu a verdade: quando apreenderam os computadores, não lacraram aquele de casa. Usaram da minha boa fé para produzir uma prova contra mim, para me prejudicar. Isto está provado pelo Instituto-geral de Perícias, que diz ter recebido o computador sem lacre. Por que não lacraram o computador de casa?”	ZH, 11/06/2005, p.44	FD 1
SD 185	“ Talvez seja tarde para buscar o verdadeiro criminoso, que talvez esteja dando risada disto tudo. Isto me deixa indignado, mas não posso me preocupar com isto agora, senão enlouqueço. Isto comprova a fragilidade de nossas instituições. Estou preso porque a polícia quis dar uma resposta rápida à sociedade, pela pressão da mídia, e cometeu um erro absurdo. Quando perceberam que era tarde demais, resolveram sustentar a farsa. Alguém garante a integridade total da polícia? Eu não! Por que não investigam o suposto amante? Por que não investigam o caso Mezacasa (João Laudir Mezacasa, industrial encontrado queimado em seu carro três dias depois da morte de Beatriz e a poucos quilômetros de onde ela foi morta)? Estou cumprindo pena sem julgamento, por um crime que não cometi.	ZH, 11/06/2005, p.44	FD 1
SD 186	- Contra ele não existem provas contundentes. Existem suposições, indícios que não levam à conclusão nenhuma. O fundamento principal da prisão é a manutenção da sua integridade física. Não existe ameaça nenhuma à integridade física dele. Nunca existiu – protesta Adams.	ZH, 12/06/2006, p.34	FD 1
SD 187	Para o Ministério Público (MP), Sanfelice não pode ser solto porque há risco de que deixe o país. O promotor Eugênio Paes Amorim diz que há elementos para a medida. - Se não existissem provas, os tribunais não o manteriam preso.	ZH, 12/06/2006, p.34	FD 4
SD	MP e Polícia Civil são categóricos em apontar Sanfelice como autor do crime,	ZH,	FD 2

188	baseados em indícios e nas chamadas provas circunstanciais, entre elas contradições do acusado sobre seu álibi na manhã do crime. Como a jornalista foi morta, no entanto, continua sendo um mistério até para a acusação. A hipótese defendida é de que a vítima tenha sido dopada e depois queimada, ainda com vida.	12/06/2006, p.34	
SD 189	Quase 20 quilos mais magro, Sanfelice aguarda o júri numa cela de oito metros quadrados. Nega o crime e reclama da Justiça e da polícia.	ZH, 12/06/2006, p.34	FD 1
SD 190	O Ministério Público pretende provar que o empresário matou a mulher para evitar a separação e ficar com R\$ 350 mil provenientes de um seguro de vida.	ZH, 28/10/2006, p.40	FD 3
SD 191	- Imagens feitas no centro de Novo Hamburgo e que poderiam confirmar o álibi do Henrique, provando que ele não matou a mulher, desapareceram – protesta o advogado Renato Nakahara.	ZH, 28/10/2006, p.40	FD 1
SD 192	Zero Hora – Qual sua expectativa quanto ao resultado? Luiz Henrique Sanfelice – De absolvição, que nada mais é do que a justiça para o caso.	ZH, 10/12/2006, p.53	FD 1
SD 193	ZH – O senhor diria que a decisão do júri é soberana e deve ser acatada como a verdade? Sanfelice – Nunca assisti ou participei de um júri. Espero que os jurados tenham a sensibilidade de perceber que sou inocente e que valha mais o aspecto técnico, que me inocenta, do que qualquer aspecto teatral por parte da acusação.	ZH, 10/12/2006, p.53	FD 1
SD 194	ZH – O fato de seu júri ser tratado como um evento de repercussão pode interferir no resultado? Sanfelice – Acho que pode prejudicar. Os jurados podem se sentir pressionados. Só não entendo a razão deste júri não ocorrer no Foro (será na Feevale), tal como todos os outros júris. Os holofotes são mais importantes do que a verdade?	ZH, 10/12/2006, p.53	FD 1
SD 195	ZH – Qual o motivo para o senhor ter ficado tanto tempo preso, algo incomum para o caso de uma pessoa sem antecedentes e com trabalho e endereço fixo? Sanfelice – Os meus habeas corpus foram negados porque o promotor insistia na tese da fuga. Infelizmente, a estratégia do promotor foi exitosa em todas as instâncias, apesar de ser comprovadamente falsa.	ZH, 10/12/2006, p.53	FD 1
SD 196	ZH – Qual foi o momento de maior sofrimento ou tensão? Sanfelice – Foram dois. O primeiro, quando descobri que as imagens das câmeras de Novo Hamburgo, que comprovariam o meu álibi, foram destruídas. O outro, quando foi anunciada a fuga mentirosa do presídio, e foi aventada a minha transferência. Foi uma noite de terror, a pior da minha vida, mas a direção do Presídio Central teve discernimento, competência e bom senso para perceber que eu não tinha nada a ver com aquela acusação.	ZH, 10/12/2006, p.53	FD 1
SD 197	ZH – Quem lhe visita? O senhor viu seu filho nesse período? Sanfelice – Até hoje não me foi concedido o direito de ver o meu filho. Me tratam como condenado sem sequer ter sido julgado.	ZH, 10/12/2006, p.53	FD 1
SD	ZH – Como o senhor acha que vai ser quando ele crescer?	ZH,	FD 1

198	Sanfelice – Vai ser terrível, mas como provarei a minha inocência e dedicarei a minha vida à resolução deste caso, quando o meu filho for adulto já conhecerá a verdade sobre a morte de sua mãe.	10/12/2006, p.53	
SD 199	ZH – O que fará caso absolvido? Sanfelice – Vou recomeçar a minha vida, priorizando a educação do meu filho, suprimindo a falta da Beatriz que era uma excelente mãe.	ZH, 10/12/2006, p.53	FD 1
SD 200	– Estaremos todos lá. Temos muita fé em Deus de que ele seja condenado. É impossível que ele seja absolvido – disse um dos irmãos de Beatriz, o representante comercial Flávio Augusto de Oliveira Rodrigues, 49 anos.	ZH, 11/12/2006, p.36	FD 2
SD 201	Ouvido ontem por ZH, o promotor Eugênio Paes Amorim respondeu: – O senhor Sanfelice entende muito mais de teatro do que qualquer outro artista.	ZH, 11/12/2006, p.36	FD 4
SD 202	Zero Hora – Quais serão os argumentos da defesa? Mathias Nagelstein – Nós (os três advogados de defesa) vamos negar a autoria do crime. Vamos sustentar que não existe prova capaz de ensejar uma condenação. A polícia desprezou outras possibilidades investigatórias e se fixou exclusivamente na hipótese de que o autor teria sido o marido da vítima, o Luiz Henrique Sanfelice. Temos alternativas que poderiam levar a outras conclusões sérias.	ZH, 13/12/2006, p.47	FD 1
SD 203	Nagelstein – [...] O cenário montado pela polícia produziu os efeitos desejados: duas pessoas de realce, conhecidas em Novo Hamburgo, e um crime com características de barbarismo e hediondez, recaindo a acusação na figura do marido, que teria matado, colocado a vítima no carro e ateado fogo. Se fossem pessoas desconhecidas, seria diferente.	ZH, 13/12/2006, p.47	FD 1
SD 204	ZH – Qual sua expectativa em relação ao resultado? Nagelstein – É de conseguir neutralizar a possível idéia já formada de condenação e, uma vez restabelecida essa condição básica, a defesa irá demonstrar que as provas, ou os fatos indevidamente chamados de provas, não são suficientes para autorizar um juízo de condenação. Esse fato, desse homem estar mantido preso há dois anos e meio, é uma maldade sem precedentes no direito brasileiro. É uma prisão preventiva que o fez ficar todo esse tempo sem direito de visitar amigos, trabalhar e, o pior, de beijar o filho.	ZH, 13/12/2006, p.47	FD 1
SD 205	O empresário foi preso no dia 19. A investigação apontou que ele teria descoberto que a mulher o traía e estaria interessado em receber um seguro de vida. Beatriz havia encontrado em casa fitas de vídeo em que o marido aparecia fazendo sexo com outras mulheres e teria sabido da existência de uma amante dele.	ZH, 14/12/2006, p.56	FD 2
SD 206	Sanfelice sempre alegou inocência. Mesmo assim, tornou-se exemplo de uma prática legal rara: a de manter um réu sem antecedentes e com endereço fixo preso preventivamente por tanto tempo, sem julgamento.	ZH, 14/12/2006, p.56	FD 1
SD 207	A pedido do juiz Ruy Rosado de Aguiar Neto, Sanfelice relatou tudo o que fez na manhã de 12 de junho. Demonstrou ter muita certeza sobre locais e horários. E justificou: – Em 30 meses preso, tive tempo para pensar.	ZH, 15/12/2006, p.65	FD 3

SD 208	Sanfelice, que manteve aparente calma durante o interrogatório feito pelo promotor, perdeu o controle ao ser questionado pelo advogado de defesa Fábio Adams sobre os últimos dois anos e meio – período que passou no Presídio Central de Porto Alegre. O réu chorou muito, elevou o tom de voz, falou da impossibilidade de ver o filho e das dificuldades enfrentadas na prisão. – Isso é abuso. Eu não agüento mais isso – disse.	ZH, 15/12/2006, p.65	FD 1
SD 209	Ao ser interrogado pelo promotor Eugênio Paes Amorim, o réu demonstrou ter bom conhecimento de detalhes do processo. Muitas vezes, ao ser questionado, respondia sugerindo que Amorim poderia obter a informação solicitada lendo o que havia sido declarado por testemunhas. Por vezes, Sanfelice devolvia questionamentos. Foi advertido pelo juiz e pelo promotor de que o interrogado era ele.	ZH, 15/12/2006, p.65	FD 3
SD 210	– De maneira muito cruel tiraram a mãe do meu neto. E de maneira irresponsável tiraram o pai dele. Se até réus que confessaram têm o direito de responder o processo em liberdade, por que o meu filho não tem? – disse Vilmar Sanfelice, pai do réu.	ZH, 15/12/2006, p.65	FD 1
SD 211	Cláudia Kreuzsch, 41 anos, irmã da vítima, relatou ter encontrado o cunhado Sanfelice por volta das 11h30min de 12 de junho de 2004, data do crime, e negou que ele estivesse cansado, suado ou ofegante – o Ministério Público sustenta que o réu se deslocou, a pé, do local do crime, uma matagal próximo ao Santuário das Mães, até a seu apartamento, no centro de Novo Hamburgo. Ela ressaltou ter estranhado as atitudes do empresário.	ZH, 16/12/2006, p.38	FD 2
SD 212	“Falhou a investigação” , Renato Nakahara, advogado de defesa	ZH, 18/12/2006, p.43	FD 1
SD 213	Sanfelice condenado a 19 anos de prisão	ZH, 18/12/2006, p.43	FD 2
SD 214	Depois de mais de 40 horas no banco dos réus, o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 42 anos, foi condenado, na madrugada de domingo, a 19 anos e três meses de prisão em regime inicialmente fechado pela morte da mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos.	ZH, 18/12/2006, p.43	FD 2
SD 215	Condenado por cinco votos a dois por homicídio triplamente qualificado (motivo torpe, emprego de fogo, dissimulação e recurso que impossibilitou a defesa da vítima), com agravação da pena pelo fato de o crime ter sido cometido contra a cônjuge , o empresário foi absolvido da acusação de suborno.	ZH, 18/12/2006, p.43	FD 2
SD 216	Zero Hora – Como a senhora acompanhou o resultado? Gessy de Oliveira Rodrigues – Eu estou me sentindo mais aliviada, apesar de muito cansada. Estou agradecida a Deus, em primeiro lugar, e à Justiça, na qual eu sempre confiei.	ZH, 18/12/2006, p.43	FD 2
SD 217	– Ele faz o que faz e fica dois anos e meio preso? É gozação. Não é justiça, e sim injustiça. Ele cometeu um crime hediondo e 20 anos de prisão é pouco. Minha irmã não volta mais. Mas acho que a vida dele aqui fora será complicada – desabafa o irmão de Beatriz, Flávio Augusto de Oliveira Rodrigues, 50 anos.	ZH, 16/03/2007, p.55	FD 2
SD 218	– Para o crime que ele cometeu, a pena deveria ser mais rigorosa, mas ele está	ZH, 16/03/2007	FD 2

	exercendo um direito.	07, p.55	
SD 219	Sanfelice quer trabalhar no motel do pai	ZH, 17/03/2007, p.32	FD 1
SD 220	Depois de cumprir dois anos e nove meses da pena de 19 anos e três meses de prisão a que foi condenado pela morte da mulher, Beatriz Helena Oliveira Rodrigues, ele quer trabalhar em um motel.	ZH, 17/03/2007, p.32	FD 1
SD 221	Empresário condenado a 19 anos por matar a mulher aproveitou saída do semi-aberto para fugir	ZH, 12/04/2008, p.51	FD 4
SD 222	Sanfelice está foragido	ZH, 12/04/2008, p.51	FD 4
SD 223	Condenado a 19 anos e três meses de prisão pelo assassinato da mulher, Beatriz Helena de Oliveira Rodrigues, 43 anos, o empresário Luiz Henrique Sanfelice é considerado foragido desde as 20h de quinta-feira, horário em que deveria ter se apresentado no Presídio Estadual de Novo Hamburgo.	ZH, 12/04/2008, p.51	FD 4
SD 224	Na quinta-feira, a exemplo de apenados como o assaltante de bancos e de carros fortes Cláudio Adriano Ribeiro, o Papagaio, Sanfelice aproveitou a semiliberdade para fugir.	ZH, 12/04/2008, p.51	FD 4
SD 225	Uma das razões que podem ter contribuído para o apenado fugir é uma decisão do Tribunal de Justiça do Estado que, na quinta-feira, determinou que Sanfelice retornasse ao regime fechado. Atendendo a um recurso do Ministério Público, o TJ determinou que ele deveria passar por uma avaliação psicológica antes de retornar ao semi-aberto.	ZH, 12/04/2008, p.51	FD 4
SD 226	No final de semana, surgiram mais especulações sobre o paradeiro do fugitivo. Há quem aposte que tenha viajado ao Exterior , mas a advogada Gabriela lembra que o passaporte dele foi retido. Outros acreditam que esteja num sítio de difícil acesso, na Região Metropolitana.	ZH, 14/04/2008, p.31	FD 4
SD 227	O titular da 3ª DRM, delegado João Bancolini, disse que moradores relataram ter visto Sanfelice no sábado passado no prédio. – Tenho convicção de que ele realmente passou pelo prédio depois de quinta-feira – avaliou Bancolini.	ZH, 16/04/2008, p.42	FD 4
SD 228	Condenado a 19 anos e três meses de prisão pela morte da mulher, o ex-empresário Luiz Henrique Sanfelice, 44 anos, completou ontem seis meses como foragido.	ZH, 11/10/2008, p.44	FD 4
SD 229	Condenado por matar sua mulher, a jornalista Beatriz Oliveira, empresário é preso dois anos depois de escapar do semiaberto	ZH, 06/05/2010, p.58	FD 4
SD 230	Como faz todas as manhãs, às 9h de ontem o delegado federal Farnei Franco Siqueira, representante da Interpol (Polícia Internacional) no Rio Grande do Sul, ligou seu computador. Quase deu um pulo para trás ao ler um e-mail em espanhol, enviado por um agente da Polícia Nacional da Espanha às 3h (horário de Brasília). A mensagem, de cinco linhas concisas, era uma notícia aguardada com ansiedade: o	ZH, 06/05/2010, p.58	FD 4

	mais ilustre foragido da Justiça do Rio Grande do Sul, o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 45 anos, foi capturado terça-feira nos arredores de Sevilha, na Espanha. Ele conseguiu se esconder naquele país porque tem cidadania espanhola e brasileira.		
SD 231	A prisão foi efetuada por agentes da Polícia Nacional espanhola (a investigativa, que não usa uniforme, equivalente à Polícia Federal brasileira) a pedido da Interpol (Polícia Internacional), que tinha um mandado internacional de captura contra Sanfelice. Sem ter a exata noção da importância que Sanfelice tem para policiais gaúchos, os agentes espanhóis foram lacônicos no seu e-mail.	ZH, 06/05/2010, p.58	FD 4
SD 232	Os espanhóis também informaram que o foragido usava, na Espanha, o nome de Luiz Enrique Sanfelice Fernández. Na realidade, é uma transposição da grafia, para o espanhol, do seu nome (sua mãe tem Fernandes como um dos sobrenomes. Em espanhol, o nome da mãe vem por último).	ZH, 06/05/2010, p.58	FD 4
SD 233	O delegado José Antônio Dornelles, da superintendência regional da PF, colocou em agosto Sanfelice no boletim Difusão Vermelha, uma publicação da Interpol que lista procurados internacionais. Ela serve de alerta mundial para busca de foragidos. E incumbiu seu colega Farnei Franco Siqueira de procurar a agulha no palheiro.	ZH, 06/05/2010, p.58	FD 4
SD 234	O primeiro retorno oficial do pedido de buscas veio em 21 de abril. Num curto e-mail, um agente da Polícia Nacional espanhola enviou ao delegado Franco a informação de que Sanfelice teria requerido nacionalidade espanhola. A suspeita é de que ele era o mesmo Luiz Enrique Sanfelice Fernández que teve a carteira de identidade espanhola (o DNI) expedida em 7 de janeiro de 2009.	ZH, 06/05/2010, p.58	FD 4
SD 235	Feliz e trabalhando. Assim vivia Luiz Henrique Sanfelice na Espanha. Em contatos muito esporádicos com familiares, Sanfelice, formado em Administração de Empresas pela Unisinos, relatava estar bem e com um trabalho regular, atuando em uma empresa de segurança.	ZH, 06/05/2010, p.59	FD 4
SD 236	Casa na qual vivia o empresário condenado por morte da mulher fica em um condomínio afastado do centro da cidade	ZH, 07/05/2010, p.4	FD 4
SD 237	Luiz Henrique Sanfelice vivia em uma casa em Bollullos de la Mitación, nos arredores de Sevilha, na Espanha, depois de percorrer uma rota de fuga que incluiu passagens pelo Rio de Janeiro, onde tirou o passaporte de espanhol mesmo na condição de foragido, e por Montevideú, de onde escapou para a Europa.	ZH, 07/05/2010, p.4)	FD 4
SD 238	A Interpol (Polícia Internacional) já sabe qual foi a rota de fuga do mais famoso foragido gaúcho, o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 45 anos, recapturado esta semana na cidade espanhola de Bollullos de la Mitación. Sanfelice – comerciante do ramo calçadista, condenado por matar a própria mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira, em 2004 – refugiou-se na Espanha a partir de um tortuoso roteiro que incluiu passagens pelo Rio de Janeiro e por Montevideú.	ZH, 07/05/2010, p.4	FD 4
SD 239	O certo é que Sanfelice foi em seguida para o Rio, onde reside sua mãe, Maria de Los Angeles Fernandes Dias. Lá, pouco mais de um mês após sua fuga, o empresário conseguiu junto ao consulado da Espanha a sua nacionalidade como espanhol. A partir dela, foi possível obter o ambicionado passaporte – e concretizar a fuga. O passo seguinte foi ir ao Uruguai. Os policiais civis e federais gaúchos não sabem como Sanfelice ingressou naquele país. Têm certeza que foi por terra, porque nos	ZH, 07/05/2010, p.4	FD 4

	aerportos e portos já existia um rígido controle com alerta sobre o foragido. Via estradas, é muito mais fácil ingressar em território uruguaio. A aposta é que foi por Santana do Livramento. O capturado terça-feira nos arredores de Sevilha, na Espanha, fugiu do Brasil a partir do Uruguai. De acordo com investigações da Polícia Federal (PF), ele teria viajado via terrestre até Montevidéu, onde permaneceu por menos de uma semana, e de lá embarcado para Madri, no dia 2 de junho de 2008, utilizando a companhia aérea Iberia. Passou por Burgos. Sabe-se que esteve lá porque foi nessa cidade que tirou sua identidade espanhola, o DIN, mediante a qual lhe é permitido trabalhar naquele país. O documento foi fornecido em janeiro de 2009. Nele, Sanfelice aparece com cabelo pintado em cor mais clara e com aparência remoçada, inclusive sem a barba grisalha que cultivava na prisão.		
SD 240	Sanfelice obteve cidadania espanhola em 25 de maio de 2008, quando era foragido da Justiça.	ZH, 07/05/2010, p.4	FD 4
SD 241	Vida discreta em cidade pacata	ZH, 07/05/2010, p.5	FD 4
SD 242	Luiz Henrique Sanfelice vivia na última casa, da última rua, de um condomínio fechado, de uma cidade com pouco mais de três quilômetros quadrados de área e 8 mil habitantes, Bollullos de la Mitación, localizada no entorno de Sevilla. Levando uma vida discreta, Sanfelice não chamou sequer a atenção dos vizinhos. Era um desconhecido.	ZH, 07/05/2010, p.5	FD 4
SD 243	Ele residia em uma das casas geminadas do condomínio, considerado de classe média para os padrões espanhóis. Na Calle Sierra de Baza, onde vivia, apenas quatro das 14 residências têm moradores. As demais ainda aguardam compradores. E morando em uma rua quase deserta, Sanfelice optou por não fazer amizades com os seus poucos moradores.	ZH, 07/05/2010, p.5	FD 4
SD 244	Depois de quase um ano e meio vivendo na Espanha como um “cidadão comum”, o empresário de Novo Hamburgo Luiz Henrique Sanfelice passou a semana na cadeia, na condição de foragido internacional.	ZH, 08/05/2010, p.34	FD 4
SD 245	Mesmo que a extradição seja agilizada, a volta do fugitivo mais ilustre do Rio Grande do Sul ao Brasil deverá ocorrer somente depois de agosto.	ZH, 08/05/2010, p.34	FD 4
SD 246	De acordo com a imprensa, a vida de Sanfelice no país era tão discreta que encontrar um vizinho que o conhecesse era quase impossível. Morador da Rua Sierra de Baza, em Bollullos de la Mitación, usava o nome verdadeiro, mas o havia “espanholizado” acrescentando o sobrenome Fernández. Conforme jornais espanhóis, Sanfelice não parecia demonstrar medo de ser preso, já que chegou a pedir ajuda ao governo para um curso de formação de prática profissional (curso do sistema educativo espanhol voltado para as necessidades de diferentes setores econômicos).	ZH, 08/05/2010, p.34	FD 4
SD 247	Uma cadeia ampla, com pátio ajardinado, biblioteca e sala de TV, localizada à beira de um lago na cidade de Soto del Real, a 37 quilômetros da capital espanhola, vai receber neste domingo, ao final da tarde, o personagem de um dos crimes mais rumorosos da década no Rio Grande do Sul.	ZH, 09/05/2010, p.28	FD 4
SD 248	Rota de fuga incluiu DP e consulado espanhol no Rio	ZH, 09/05/20	FD 4

		10, p.29	
SD 249	O empresário Luiz Henrique Sanfelice, 45 anos, utilizou o passaporte espanhol para fugir da Justiça brasileira. Um preciosismo.	ZH, 09/05/2010, p.29	FD 4
SD 250	Filho de mãe espanhola, Sanfelice tem cidadania e passaporte espanhóis há cerca de 20 anos. Desde que se tornou o principal suspeito de queimar viva a mulher, a jornalista Beatriz Helena de Oliveira, a Polícia Civil desconfiava que Sanfelice partiria para Europa – policiais sustentaram esta tese ao solicitar sua prisão temporária, em 2004.	ZH, 09/05/2010, p.29	FD 4
SD 251	Nem só a PF deixou de ser informada. Zero Hora apurou que Sanfelice se aproveitou também de uma falha no Infoseg (Rede Nacional de Informações abastecida pelos Estados, que permite, entre outras coisas, aos policiais de todas unidades da federação manterem-se informados sobre cidadãos foragidos).	ZH, 09/05/2010, p.29	FD 4
SD 252	O empresário só foi inserido como foragido no Infoseg em seis de outubro de 2008, seis meses após fugir. Neste período, Sanfelice protagonizou uma cena impensável para alguém procurado pela Justiça. No dia 7 de maio, ele entrou na 16ª Delegacia da Polícia Civil do Rio de Janeiro, na Barra da Tijuca, zona nobre da capital carioca. Não para ser preso. Ele foi registrar o suposto roubo de seu passaporte espanhol. E saiu livre, como vítima. O estratagema era necessário para que Sanfelice pedisse segunda via do documento, no consulado-geral da Espanha, no Rio, o que ocorreu em 27 de maio de 2008 – documento utilizado para ingressar na Espanha.	ZH, 09/05/2010, p.29	FD 4
SD 253	A busca começou no Brasil, em julho de 2009, numa reunião informal entre o delegado Ranolfo Vieira Junior, do Deic (Polícia Civil), e seu amigo e colega Ildo Gasparetto, superintendente da Polícia Federal no Rio Grande do Sul. Os policiais civis já tinham feito de tudo desde 10 de abril de 2008. Menos de quatro anos após ser preso, Sanfelice – condenado por matar a mulher, Beatriz Helena de Oliveira – escapara naquela data de um albergue em Novo Hamburgo, onde apenas pernoitava.	ZH, 09/05/2010, p.29	FD 4
SD 254	A segunda pista veio pelo cruzamento dos diversos nomes que Sanfelice tem. Algum policial teve a ideia de “espanholizar” o nome do foragido. Com isso, Luiz Henrique virou Luiz Enrique. Sanfelice (o nome do pai) ficou no meio e Fernández, o da mãe, por último. Bingo! Apareceu nos computadores o nome Luis Enrique Sanfelice Fernández, sujeito que tirou identidade espanhola em janeiro de 2009. A foto mostrava alguém bem parecido com o fugitivo do Rio Grande do Sul, com aparência remoçada, cabelos tingidos.	ZH, 09/05/2010, p.29	FD 4
SD 255	Sanfelice foi vigiado durante 10 dias, enquanto os policiais checavam se era mesmo ele o foragido brasileiro. No final de abril, a Polícia Nacional espanhola comunicou o fato à Interpol, que solicitou formalmente a seus representantes no Rio Grande do Sul cópia das impressões digitais. Foram 10 dias de ansiedade, até que as evidências apontaram: os dois Sanfelice eram uma só pessoa.	ZH, 09/05/2010, p.29	FD 4
SD 256	– A gente tava bem tranquilo aqui. Isso aqui não é o Brasil, não é? Nós não devemos nada! – gritou.	ZH, 10/05/2010, p.39	FD 1
SD 257	O casal não fazia compras no supermercado do bairro, tampouco frequentava o badalado restaurante do vilarejo, o Serranito. Só ele dirigia, por isso o carro continua estacionado em frente à casa, no mesmo local em que foi deixado pela última vez, na terça-feira.	ZH, 10/05/2010, p.39	FD 4

SD 258	“Só quero cumprir minha pena aqui na Espanha”, diz Sanfelice	ZH, 11/05/20 10, p.43	FD 5
SD 259	– Não concordo com a pena que me foi imposta no Brasil – disse ele, segundo o advogado Agustín Díez del Blanco, uma espécie de defensor público, designado pelo Estado.	ZH, 11/05/20 10, p.43	FD 1
SD 260	Os traços do rosto delineados e a pele lisa sugerem que passou por cirurgia estética.	ZH, 11/05/20 10, p.43	FD 4
SD 261	Passados 84 dias da prisão do empresário em Sevilha pela Interpol, o governo brasileiro quer acompanhar de perto o procedimento judicial que tenta trazê-lo de volta a uma cadeia gaúcha.	ZH, 27/07/20 10, p.36	FD 4
SD 262	Além de reforçar o interesse das autoridades brasileiras de que Sanfelice cumpra o restante de sua pena de 19 anos em uma cadeia no Rio Grande do Sul e não em uma prisão espanhola, como quer o empresário, a preocupação em Brasília é que o processo se arraste ou seja suspenso por falta de algum documento complementar.	ZH, 27/07/20 10, p.36	FD 4
SD 263	Sanfelice depõe e causa revolta em autoridades	ZH, 02/10/20 10, p.39	FD 4
SD 264	Para não ser extraditado para o Brasil, o empresário Luiz Henrique Sanfelice, 43 anos, aproveitou a péssima imagem das cadeias brasileiras para tentar convencer magistrados espanhóis a mantê-lo por lá. Ao relatar ontem na Audiência Nacional – tribunal espanhol que julga questões diplomáticas – supostas sessões de torturas e extorsões durante o tempo que esteve preso , Sanfelice irritou autoridades gaúchas.	ZH, 02/10/20 10, p.39	FD 4
SD 265	Segundo o Diário de Sevilla, Sanfelice relatou ter sido torturado por 28 dias em uma cela pequena com água nos joelhos. Segundo o site Lainformacion.com, além de testemunhar 16 assassinatos na prisão, Sanfelice afirmou ter sido extorquido por policiais.	ZH, 02/10/20 10, p.39	FD 4
SD266	Para o promotor da Vara de Execuções Criminais de Novo Hamburgo, Tiago Moreira da Silva, responsável pelo pedido de extradição, Sanfelice tentou convencer os magistrados de que vivia em uma masmorra. – Não há nada no processo dele, pelo que li, que confirme essas afirmações – avaliou.	ZH, 02/10/20 10, p.39	FD 4
SD 267	O diretor do Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic), delegado Ranolfo Vieira Júnior, classificou como infundado o relato de extorsão policial. – De quem ele teria sofrido a extorsão? Não existe isso. – afirmou.	ZH, 02/10/20 10, p.39	FD 4
SD 268	Sanfelice recorre contra extradição da Espanha	ZH, 08/10/20 10, p.51	FD 4
SD 269	Agora tenho de resignar-me e cumprir o resto da minha pena	ZH, 17/02/20 11, p.44	FD 5

SD 270	“Quero voltar. A fuga foi um erro”	ZH, 17/02/20 11, p.44	FD 5
SD 271	Não retornei ao presídio de Novo Hamburgo porque me determinaram voltar ao regime fechado. Quando fiquei sabendo que tinha de voltar ao fechado, entrei em pânico, fiquei desesperado.	ZH, 17/02/20 11, p.44	FD 1
SD 272	Prefiro cumprir o resto da minha pena no Brasil. Pensei inicialmente em cumprir a pena aqui, pois as penitenciárias são melhores e poderia estudar Direito gratuitamente.	ZH, 17/02/20 11, p.44	FD 5
SD 273	Nunca me submeti a cirurgia estética. Essas fantasias são criadas por pessoas interessadas em transformar esse processo em uma novela ao estilo 007.	ZH, 17/02/20 11, p.44	FD 1
SD 274	Eu sabia que podia ser preso a qualquer momento, pois meu endereço era conhecido pela polícia. Eu nunca usei documentos falsos para me esconder.	ZH, 17/02/20 11, p.44	FD 1
SD 275	Faço duas horas de exercícios diariamente, depois estudo por mais duas horas. Trabalho como voluntário auxiliando pessoas com aids e fazendo limpeza na galeria e no ginásio de esportes além de auxiliar a servir as refeições. Nos fins de semana, participo das celebrações religiosas. Auxílio com cânticos tocando violão.	ZH, 17/02/20 11, p.44	FD 1
SD 276	Quero voltar ao Brasil e terminar de cumprir minha pena, sinto muita falta dos meus pais. A decisão de vir à Espanha foi um erro. Eu decidi não voltar ao presídio de NH em um momento de desespero e errei. Tomei a decisão sozinho e agi sozinho. Agora tenho de resignar-me e cumprir o resto da minha pena. Tenho meus filhos, minha família, amigos que me ajudam a vencer o sofrimento da prisão. Eu não matei a Beatriz.	ZH, 17/02/20 11, p.44	FD 5
SD 277	– Na nossa última conversa ele se mostrou apavorado com outro detento que estava lá há 14 meses e não recebia autorização para retornar ao seu país de origem. Ele queria voltar logo – disse Gabriela.	ZH, 08/03/20 11, p.30	FD 5
SD 278	Na chegada ao DML em Porto Alegre, empresário gritou aos repórteres: “Sou inocente, sou inocente”	ZH, 10/03/20 11, p.36	FD 1
SD 279	Depois de envolver os governos brasileiro e espanhol em um processo de extradição e voltar a uma prisão brasileira, o empresário Luiz Henrique Sanfelice, condenado pela morte da mulher, soube ontem que perderá o benefício do regime semiaberto e retornará ao fechado. Às vésperas de completar sete anos do assassinato da jornalista Beatriz Rodrigues, no domingo, Sanfelice chegou algemado e de cabeça baixa para a audiência, no Foro de Novo Hamburgo.	ZH, 10/03/20 11, p.36	FD 4
SD 280	Na saída, reagiu à decisão da juíza Vera Leticia de Vargas Stein, do 1º Juizado da Vara de Execuções Criminais Regional: – Eu não matei a Beatriz – gritou Sanfelice, três vezes.	ZH, 10/06/20 11, p.49	FD 1
SD 281	Ao classificar como decepcionante o resultado da audiência, a advogada Gabriela Michaelsen informou que recorrerá da decisão. Sanfelice justificou a fuga alegando insegurança jurídica e condições precárias nos presídios.	ZH, 10/06/20 11, p.49	FD 1

APÊNDICE B – TEXTOS QUE CONSTITUEM O CORPUS

- Texto 1** – Zero Hora, “Jornalista é morta em Novo Hamburgo”, 14/06/2004
- Texto 2** – Zero Hora, “Imagens podem elucidar morte de jornalista”, 15/06/2004
- Texto 3** – Zero Hora, “Polícia enfraquece hipótese de roubo”, 16/06/2004
- Texto 4** – Zero Hora, “Polícia busca indícios no cenário do crime”, 17/06/2004
- Texto 5** – Zero Hora, “Jornalista pode ter sido queimada viva”, 18/06/2004
- Texto 6** – Zero Hora, “Pedida prisão de marido de jornalista morta”, 20/06/2004
- Texto 7** – Zero Hora, “Preso marido de jornalista assassinada”, 20/06/2004
- Texto 8** – Zero Hora, “Por que o marido foi preso”, 21/06/2004
- Texto 9** – Zero Hora, “Sanfelice foi visto no local uma semana antes”, 22/06/2004
- Texto 10** – Zero Hora, “Defesa pede revogação da prisão”, 22/06/2004
- Texto 11** – Zero Hora, “Empresário se nega a depor na polícia”, 23/06/2004
- Texto 12** – Zero Hora, “Espionagem pode ter levado jornalista à morte”, 24/06/2004
- Texto 13** – Zero Hora, “Testemunha revela bastidores da espionagem”, 25/06/2004
- Texto 14** – Zero Hora, “A vida de Sanfelice no presídio”, 26/06/2004
- Texto 15** – Zero Hora, “Fim trágico de uma união invejada”, 27/06/2004
- Texto 16** – Zero Hora, “Polícia não confirma os álibis do principal suspeito”, 29/06/2004
- Texto 17** – Zero Hora, “Advogado assume defesa de Sanfelice e promete reviravolta”, 1º/07/2004
- Texto 18** – Zero Hora, “Foi ela quem me pediu um seguro”, 02/07/2004
- Texto 19** – Zero Hora, “Polícia refaz os passos de empresário”, 03/07/2004
- Texto 20** – Zero Hora, “A delegada do caso Beatriz”, 04/07/2004
- Texto 21** – Zero Hora, “Promotor diz que Sanfelice iria fugir”, 06/07/2004
- Texto 22** – Zero Hora, “Agora, estou exigindo justiça”, 08/07/2004
- Texto 23** – Zero Hora, “Declarações de Sanfelice lançam dúvidas sobre investigação”, 09/07/2004
- Texto 24** – Zero Hora, “Advogado vai voltar à cena do crime”, 10/07/2004
- Texto 25** – Zero Hora, “Mãe de jornalista rompe o silêncio”, 12/07/2004
- Texto 26** – Zero Hora, “Babá sustenta álibi de Sanfelice”, 18/07/2004
- Texto 27** – Zero Hora, “Suspeito de matar mulher depõe hoje à Justiça”, 20/07/2004
- Texto 28** – Zero Hora, “Não tiraria a mãe do meu filho”, 21/07/2004
- Texto 29** – Zero Hora, “Perícia aponta que Sanfelice preparou álibi antes do crime”, 24/07/2004
- Texto 30** – Zero Hora, “A prova que faltava?”, 25/07/2004
- Texto 31** – Zero Hora, “Weimann assume defesa de Sanfelice”, 03/08/2004
- Texto 32** – Zero Hora, “Testemunha diz que jornalista assassinada tinha outro amante”, 13/08/2004
- Texto 33** – Zero Hora, “Weimann traz novas provas ao caso Beatriz”, 13/10/2004
- Texto 34** – Zero Hora, “Motorista desfaz prova apresentada por Weinmann”, 14/10/2004
- Texto 35** – Zero Hora, “Empresário desabafa sobre caso da jornalista”, 15/10/2004
- Texto 36** – Zero Hora, “Justiça aguarda pedidos da defesa para decidir se Sanfelice vai à júri”, 08/11/2004
- Texto 37** – Zero Hora, “Alerta de possível fuga pode forçar remoção de Sanfelice”, 11/12/2004
- Texto 38** – Zero Hora, “Sanfelice vai a júri pelo assassinato de jornalista”, 07/04/2005
- Texto 39** – Zero Hora, “Crime de jornalista aguarda julgamento”, 11/06/2005
- Texto 40** – Zero Hora, “Morte de jornalista aguarda julgamento”, 12/06/2006
- Texto 41** – Zero Hora, “Sanfelice será julgado no dia 14 de dezembro”, 28/10/2006
- Texto 42** – Zero Hora, “Sanfelice faz a última defesa antes do júri”, 10/12/2006
- Texto 43** – Zero Hora, “Sanfelice vai a júri nesta semana”, 11/12/2006
- Texto 44** – Zero Hora, “Quem vai segurar a multidão?”, 13/12/2006
- Texto 45** – Zero Hora, “Sanfelice enfrenta tribunal”, 14/12/2006
- Texto 46** – Zero Hora, “Tive tempo para pensar”, 15/12/2006
- Texto 47** – Zero Hora, “A plateia se manifesta”, 16/12/2006
- Texto 48** – Zero Hora, “Sanfelice condenado a 19 anos de prisão”, 18/12/2006
- Texto 49** – Zero Hora, “Sanfelice vai para o semi-aberto”, 16/03/2007
- Texto 50** – Zero Hora, “Sanfelice quer trabalhar no motel do pai”, 17/03/2007
- Texto 51** – Zero Hora, “Sanfelice está foragido”, 12/04/2008
- Texto 52** – Zero Hora, “Advogada de Sanfelice deve apelar ao STJ”, 14/04/2008
- Texto 53** – Zero Hora, “Polícia busca Sanfelice na Capital”, 16/04/2008
- Texto 54** – Zero Hora, “Sanfelice foragido há seis meses”, 11/10/2008

- Texto 55** – Zero Hora, “Sanfelice recapturado”, 06/05/2010
Texto 56 – Zero Hora, “O refúgio de Sanfelice”, 07/05/2010
Texto 57 – Zero Hora, “Sanfelice vai depor na segunda”, 08/05/2010
Texto 58 – Zero Hora, “A nova casa de Sanfelice”, 09/05/2010
Texto 59 – Zero Hora, “Família de Sanfelice vive reclusa em casa na Espanha”, 10/05/2010
Texto 60 – Zero Hora, “‘Só quero cumprir minha pena aqui na Espanha’, diz Sanfelice”, 11/05/2010
Texto 61 – Zero Hora, “Itamaraty envia pedido de extradição”, 02/06/2010
Texto 62 – Zero Hora, “Brasil força extradição de gaúcho”, 27/07/2010
Texto 63 – Zero Hora, “Sanfelice depõe e causa revolta em autoridades”, 02/10/2010
Texto 64 – Zero Hora, “Sanfelice recorre contra extradição da Espanha”, 08/10/2010
Texto 65 – Zero Hora, “Sanfelice cumprirá pena no Brasil”, 17/02/2011
Texto 66 – Zero Hora, “Dois policiais vigiarão viagem de volta de Sanfelice ao Brasil”, 08/03/2010
Texto 67 – Zero Hora, “A discreta volta à prisão gaúcha”, 10/03/2011
Texto 68 – Zero Hora, “Juíza manda Sanfelice voltar a regime fechado”, 10/06/2011